

Edição Original: Merit Publishers Fifth Edition, 1969 New York, N. Y. 10003

***An Introduction to the Logic of Marxism* by GEORGE NOVACK**

Traduzido da Terceira Edição em Espanhol

Ediciones Pluma 1976-Buenos Aires - Argentina

Tradução: Anderson R. Félix

Revisão: Andréa G. Santos. Rúbio M. Silva

PRÓLOGO DA EDIÇÃO ARGENTINA

Este livro se soma, felizmente, a outros publicados ultimamente em nosso idioma, que tratam sobre o mesmo tema: Lógica Formal, Lógica Dialética, de Lefèbvre, e Crítica da ideologia contemporânea de Della Vólpe.

Deste último autor conhecíamos já Rousseau e Marx e sua contribuição e de seus discípulos à polêmica sobre: "o círculo concreto-abstrato-concreto". Trata-se da interpretação de O Método da Economia Política de Marx e a polemica que se levou a cabo na revista Rinascita do Partido Comunista Italiano e foi publicada no primeiro número da revista Passado e Presente de Córdoba. Também foi traduzido um importante trabalho dessa escola, como o livro de Mário Rossi: Marx e a dialética hegeliana. Falta traduzir do mesmo Delia Volpe sua Lógica como scienza positiva. Sem dúvida, se levamos em conta que nestes últimos anos foram publicados vários trabalhos de importância, relacionados direta ou indiretamente com a metodologia marxista (principalmente os de Althusser, uma quantidade de obras referidas ao estruturalismo e ao materialismo histórico e dialético, as obras de Piaget, assim como as de Goldmann, Lucaks, Marcusse e Sartre, que se ocupam das relações entre o marxismo, a epistemologia, a sociologia e Hegel) não podemos nos queixar.

A obra de Novack que apresentamos, como toda a de Lefèbvre, se caracteriza por reivindicar a influência de Hegel em Marx e por procurar popularizar os ensinamentos mais gerais dos grandes mestres do marxismo. Mas a de Novack tem uma diferença com a de Lefèbvre: sua explicação da lógica em geral e da marxista em particular tem como fim a atividade política revolucionária. Ele une ao seu profundo conhecimento científico da matéria - em especial de Hegel, Marx, Engels, Lenin e Trotsky -, sua condição de militante revolucionário que fala para ensinar ou aperfeiçoar um método de pensamento em outros revolucionários. Seus exemplos são tirados da ação diária dos militantes para ser levados à mesma ação. Lefèbvre pretende o mesmo quando escreve, mas em suas páginas destaca pela tentativa de ser escutado principalmente por intelectuais e não por militantes. Por isso seus exemplos, como suas regras, sejam em geral mais para a investigação científica que para a atividade política. Os exemplos políticos de Lefèbvre são alguns entre tantos possíveis; podem se por estes ou outros, como se fossem relacionados ramos iguais do saber. Para um marxista conseqüente o conhecimento não é uma soma de partes, ou seja, uma acumulação de distintas ciências, mas uma combinação na qual deve predominar o aspecto militante, político-revolucionário. A importância da atividade política não entra em contradição com a ciência, já que o marxismo é a primeira e única política científica, que combina um movimento social (a classe operária em luta pelo socialismo) com a ciência, fazendo que a política deixe de ser ideologia, como havia sido até seu aparecimento. Neste sentido podemos considerar a obra de Novack inspirada nas mesmas fontes que a de Lefèbvre e com muitos pontos de contato com esta, como superior.

As mesmas circunstâncias que originaram este livro explicam seu caráter. As palestras foram realizadas no ano de 1942, quase trinta anos atrás, depois que a divisão do Socialist Work Party¹, dos EUA, no qual militava o autor.

No ano de 1940 o S.W.P. se divide entre os que estão pela defesa da URSS de todo ataque de um país imperialista e os "antidefensistas". Em 1939 a URSS havia assinado um pacto com a Alemanha de Hitler, invadindo e repartindo a Polônia com o nazismo. Esta traição de Stalin sua nauseabunda política provocaram justa indignação dos círculos intelectuais norte-americanos Mas

esta justa indignação os levou a uma caracterização incorreta da URSS. Esta se integrou ao S.W.P. através de uma fração "antidefensista" (chamada assim em oposição à maioria do partido que sustinha a defesa incondicional da URSS ante todo ataque de um país imperialista) posição antidefensista - belo exemplo dessa forma pequeno-burguesa de raciocínio, impressionista, que confunde aparência com essência - era a seguinte: "Se a URSS se põe de acordo com a Alemanha para invadir a Polônia e se apoderar de parte de seu território, não há nenhuma diferença entre a URSS e a Alemanha ou qualquer outro país imperialista". A outra fração sustinha que havia uma diferença enorme: Alemanha era imperialista; a URSS era um estado operário degenerado. Como explicar então a contradição interna da URSS, que sendo operária se uniu a um país imperialista para invadir uma pequena nação? E como explicará então a contradição em ambos os países, que os levaria depois à guerra? A resposta a estas perguntas colocava, entre outras, um problema de método. Por isso não foi casual que um dos temas debatidos na luta interna S.W.P. tenha sido o da dialética, único método que podia explicar estas contradições. A Rússia é um estado operário, mas degenerado; como um sindicato, era dos operários, mas sua direção era burocrática. E isto explicava sua política interior e exterior. Daí as conclusões diametralmente opostas. A fração definida por Trotski como representante do partido proletário em processo de formação, dava esta explicação das contradições e sustinha que a URSS devia ser defendida de todo ataque de um país imperialista, como um estado operário, embora isto se combinasse com o objetivo de tirar do comando a direção burocrática. A fração antidefensista, pequeno-burguesa em sua composição social, não via as contradições, tomava só um fato - a política exterior da URSS nesse momento - para concluir "é imperialista"; e portanto não deve ser defendida pelos revolucionários.

A última lição de Trotski a seus discípulos norte-americanos foi justamente sobre esta polémica interna da defesa da URSS e da dialética. Novack, nas palestras reunidas neste livro populariza os ensinamentos dos grandes mestres do socialismo, principalmente Trotski, sobre dialética como uma forma de resistir à pressão da intelectualidade norte-americana que seguia aferrada à forma de pensar tradicional deste país, o empirismo e o pragmatismo anglo-saxão.

Por isso este livro tem, além de seu valor intrínseco, outro muito importante: é um dos primeiros que populariza e defende o marxismo dentro dos Estados Unidos. Uma razão a mais para ressaltar todo o seu significado.

Buenos Aires, Junho de 1973.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO EM INGLÊS

A lógica analisada neste livro é tão diferente da que se estuda em cursos escolares que podem parecer duas ciências virtualmente diferentes. Existe uma razão profunda para esta contradição: as posições opostas tomadas pelas escolas acadêmica e marxista sobre as relações entre pensamento e realidade, mais especificamente, entre a lógica e o mundo externo. Os lógicos formais (não levamos em conta as diferenças que se dão entre eles) supõem ou afirmam que a lógica se desenvolve essencialmente na mente e não está necessária e indissolúvelmente ligada à sociedade e à natureza. Em suma, são ambíguos e evasivos sobre esta questão filosófica básica.

A lógica marxista, pelo contrário, toma uma posição definida sobre as relações entre as leis e formas do pensamento e o resto da realidade. Afirma que o que sucede na mente humana, tanto em conteúdo como em estruturas, é inseparável do que acontece nas relações sociais e no mundo físico, e que a evolução do pensamento é parte do processo total de evolução orgânica. Portanto, uma lógica materialista parece estranha em sua forma e conteúdo a quem está acostumado às concepções de uma lógica supostamente desconectada do mundo que nos rodeia. Ainda bem, é precisamente esta construção da lógica marxista, tão alheia e inaceitável para as correntes predominantes da teoria lógica, que dá valor, poder e utilidade excepcionais ao método dialético do pensamento materialista.

Que valor tem uma lógica cujas raízes não se insiram no mundo material continuamente em mudança, não permanece em constante comunhão com ele e não pode ser aplicada aos processos e

problemas em que estamos envolvidos? Como, ao contrário da lógica pura dos professores, a lógica marxista tenta acompanhar a realidade, encaramos melhor e temos maior êxito com ela que com qualquer outra em atingir um guia racional para a ação prática.

Estas palestras foram originalmente proferidas em Nova Iorque, em 1942, pouco depois da oposição encabeçada por James Bumham e Max Schachtman ter se separado do S.W.P. Naquela polemica interna, Bumham havia negado a validade da lógica dialética, enquanto Schachtman questionava sua utilidade para resolver problemas sociológicos e políticos.

No último ano de sua vida Trotski susteve uma profunda polemica, registrada em "Em Defesa do Marxismo", contra estes antidialéticos. Instigou aos membros do Partido, em especial aos jovens, a deixar de lado o ceticismo a respeito da dialética inculcado pelos lógicos pragmáticos e positivistas e a iniciar estudos sérios sobre o método teórico do socialismo científico.

A evolução posterior de Bumham e Schachtman foi um testemunho involuntário da pertinência da dialética que eles tão facilmente descartavam. Ambos representam dois tipos diferentes de desvio na luta de classes. Ao abandonar o trotskismo, Bumham passou rapidamente à extrema direita e está hoje na primeira linha da luta anticomunista. Depois de uma infrutífera tentativa de formar seu próprio grupo político, Schachtman se encontra agora na ala do Partido Socialista que busca um realinhamento de forças com o Partido Democrata. Um percorreu todo o caminho até a reação capitalista; o outro passou do marxismo revolucionário a um reformismo indistinguível do liberalismo. Total ou parcial, sua mudança de uma posição política a outra ilustra o que se chama de "transformação dialética".

Desastres muito mais alarmantes tiveram lugar no plano internacional nesses mesmos vinte anos. Consideremos as alianças entre as grandes potências. Hitler acabava de romper seu pacto com Stalin e invadir a União Soviética. Alemanha, Itália e Japão estavam vencendo aos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética. Três anos depois caía vencido o Eixo.

Os aliados vitoriosos haviam falado em prosseguir sua colaboração no mundo pós-guerra. Mas, nem bem caíram seus inimigos comuns, a coalizão temporária de forças sociais contraditórias no campo aliado foi deixada de lado. Na guerra fria que se seguiu, os sócios de ontem se tornaram adversários, enquanto que o primitivo Eixo inimigo se transformou e realinhou suas forças na frente anti-soviética.

Essas mudanças demonstraram que a dialética operava no campo da política mundial como no esquerdismo norte-americano. Atualmente a lógica implícita no conflito sino-soviético indica um novo reordenamento na trama das relações internacionais.

Estas mudanças estão relacionadas com o ressurgimento da revolução mundial a partir de fim da segunda guerra mundial. No início do século XX o capitalismo em ascenso tinha o mundo inteiro em suas mãos. Na segunda metade do século já lhe escapou a terça parte.

Este debilitamento do capitalismo internacional pelas forças do socialismo constitui a mudança mais importante nas relações sociais durante os últimos tempos. Suas bases materiais estão dadas pela luta de classes entre capital e trabalho. Sua explicação lógica se encontrará nas leis da dialética que asseguram que tudo muda pela superação das contradições internas e segue mudando até que, através de um salto qualitativo de caráter essencialmente evolucionário, a velha estrutura se quebra e se ergue uma nova que demonstra força superior.

Como os acontecimentos nesta época de revolução permanente se desenvolvem de acordo com as leis da dialética, os defensores do *status quo* desvalorizam a lógica marxista para não terem que questionar suas próprias idéias. Dizem que a dialética é uma mística sem sentido que nenhuma pessoa sensata pode compreender ou aplicar. Isto dificilmente explica por que tantas mentes capazes no século passado aceitaram a filosofia marxista como válida, nem por que povos inteiros a tomam como guia, com brilhantes avanços a seu favor em ciências, tecnologia, educação e indústria.

Incapazes de desmentir esses fatos, os soviétólogos tentam desacreditar a dialética associando-a ao estalinismo. É, afirmam, uma das principais origens e suporte ideológico do totalitarismo e do controle do pensamento. É claro que o regime de Stalin proclamava estar

desenvolvendo o marxismo, ao mesmo tempo de que se disfarçava de "socialista". Não existiu nada benéfico desde o fogo à energia nuclear, nem nada progressivo desde a democracia até o socialismo, que não tenha sido pervertido com propósitos reacionários. O imperialismo folga em usar a consigna slogan da democracia para encobrir suas vilanias. Da mesma forma, o estalinismo desvirtuou os ensinamentos do materialismo dialético tomando-os escolásticos e sofisticos, para que servissem às necessidades da burocracia soviética. Mas ironicamente a genuína dialética se vingou do ditador que abusou dela. Os mesmos discípulos que oficialmente o idolatraram durante mais de trinta anos se viram obrigados a denunciar suas mentiras e seus crimes depois de sua morte. Seus sucessores começaram um processo de desestalinização que não se animam a levar muito longe porque significaria renunciar a seu próprio poder burocrático. Isto significa que nas próximas etapas da luta por uma democracia operária a tendência de Krushev sentirá também o látigo da dialética. Somente com a total erradicação da herança estalinista em todos os campos, desde a filosofia à economia e política, poderá ser restaurada uma dialética marxista emancipada e autêntica no pensamento soviético. Em nenhum lugar se tem tão pouca estima pela dialética como nos Estados Unidos, a pátria do pragmatismo. Aqui é tão impopular como as outras idéias do socialismo.

Os orgulhosos dirigentes da América depreciam a dialética da história. Eles esperam confiantemente desfrutar das riquezas adquiridas com o trabalho alheio e ocupar indefinidamente a cadeira de comando.

Os multimilionários e seus asseclas não podem conceber que algum dia possam seguir os mesmos rumos que as primeiras classes dominantes, os senhores britânicos e escravagistas do Sul, que foram depostos pelo levante revolucionário do povo americano, quando já não cumpriam nenhuma função. Nem sequer a abolição da propriedade e poder capitalista que desde 1917 percorreu desde a Rússia até Cuba alteraram sua complacência. Eles vêm no movimento anticapitalista como uma ameaça puramente externa que nunca se apresentará nem encontrará base de apoio em seu domínio privado.

É verdade que os conflitos externos que acoçam aos imperialistas dos EUA são mais candentes e conflituosos que os domésticos. Sem dúvida que o surgimento do "*Freedom Now*"² dos negros americanos significa que nem sequer o setor mais forte do capitalismo é imune ao vírus da rebelião. E, ainda que não se tenha difundido à massa dos trabalhadores brancos, pode ser contagioso. As múltiplas contradições do capitalismo norte-americano têm raízes demasiado profundas e são potencialmente demasiado explosivas para serem reprimidas ou relegadas definitivamente. Seu desenvolvimento posterior resultará em conseqüências inesperadas.

Quem poderia imaginar a vinte anos a oposição à "estratégia do terror?" Quando proferi estas palestras em Nova Iorque em 1942, as primeiras provas de fissão atômica estavam sendo realizadas em Chicago. O aperfeiçoamento dos mísseis guiados com ogiva nuclear revolucionou atualmente a tecnologia militar e a perspectiva mundial. Com enormes possibilidades de matar em grande escala, a Casa Branca e o Pentágono encaram hoje o seguinte dilema: Qual o valor de uma guerra que não só aniquilará o inimigo, mas também e ao mesmo tempo a toda a humanidade? Semelhante "vitória" poderia ser a mais catastrófica das derrotas.

Esta contradição crucial máxima diz mais respeito à população norte-americana que aos militares. Washington estava pronta para lançar as bombas H durante o confronto com Moscou em outubro de 1962. A questão ainda permanece: permitiremos aos dirigentes enlouquecidos ameaçar nossas vidas com esses planos mortíferos ou o povo despertará e se organizará para substituir e desarmar aos irresponsáveis fabricantes de guerras e salvará o mundo e a humanidade. Nosso futuro depende da forma que se resolva esta crise.

Estes graves problemas políticos podem parecer completamente alheios ao estudo da lógica. Mas esta é a lógica objetiva, real, do método da política imperialista. Estamos correndo contra o tempo para impedir que os fanáticos da propriedade privada nos condenem a todos em seu esforço insano por preservar um sistema condenado.

O método dialético marxista pode nos ajudar a entender como chegamos a uma situação tão

irracional e como encontrar uma saída racional e realista através da luta pelo socialismo. Esta é a justificação prática de um trabalho teórico deste tipo.

1º de novembro de 1963.

Introdução à lógica (George Novack)3

Primeira palestra: A LÓGICA FORMAL E A DIALÉTICA

Estas palestras versam sobre as idéias do materialismo dialético, a lógica do marxismo. Já lhes ocorreu pensar que tarefa fantástica é esta? Temos aqui reunidos membros e simpatizantes de um partido político revolucionário perseguido pelo governo, no fragor da Segunda Guerra Mundial, a maior guerra da história. Estes operários, estes revolucionários profissionais se reuniram não para discutir e decidir sobre assuntos relacionados com a ação imediata, mas com o propósito de estudar uma ciência que parece tão alheia da luta política diária como a matemática superior.

Que contraste com a caricatura maliciosa do movimento marxista deliberadamente pintada pelos capitalistas! As classes possuidoras descrevem os socialistas revolucionários como indivíduos enlouquecidos que se enganam a si mesmos e aos demais com fantásticas visões de um mundo dirigido pelos trabalhadores. Os dirigentes capitalistas são como crianças que não podem conceber um mundo no qual eles não existam e no qual não sejam figuras centrais.

Eles declaram estar guiados pela lógica e pela razão. Hoje em dia basta dar uma olhada pelo mundo para determinar quem é irracional e quem é sadio, se os capitalistas ou seus oponentes revolucionários. Os atuais donos da sociedade perderam o rumo e estão se comportando como dementes. Pela segunda vez em um quarto de século afundaram o mundo no assassinato coletivo, colocaram a corda no pescoço da civilização e ameaçam destruir o resto da humanidade. E os porta vozes desses desequilibrados pretendem nos chamar de "loucos" e à nossa luta pelo socialismo de "irrealidade"! Não; a coisa é ao contrário. Ao lutar contra o caos enlouquecido do capitalismo e por um sistema socialista livre de exploração e opressão de classes, guerras, crise, escravidão imperialista e barbárie, nós, os marxistas, somos os indivíduos mais razoáveis que existem. É por isso que, diferente de outros grupos políticos e sociais, nós tomamos a ciência da lógica tão a sério. Nossa lógica é o instrumento indispensável para prosseguir na luta contra o capitalismo e pelo socialismo.

A lógica da dialética materialista é sem dúvida muito diferente da lógica predominante no mundo burguês. Nos propomos a provar que nosso método, como nossas idéias, é mais científico, muito mais prático e também muito mais "lógico" que qualquer outra lógica. Nós sustentamos, com maior compreensão e alcance, o princípio fundamental da ciência de que existe uma lógica interna das relações em toda realidade e que as leis desta lógica podem ser conhecidas e transmitidas. O mundo social que nos cerca não faz sentido só para aqueles que o analisam superficialmente. Existe um método ainda na loucura da classe capitalista. Nossa tarefa é descobrir quais são as leis mais gerais dessa lógica interna da natureza, da sociedade e da mente humana. Enquanto os burgueses perdem suas cabeças, nós cuidaremos para melhorar e clarear as nossas.

Temos excelentes precedentes para nos guiar nesta jornada. Durante o início da Primeira Guerra Mundial, Lenin, exilado em Berna, Suíça, resumiu seu estudo sobre a lógica hegeliana simultaneamente com o desenvolvimento do programa bolchevique de luta contra a guerra imperialista. As conseqüências deste trabalho teórico se encontram em todos os seus escritos, idéias e atuações posteriores. Lenin se preparou e preparou seu Partido para os eventos revolucionários vindouros estudando a fundo a dialética.

Nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, enquanto concluía a luta contra a oposição pequeno-burguesa no S.W.R, Trotski insistiu sempre sobre a crucial importância do método dialético para a política socialista revolucionária. Seu livro Em Defesa do Marxismo gira em torno deste eixo teórico.

Nesta como em todas as nossas atividades nos guiamos p<ê>los l \acute deres do socialismo cient \acute fico que ensinaram a verdade dial \acute tica de que n \acute o h \acute a nada mais pr \acute tico em pol \acute tica prolet \acute ria que o correio m \acute todo de pensamento. Esse m \acute todo s \acute pode ser o da dial \acute tica materialista, que vamos estudar.

1. Defini \acute o preliminar de l \acute gica

A l \acute gica \acute uma ci \acute ncia. Toda ci \acute ncia estuda um tipo particular de proposi \acute o em conex \acute o com outros tipos de proposi \acute es concretas, e trata de descobrir as leis gerais e as formas espec \acute ficas dessa rela \acute o. A l \acute gica \acute a ci \acute ncia dos processos do pensamento. Os l \acute gicos investigam o processo de pensamento que se produz nas mentes humanas e formulam as leis, formas e inter-rela \acute es desses processos mentais.

Dois tipos principais surgiram das grandes etapas do desenvolvimento da ci \acute ncia l \acute gica; a l \acute gica formal e a l \acute gica dial \acute tica. Estas s \acute o as formas mais altamente desenvolvidas de proposi \acute es intelectuais. Tem como fun \acute o a compreens \acute o consciente de todo tipo de proposi \acute o, incluindo-se a elas mesmas.

Mesmo que a princ \acute pio estejamos interessados na dial \acute tica materialista, n \acute o consideraremos diretamente o m \acute todo dial \acute tico de racioc \acute nio. Nos aproximaremos da dial \acute tica indiretamente, examinando primeiro as id \acute ias fundamentais de outra forma de racioc \acute nio: o m \acute todo l \acute gico formal. Como sistema de pensamento, a l \acute gica formal \acute o p \acute lo oposto da dial \acute tica materialista. Ent \acute o, por que come \acute amos nosso estudo do m \acute todo dial \acute tico estudando seu oposto dentro da ci \acute ncia l \acute gica?

2. O desenvolvimento da l \acute gica

Existem excelentes raz \acute es que avalizam este procedimento. Antes de tudo, no curso do desenvolvimento hist \acute rico a dial \acute tica surgiu da l \acute gica formal. Esta foi o primeiro grande sistema de conhecimento cient \acute fico do processo do pensamento, a consuma \acute o do trabalho filos \acute fico dos antigos gregos, o \acute pice que coroou o pensamento grego. Os primeiros pensadores gregos fizeram importantes descobertas acerca da natureza do processo de pensamento e seus produtos. Quem o sintetizou foi Arist \acute teles, que recopilou, classificou e sistematizou esses resultados positivos das investiga \acute es acerca do pensamento e criou assim a l \acute gica formal. Euclides fez o mesmo com a geometria elementar, Arquimedes com a mec \acute nica, Ptolomeu de Alexandria com a astronomia e geografia. Galeno com a anatomia.

A l \acute gica aristot \acute lica manteve seu predom \acute nio soberano no reino do pensamento durante dois mil anos. N \acute o teve rival at \acute que foi desafiada, derrotada e afastada pela dial \acute tica, o segundo grande sistema da ci \acute ncia l \acute gica. A dial \acute tica \acute o produto de um movimento cient \acute fico revolucion \acute rio que engloba s \acute culos de trabalho intelectual. \acute a consuma \acute o do trabalho intelectual dos mais destacados fil \acute sofos da revolu \acute o democr \acute tico-burguesa da Europa Ocidental desde o s \acute culo XVI ao XIX. Hegel, o tit \acute da escola burguesa alem \acute revolucion \acute ria de filosofia idealista, foi a cabe \acute a pensante que transformou a ci \acute ncia l \acute gica ao ser o primeiro, como assinalou Marx, em "exp \acute or as formas gerais de funcionamento (da dial \acute tica) em uma forma ampla e totalmente consciente".

No campo da l \acute gica Marx e Engels foram disc \acute pulos de Hegel. Por sua vez efetuaram uma revolu \acute o dentro da revolu \acute o hegeliana da ci \acute ncia l \acute gica ao expurgar sua dial \acute tica de elementos m \acute sticos e assent \acute -la sobre bases materiais concretas.

Portanto, se nos aproximarmos da dial \acute tica materialista atrav \acute s da l \acute gica formal, estaremos recriando os passos do desenvolvimento hist \acute rico da ci \acute ncia l \acute gica, que seguiu justamente este caminho.

Seria err \acute neo deduzir deste breve panorama da hist \acute ria da l \acute gica que os gregos n \acute o sabiam nada de dial \acute tico ou que Hegel e Marx renegaram totalmente as id \acute ias da l \acute gica formal. Como ressaltou Engels: "Os fil \acute sofos da Gr \acute cia antiga foram todos dial \acute ticos por natureza e Arist \acute teles, o

intelecto mais enciclopédico dentre eles, já havia analisado as formas mais essenciais do pensamento dialético". Apesar disso, a dialética permaneceu como elemento embrionário no pensamento grego. Os filósofos gregos não tiveram êxito, ou melhor, não poderiam tê-lo ao desenvolver seus conhecimentos confusos e dar-lhes forma científica sistemática. Deixaram à posteridade em forma acabada a lógica formal aristotélica. Ao mesmo tempo suas observações dialéticas, suas críticas ao pensamento formal e seus paradoxos colocaram pela primeira vez os problemas e as limitações da lógica formal, com as quais lutou a ciência lógica nos séculos subseqüentes e que seriam resolvidos pelos dialéticos hegelianos e a seguir pelos marxistas.

Estes dialéticos modernos não consideram inútil a lógica formal. Pelo contrário; afirmam que a lógica formal não só foi um método de pensamento histórico necessário, mas também indispensável, ainda agora, para um pensar correio. Mas em si mesma a lógica formal era claramente deficiente. Seus elementos válidos se converteram em parte constitutiva da dialética. A relação entre lógica formal e dialética se inverteu. Assim como entre os filósofos clássicos gregos predominavam os aspectos formais e tinham menos importância os dialéticos, na escola moderna a dialética ocupa a primeira fila e o lado puramente formal da lógica se subordina a ela.

Como estes dois tipos opostos de pensamento tem tantos pontos em comum e a lógica formal entra como material estrutural na formação da lógica dialética, seria útil que nos ocupássemos primeiro da lógica formal. Ao estudar a lógica formal nos encontramos já a caminho da dialética. Apresentando as omissões ou limitações da lógica formal, nos encontraremos concretamente na fronteira que separa a lógica formal da dialética. Hegel expressou a mesma idéia em sua Lógica assim: "No limite é próprio ser uma contradição que ultrapassa a si mesma".

Deste procedimento podemos finalmente derivar uma importante lição sobre o pensamento dialético. Hegel assinalou uma vez que nada se conhece realmente até que se conheça seu oposto. Não podemos, por exemplo, conhecer realmente a natureza de um assalariado até que conheçamos o que é o seu oposto socioeconômico, o capitalista. Não podemos saber o que é o trotskismo até ter mergulhado no mais profundo da essência de sua antítese política, o estalinismo. Da mesma forma não podemos aprender a natureza da dialética sem primeiro compreender a fundo sua predecessora histórica e antítese teórica, a lógica formal.

3. As três leis básicas da lógica formal

Existem três leis básicas da lógica formal. A primeira e mais importante é a lei da identidade. Pode ser formulada de várias maneiras. Assim: uma coisa é sempre igual ou idêntica a si mesma. Em termos algébricos: A é igual a A .

A formulação particular desta lei é secundária em relação à idéia que envolve. O conteúdo essencial da identidade formal "uma coisa é sempre igual a si mesma" é equivalente a assegurar que sob qualquer condição permanece única e a mesma. Uma determinada coisa existe absolutamente para todo momento. Como costumam dizer os físicos: "a matéria não pode ser criada nem destruída", ou seja, a matéria segue sempre sendo matéria.

Esta afirmação incondicional da absoluta identidade de uma coisa consigo mesma exclui as diferenças dentro da essência das coisas ou do pensamento. Se uma coisa é sempre e sob qualquer condição igual ou idêntica a si mesma, não pode ser nunca desigual ou diferente de si mesma. Esta conclusão deriva lógica e inevitavelmente da lei da identidade. Se A é sempre igual a A , nunca será igual a não- A .

Esta conclusão é explicitada na segunda lei da lógica formal: a lei da contradição, que diz: A não é não- A . Esta não é mais que a formulação negativa da afirmação expressada na primeira lei da lógica formal. Se A é A surge, de acordo com o pensamento formal, que A não pode ser não- A . Assim, a segunda lei da lógica formal, a lei da contradição, constitui o complemento essencial da primeira lei.

Alguns exemplos: um homem não pode ser inumano.; uma democracia não pode ser não-democrática; um assalariado não pode ser um não-assalariado.

A lei da contradição significa a exclusão da diferença na essência das coisas e no pensamento. Se A é sempre necessariamente idêntico a si mesmo, não pode ser diferente de si mesmo. Diferença e identidade são, de acordo com essas duas regras lógicas, características completamente distintas, absolutamente desconectadas e mutuamente excludentes, das coisas e do pensamento.

Esta qualidade de exclusão mútua das coisas está expressamente indicada na terceira lei da lógica formal, a lei do terceiro excluído. De acordo com ela as coisas são e devem ser uma de duas mutuamente excludentes. Se A é igual a A, não pode ser igual a não-A. A não pode ser parte de duas classes opostas ao mesmo tempo. Cada vez que duas proposições ou estado de coisas opostos se enfrentam, não podem ser ambos correios ou falsos. A é B ou não é B. A certeza de um juízo implica invariavelmente na incorreção de seu contrário e vice-versa. A terceira é uma combinação das duas leis anteriores e surge logicamente delas.

Estas são as bases da lógica formal. Todo raciocínio formal funciona de acordo com estas proposições. Durante dois mil anos foram os inquestionados axiomas do sistema aristotélico de pensamento, tal como a lei de troca de valores equivalentes é a base da sociedade de produção de mercadorias.

Permitam-me citar um exemplo interessante deste tipo de pensamento, tomado dos escritos de Aristóteles. Em suas Análises Posteriores diz que um homem não pode aprender primeiro que o homem é essencialmente animal - ou seja, que não pode ser outra coisa que animal - e a seguir que não é essencialmente animal, assumir que é diferente de animal. É dizer que um homem é essencialmente um homem e nunca pode ser ou ser pensado como um não-homem.

Assim deve ser de acordo com os princípios das leis da lógica formal. Mas isto contradiz os fatos. A teoria da evolução ensina que o homem é essencialmente animal e não pode ser outra coisa que não animal. Falando logicamente, o homem é um animal. Mas também sabemos da teoria da evolução social, que é uma continuação e aprimoramento da evolução puramente animal, que o homem é mais e é outra coisa além de animal. Ou seja, que não é essencialmente animal mas homem, que é um ser bastante diferente dos outros animais. Somos e sabemos que somos duas coisas diferentes e mutuamente excludentes ao mesmo tempo, ainda que pese a Aristóteles e à lógica formal.

4. Conteúdo concreto e realidade objetiva dessas leis

Através destes exemplos vemos que rápida e espontaneamente surge o caráter dialético das coisas e do pensamento, ao fazer uma consideração crítica da lógica formal. Apesar de minhas boas intenções de restringir o enfoque à lógica formal, perceberão que fui forçado a saltar sei limites no momento que quis chegar à verdade das coisas. Agora voltemos ao campo da lógica formal. Já esclareci antes que os modernos dialéticos não negam toda verdade às leis da lógica formal. Semelhante atitude seria contrária ao espírito da dialética que vê algum elemento verdade em todas as afirmações. Ao mesmo tempo a dialética nos permite detectar as limitações e erros do pensamento formal sobre as coisas.

As leis da lógica formal contêm importantes e inegáveis elementos de verdade. São generalizações razoáveis e não idéias puramente arbitrárias tiradas do nada. Não foram impostas ao pensamento e ao mundo real por Aristóteles e seus seguidores e logo imitadas servilmente por milhares de anos. Milhões de pessoas que nunca ouviram falar de Aristóteles ou de lógica tem pensado e seguem fazendo-o de acordo com as leis que formulamos. Da mesma forma todos os corpos caem mais ou menos de acordo com as leis de movimento de Newton mesmo quando, exceto es corpos humanos, são incapazes de compreender as teorias. Por que as pessoas pensam e as coisas atuam no mundo de acordo com as generalizações teóricas de Aristóteles e Newton? Porque a essência natural da realidade os leva a pensar ou atuar dessa forma. As leis de pensamento de Aristóteles têm tanto conteúdo concreto e tanta base no mundo real como as leis do movimento mecânico de Newton. "...nossos métodos de pensamento, ambos, a lógica formal e a dialética, não

são construções arbitrárias de nossa razão mas simplesmente expressões de inter-relações reais na própria natureza." (Trotsky, Em defesa do Marxismo).

Quais características da realidade concreta se refletem e reproduzem conceitualmente nestas leis formais de pensamento?

A lei da identidade formula o fato concreto de que determinadas coisas e alguns de seus traços persistem e mantêm reconhecível similaridade em meio a suas mudanças. Sempre que existe uma continuidade essencial na realidade, a lei da identidade é aplicável.

Não podemos aliar nem pensar corretamente sem obedecer, consciente ou inconscientemente, esta lei. Se não pudéssemos reconhecer a nós mesmos momento a momento e dia a dia – e tem gente que não pode, já que por amnésia ou outro distúrbio mental perdeu a consciência da própria identidade - estaríamos perdidos. Mas a lei da identidade não é menos válida para o resto do universo que para a consciência humana. Aplica-se todos os dias e em todas as partes da vida diária. Se não pudéssemos reconhecer a peça de metal através de todas as transformações que sofre, não iríamos muito longe na produção. Se o agricultor não pudesse acompanhar o cereal que planta de semente a espiga e logo a farinha, a agricultura seria impossível. O bebê dá um grande passo na compreensão do mundo quando se dá conta do fato de que a mãe que o amamenta segue sendo a mesma através dos distintos momentos. O reconhecimento dessa verdade não é mais que uma instância particular do reconhecimento da lei da identidade.

Se não pudéssemos dizer o que tem sido um estado operário através de todas as suas mudanças, facilmente erraríamos na compreensão das complicadas circunstâncias da luta de classes contemporânea. Concretamente, os opositores pequeno-burgueses se equivocaram a respeito da questão russa, não só porque se opuseram à dialética, mas especialmente porque não puderam aplicar corretamente a lei de identidade ao processo de desenvolvimento da União Soviética. Não puderam entender que apesar de todas as mudanças ocorridas na URSS por sua degeneração sob o estalinismo, a União Soviética manteve os fundamentos sócio-econômicos do estado operário criado pelos operários e camponeses russos na Revolução de Outubro.

A correta classificação, partindo da comparação de similaridades e diferenças, é a base e o primeiro passo de toda investigação científica. A classificação - a inclusão de algumas coisas em uma mesma classe, a exclusão de outras e sua reunião em classes diferentes - seria impossível sem a lei da identidade. A teoria de Darwin da evolução orgânica se originou e depende do reconhecimento da identidade essencial de todas as diversas criaturas que povoam a Terra. A lei de Newton do movimento mecânico generalizou em um só todos os movimentos dos corpos, desde a queda de uma pedra até a rotação dos planetas no sistema solar. Toda ciência, tomada como processo do intelecto, repousa em parte sobre essa lei da identidade.

A lei da identidade nos leva a reconhecer o igual na diversidade, a permanência nas mudanças, a separar as similaridades básicas entre instâncias e entidades separadas e aparentemente diferentes, a descobrir os laços que na realidade as unem, a traçar as conexões entre fases diferentes e consecutivas do mesmo fenômeno. É por isso que a descoberta e ampliação desta lei fizeram época na história do pensamento científico e continuamos a honrar Aristóteles por haver compreendido seu extraordinário significado. É por isso também que a humanidade continua atuando e pensando de acordo com esta lei básica da lógica formal.

Vocês poderiam perguntar o que tem de notável esta lei da identidade, se não diz mais que o fato óbvio de que "uma coisa é uma coisa" ou "isto é isto".

Esta lei, sem dúvida, não é auto-evidente, nem tão trivial como pode parecer a primeira vista. É muito importante que seja devidamente apreciado e entendido o significado histórico da descoberta desta lei transcendental.

Houve um grande avanço no conhecimento do universo quando a humanidade descobriu que as nuvens, o vapor, a chuva e o gelo era tudo água; ou que o céu e a terra – concebidos até então como substâncias diferentes e opostas - eram realmente o mesmo. A descoberta de que todos os seres vivos, desde os organismos unicelulares ao ser humano, têm a mesma formação, revolucionou a biologia. A física se comoveu com a demonstração de que todo movimento

mecânico podia ser convertido em outro e portanto eram todos essencialmente idênticos.

Não significa um grande passo adiante na compreensão social e política de um trabalhador descobrir que, por um lado, um assalariado é um assalariado e, por outro, um capitalista é um capitalista e que os trabalhadores têm em qualquer parte interesses de classe comuns que transcendem qualquer limite sindical, nacional e racial? Por isso dizemos que o reconhecimento da verdade contida na lei da identidade é condição necessária para chegar a ser um socialista revolucionário.

Sem dúvida, obedecer a uma lei e usá-la é muito diferente de entendê-la e formula-la de maneira científica. Todo mundo come de acordo com leis fisiológicas determinadas, mas não se sabe como são e operam as leis da digestão. Todo mundo pensa, mas nem todo mundo sabe que leis regulam sua atividade pensante. Um dos méritos adicionais de Aristóteles foi tomar explícita e em termos lógicos a lei da identidade que usa nosso processo de pensamento.

A lei da contradição formula o fato concreto de que coisas e tipos de coisas coexistentes, ou estados consecutivos da mesma coisa, diferem e se excluem mutuamente. Obviamente eu não sou igual a você, mas bastante diferente. Tão pouco sou a mesma pessoa de ontem, sou diferente. A União Soviética não é o mesmo que outros estados e é hoje diferente do que era a vinte anos.

A lei formal de contradição ou discernimento da diferença é tão necessária para classificar corretamente como a lei da identidade. Na realidade se não existissem diferenças não seria necessária uma classificação, da mesma forma que sem identidade não haveria possibilidade de classificação.

A lei do terceiro excluído expressa que as coisas se opõem e excluem mutuamente na realidade. Eu devo ser eu ou algum outro, hoje posso ser o mesmo ou diferente do que era ontem. A União Soviética tem que ser o mesmo ou algo diferente dos demais estados; não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Eu devo ser homem ou animal; não posso ser as duas coisas ao mesmo tempo e no mesmo sentido.

Vemos, em conclusão, que as leis da lógica formal expressam traços significativos do mundo real. Tem conteúdo concreto e base objetiva. São ao mesmo tempo leis do pensamento, da sociedade e da natureza. Esta raiz tripla lhes dá um caráter universal.

As três leis nas quais nos centramos não constituem toda a lógica formal, mas são simplesmente seus alicerces. Sobre esta base se levantou uma complexa estrutura de ciência lógica que examina com detalhes os elementos e mecanismos da forma de pensamento. Mas não iremos discutir as diversas categorias, formas de proposição, juízos, silogismos, etc., que constituem o corpo da lógica formal. Pode-se encontra-los em qualquer livro texto de lógica elementar e não servem para nosso propósito atual. Queremos entender principalmente as idéias elementares da lógica formal e não seu desenvolvimento detalhado.

5. Lógica formal e bom senso.

Em círculos intelectuais burgueses se tem em grande estima ao bom senso como método de pensamento e guia de ação. Só à ciência colocam mais alto na escala de valores. É em nome da ciência e do bom senso, por exemplo, que Max Eastman chama aos marxistas a descartar a "metafísica" e "mística" dialética. Lamentavelmente os ideólogos burgueses e pequeno-burgueses nos informam pouco sobre o conteúdo lógico do bom senso e a relação que existe entre o bom senso e sua "ciência".

Aqui teremos que fazer este trabalho por eles, porque na realidade os antidialéticos não só não sabem o que é a dialética; tampouco sabem o que é a lógica formal. Não é de estranhar. Por acaso os capitalistas sabem o que é o capitalismo, quais são suas leis, como operam essas leis? Se assim fosse não seriam surpreendidos por suas crises e guerras, nem confiariam tanto na permanência de seu sistema. Seguramente os estalinistas não sabem realmente o que é o estalinismo e a que leva realmente. Se soubessem já estariam a caminho de deixar de ser estalinistas.

Até onde o bom senso tem características lógicas, sistemáticas, elas estão modeladas sobre

as leis da lógica formal. Poderíamos defini-lo como uma versão não sistematizada ou semiconsciente da lógica formal. Suas idéias e métodos têm sido utilizados durante tantos séculos e estão tão entrelaçados com nosso processo de pensamento e com a construção de nossa civilização que a maioria das pessoas crêem que é o modo de pensar único, natural e normal. As concepções e mecanismos da lógica formal - como os silogismos - são ferramentas de pensamento tão familiares e universais como os talheres.

Vocês saberão que os burgueses crêem que a sociedade capitalista é eterna porque – dizem - está de acordo com a invariável natureza humana. O socialismo, dizem, é impossível ou inconcebível porque os seres humanos sempre se dividem em classes opostas, rico e pobre, forte e fraco, dirigente e dirigido, possuidor e despossuído, e estas classes sempre lutarão à morte pelas coisas boas da vida. Um tipo de organização social sem classes, em que reine a planificação e não anarquia, em que o débil seja protegido pelo forte, em que exista a solidariedade em vez da luta selvagem, lhes parece o cúmulo do absurdo. Descartam tais idéias socialistas considerando-as fantasias utópicas, vagos desejos.

Agora sabemos que o socialismo não é um sonho mas uma necessidade histórica, o próximo e inevitável passo na evolução social. Sabemos que o capitalismo não é eterno e sim uma forma particular de produção que foi precedida por outras menos evoluídas e está destinada a ser substituída por uma forma de produção superior: a socialista.

Consideremos agora a ciência do pensamento desde o mesmo ponto de vista que consideramos a ciência social. Os pensadores burgueses e pequeno-burgueses crêem que o pensamento formal é a forma acabada da lógica, última e imutável. Consideram ridícula a afirmação que o materialismo dialético é uma forma superior de pensamento.

Lembram de quando alguém lhes questionou pela primeira vez a permanência do capitalismo ou lhes falou da urgente necessidade do socialismo e se sentiram inclinados a duvidar dessas idéias revolucionárias? Por que? Porque suas mentes estavam ainda subordinadas às idéias dominantes de nossa época que, como disse Marx, são as idéias da classe dominante. As idéias dominantes da classe dominante sobre ciência lógica são hoje as idéias da lógica formal rebaixadas ao nível do bom senso. Todos os opositores e críticos da dialética se situam no terreno da lógica formal, sejam ou não conscientes de sua posição ou ainda que não o admitam publicamente.

As idéias da lógica formal constituem na realidade o mais forte dos prejuízos lógicos de nossa sociedade. Mesmo depois que os indivíduos tenham deixado de lado sua fé no capitalismo e se tenham convertido em socialistas revolucionários, não poderão tirar completamente de suas mentes os hábitos de pensamento formal que absorveram na vida burguesa e que continuam recebendo de seu meio ambiente. Se não é extremamente cuidadoso e consciente em seu pensar, o dialético mais capaz pode recair, às vezes, em formalismo.

Assim como negam a realidade eterna do capitalismo, os marxistas negam igualmente a validade eterna das formas de pensamento mais características das sociedades de classe como o capitalismo. O pensamento humano mudou e evoluiu com a sociedade humana e no mesmo grau que esta. As leis do pensamento não são mais eternas que as leis sociais. Assim como o capitalismo é só um escalão da cadeia de formas históricas de organização social da produção, também a lógica formal é simplesmente um escalão na cadeia de formas históricas de produção intelectual. Assim como as forças do socialismo estão lutando para substituir a forma capitalista obsoleta de produção social por um sistema mais evoluído, também os partidários do materialismo dialético, a lógica do socialismo científico, estão lutando contra a desgastada lógica formal. A batalha teórica e a batalha política prática são parte do mesmo processo revolucionário.

Antes do surgimento da moderna astronomia, as pessoas acreditavam que o Sol e os planetas giravam em torno da Terra. Eles confiavam cegamente na evidência do "bom senso" que se apresentava perante seus olhos. Aristóteles ensinou que a Terra era fixa e que em torno dela giravam perfeitas e invariáveis esferas celestes. Este ano celebra-se o 400º aniversário da publicação do livro de Copérnico Sobre as Revoluções dos Corpos Celestes que revolucionou a concepção predominante de um universo estático com a Terra em seu centro.

Galileu demonstrou um século depois que a teoria de Copérnico de que a Terra e os outros planetas giram ao redor do Sol estava certa. Os sábios professores do tempo de Galileu ridicularizaram suas idéias e lhes deram as costas. Galileu se queixou dizendo "Se eu quisesse mostrar os satélites de Júpiter aos professores de Florença, eles não veriam nem os satélites nem o telescópio". Os professores invocaram a tradicional autoridade de Aristóteles e finalmente o poder do Index da Inquisição para forçar a Galileu a mudar suas opiniões. Estes servos da autoridade oficial silenciaram os argumentos, proibiram os livros, semearam o terror e ainda mataram seus opositores científicos porque suas idéias eram revolucionárias, ameaçavam as concepções da ordem dominante e, portanto o poder da classe dominante.

O mesmo ocorre com a dialética, particularmente com o materialismo dialético. As idéias e o método da dialética são ainda mais revolucionários na ciência lógica do que o foram as de Copérnico em astronomia. Um pôs o céu de pernas para o ar. A outra tomada pela única classe progressiva da sociedade moderna, ajudará a por de pernas para o ar a sociedade capitalista. E por isso que suas idéias são combatidas com tanta força pelos adeptos da lógica formal e os apóstolos do bom senso. Sob o capitalismo a dialética não é hoje bom senso ou senso comum, mas "incomum". Só a entende e emprega conscientemente a vanguarda socialista da humanidade. Amanhã, com a revolução socialista, a dialética se converterá em "senso comum" enquanto que a lógica formal ocupará seu próprio e subordinado lugar como auxiliar do pensamento, em vez de atuar, como agora, dominando o pensamento, desencaminhando-o e obstruindo seu avanço.

Segunda Palestra: **AS LIMITAÇÕES DA LÓGICA FORMAL**

Na primeira palestra procuramos responder três perguntas:

1. Que é a lógica? Definimos a lógica como a ciência do processo do pensamento em suas conexões com todos os demais processos do universo. Aprendemos que havia dois sistemas principais de lógica: a formal e a dialética.

2. Que é a lógica formal? Vimos que a lógica formal é o processo de pensamento dominado pelas leis da identidade, da contradição e do terceiro excluído. Assinalamos que estas três leis fundamentais da lógica formal têm um conteúdo concreto e bases objetivas; que são formulações explícitas da lógica instintiva do bom senso; que constituem as regras predominantes de pensamento no mundo burguês.

3. Quais são as relações entre lógica formal e dialética? Estes dois sistemas de pensamento cresceram e correspondem a dois estágios diferentes do desenvolvimento da ciência do pensamento. A lógica formal precedeu à dialética na evolução histórica, assim como geralmente o faz o desenvolvimento intelectual do indivíduo. Por ele a dialética nasceu da crítica à lógica formal, a venceu e a substituiu como opositora revolucionária, sucessora e superior.

Nesta segunda palestra nos propomos a discutir as limitações da lógica formal e indicar como surge necessariamente a dialética de um exame crítico de suas idéias fundamentais. Agora que compreendemos quais são as leis básicas da lógica formal, o que refletem na realidade, porque são necessários e valiosos instrumentos de pensamento, devemos ir um passo adiante e encontrar o que as leis da lógica formal não são: quais traços da realidade não abrangem ou distorcem e onde termina sua utilidade.

Este próximo passo em nossa investigação não produzirá resultados puramente negativos nem culminará em uma negação cética de toda lógica. Pelo contrário, nos levará aos resultados mais positivos. Ao expor as deficiências da lógica formal, simultaneamente aparecerá a necessidade e as principais características das novas idéias lógicas destinadas a substituí-la. No mesmo processo de dissecação da lógica elementar e de separação de seus elementos válidos dos falsos, estaremos firmando as bases da lógica dialética. Os atos de crítica e criação, negação e afirmação, irão de mãos dadas com as duas faces do mesmo processo.

Este movimento duplo de destruição e criação ocorre não só na evolução da lógica, mas em

todos os processos. Todo salto adiante, todo ato criativo, envolve a destruição de condições superadas e intoleravelmente restritas. Para nascer, o pinto deve quebrar a casca do ovo que o protegeu e nutriu em sua etapa embrionária. Assim também, para conseguir um desenvolvimento posterior mais livre, a ciência lógica teve que romper, atravessar a casca petrificada da lógica formal.

A lógica formal parte da proposição de que A é sempre igual a A . Sabemos que esta lei de identidade é parcialmente verdadeira, uma vez que serve como ferramenta indispensável em todo pensamento científico e todos nós o usamos em nossa atividade diária. Mas, até onde é certa esta lei? É sempre um guia de total confiança para atravessar o complicado processo da realidade? A isso devemos responder.

A verdade ou falsidade de uma proposição será provada na realidade objetiva e vendo na prática se, e em que grau, o conteúdo concreto da proposição fica exemplificado. Se o conteúdo da afirmação pode ser provado na realidade, então a proposição é certa, senão é falsa.

Agora, que encontramos quando vamos à realidade e buscamos evidências da verdade da proposição: A é igual a A ? Descobrimos que nada na realidade corresponde exatamente ao conteúdo desta proposição. Encontramos, pelo contrário, que está muito mais próximo da verdade o oposto deste axioma.

Onde quer que tropeçemos com uma coisa realmente existente e examinemos seu caráter, encontraremos que A nunca é igual a A . Trotski disse: "... se observarmos estas duas letras com uma lupa, são bastante diferentes uma da outra. Pode-se objetar que a questão não é o tamanho ou forma da letra, se são símbolos de iguais quantidades, por exemplo, um quilo de açúcar. A objeção não vem ao caso: na realidade um quilo de açúcar nunca é igual a outro quilo de açúcar, uma balança mais precisa sempre mostra alguma diferença. Novamente pode-se objetar: mas um quilo de açúcar é igual a si mesmo. Tão pouco isto é verdade, todos os corpos mudam constantemente de tamanho, peso, cor, etc. Nunca são iguais a si mesmos. Um sofista contestaria que um quilo de açúcar é igual a si mesmo 'em um dado momento'".

Além de seu duvidoso valor prático, este 'axioma' tão pouco suporta a crítica teórica. Como conceber realmente a palavra momento? Se for um intervalo infinitesimal de tempo, um quilo de açúcar está sujeito no curso desse 'momento' a inevitáveis mudanças. Ou é o 'momento' uma mera abstração matemática, ou seja um zero de tempo? Mas tudo existe no tempo... Em consequência, o tempo é uma condição fundamental da existência. Portanto o axioma ' A é igual a A ' significa que uma coisa é igual a si mesma se não muda, ou seja se não existe." (Em Defesa do Marxismo).

Assim encurralados, alguns defensores da lógica formal tratam de sair do aperto aceitando que suas leis nunca podem se aplicar com absoluta exatidão a nenhum objeto real mas que isso não anula o valor destes princípios reguladores. Apesar de que não correspondem direta e totalmente à realidade, estas generalizações ideais são verdades "em si mesmas" sem referência à realidade e, portanto, servem para dirigir o pensamento até as linhas corretas. Esta posição não elimina a contradição, mas a acentua. Se, como pretendem, a lei da identidade se mantém totalmente válida só enquanto não se a aplica, se conclui que no momento em se a aplica a um objeto real se converte em forte erro.

Como observa Trotski: "O axioma A é igual a A aparece por um lado como o ponto de partida de todo o nosso conhecimento e, por outro, como o ponto de partida de todos os seus erros". (Em Defesa do Marxismo). Como pode ser de uma só vez a fonte de conhecimento e de erro? Esta contradição se explica pelo fato de que a lei da identidade tem duas faces. É, em si, verdadeira e falsa. Julga corretamente as coisas enquanto estas podem ser consideradas fixas e imutáveis, ou enquanto a quantidade de mudança nelas possa ser descartada ou considerada nula. Ou seja: a lei da identidade dá resultados certos só dentro de certos limites. Estes limites estão dados por um lado pelas características essenciais que mostram o desenvolvimento concreto do objeto em questão e por outro pelo propósito que tenhamos em vista.

Quando forem transgredidos estes limites específicos, a lei da identidade já não é suficiente se converte em fonte de erro. Quanto mais distante desses limites tenha ido o processo ou

evolução, tanto mais distante da verdade nos leva a lei da identidade. Deve se chamar e usar então outras leis para corrigir os erros emanados desta lei rudimentar e fazer frente ao novo e mais complexo estado de coisas.

Vejam alguns exemplos. De Albany a Nova Iorque, o rio Hudson é claramente igual a si mesmo e diferente de outro curso de água. A é sempre igual a A . Mas, mais além desses limites fica cada vez mais difícil distinguir o rio Hudson de outros. Na sua desembocadura depois do porto de Nova Iorque, o Hudson perde sua identidade e se torna cada vez mais um só com o Oceano Atlântico. Em sua nascente o Hudson se desintegra em diferentes riachos que, ainda que venham a formar o Hudson têm cada um sua própria identidade e existência independente, diferente do rio em si. Nos dois extremos de seu curso, portanto, a identidade do Hudson tende a desaparecer e a converter-se em não-identidade.

Tomemos o exemplo do dólar citado por Trotski. Geralmente consideramos, e atuamos de acordo com esta consideração, que uma nota de um dólar é um dólar. A é igual a A . Mas, começamos a nos dar conta que hoje um dólar não é mais o mesmo dólar que antes. Seu valor está cada vez menor que um dólar. O dólar de 1942 podia comprar somente três quartos do que comprava o dólar de 1929. (Em 1963 o dólar valia 40,8 centavos do dólar de 1929).

Parece o mesmo dólar - a lei da identidade é ainda aplicada - mas ao mesmo tempo o dólar começa a mudar sua identidade ao diminuir de valor.

Em 1923 os alemães descobriram que como resultado da inflação o marco - que desde 1875 valia 23 centavos ouro - havia chegado a valer zero, não tinha mais valor. Por quase meio século A havia sido igual a A , e agora havia se tomado repentinamente igual a não- A ! No curso do processo inflacionário, A havia se convertido em seu oposto. O certificado de valor não existia

"Todo operário sabe que é impossível fazer dois objetos completamente iguais. Na elaboração de coxins, é permitida uma margem de erro, ainda que não se deva exceder estes limites (isto se chama tolerância) Se estão dentro das normas de tolerância, os coxins 'são' iguais (A é igual a A). Quando se ultrapassa a tolerância a quantidade se converte em qualidade; em outras palavras, os coxins têm menos ou nenhum valor."

Nosso pensamento científico é só uma parte de nossa prática geral, incluída a técnica. Para os conceitos também existem 'tolerâncias', que não se estabelecem formalmente através do axioma A é igual a A , mas sim pela dialética através do axioma de que tudo está sempre mudando. O 'bom senso' se caracteriza pelo fato de que sistematicamente excede á 'tolerância' dialética". (Em Defesa do Marxismo).

Os graus de tolerância na indústria mecânica vão geralmente de um centésimo a um décimo de milésimo de polegada, segundo a classe de trabalho que se está fazendo. O mesmo ocorre com o trabalho intelectual e os conceitos que são suas ferramentas. Onde a margem de erro permissível é considerável, as leis da lógica formal são suficientes, mas quando é necessária uma tolerância menor, deve se criar e usar novas ferramentas. No campo da produção intelectual essas ferramentas são as idéias da lógica dialética.

A lei da identidade pode exceder a tolerância dialética em duas direções opostas. Assim como a tolerância não tem um, mas dois limites, máximo e mínimo, igualmente a lei da identidade excede continuamente á tolerância dialética ao tornar-se mais ou menos válida. Se, por exemplo, o dólar dobra seu valor como resultado da deflação, então A não é mais igual a A , mas maior que A . Se, pela inflação ele cai à metade de seu valor, novamente A não é igual a A , mas muito menor. Em ambos os casos a lei da identidade já não é estritamente certa, mas cada vez mais falsa, segundo a quantidade e caráter da mudança de valor. Em vez de A igual a A , temos A igual a $2A$ ou a $\frac{1}{2}A$.

Note-se que corretamente partimos da lei da identidade. Tínhamos A e nada mais e inevitavelmente chegamos a esta contradição: é certo que A é igual a A ; também é certo que A não é igual a A . Além de ser igual a A , é igual a $2A$ e a $\frac{1}{2}A$.

Isto nos dá uma pista sobre a verdadeira natureza de A . Esta não é mais uma categoria fixa e invariante criada pelos lógicos formais. Esta é só uma das faces de A . Na realidade A é extremamente complexo e contraditório. Não é só A , mas ao mesmo tempo algo mais. Isto o

faz muito esquivo e volúvel. Nunca terminamos de compreendê-lo, porque quando estamos por fazê-lo começa a converter-se em outra coisa mais ou menos diferente.

Então podemos nos exasperar e perguntar o que é A, se não é simples e somente A. A resposta dialética é que A é ambas as coisas: A e não-A. Se a tomamos como A e nada mais, como fazem os lógicos formais, veremos só uma face de A e não a outra, a negativa. Tomar A como simplesmente A e nada mais é uma abstração que nunca pode ser encontrada ou realizada completamente na realidade. É uma abstração útil enquanto conheçamos seus limites e não a interpretemos, ou melhor, mal-interpretemos como a verdade última e total de uma dada coisa. Esta lei elementar de identidade serve para a maioria dos atos comuns da vida e do pensamento cotidiano, mas deve ser substituída por leis mais complexas e que penetrem mais profundamente quando se encontram envolvidos processos mais complicados e arriscados.

Qualquer mecânico compreenderá facilmente porque esta lei de pensamento não pode ter somente um valor limitado. Ou por acaso não é válido para todas as ferramentas e máquinas? Cada uma é útil só sob determinadas condições e para certas operações definidas: uma serra para cortar, um torno para torner, uma broca para furar. Em cada etapa do processo de produção industrial os operários se enfrentam com as limitações intrínsecas de cada ferramenta e máquina. As limitações das ferramentas podem ser superadas de duas formas: usando uma ferramenta diferente ou combinando diferentes ferramentas no mesmo processo de produção. As operações em torno múltiplo oferecem um excelente exemplo do que dissemos.

O pensamento é essencialmente um processo de produção intelectual e as limitações das ferramentas do pensamento podem ser superadas da mesma forma. Onde a lei da identidade se converte em obstáculo teremos que recorrer a outra lei lógica ou combinar as velhas leis de uma forma nova para chegar a verdade. Aqui é onde entra em cena a lógica dialética. Assim como apelamos a uma máquina ou conjunto de máquinas mais evoluídas na produção industrial, quando queremos resultados mais corretos e exatos na produção intelectual aplicamos as idéias superiores da dialética.

Se voltarmos agora à equação abstrata original - A é igual a A - observaremos que evolui de uma forma muito contraditória. A se diferenciou de si mesmo. Em outras palavras, A está sempre mudando em diferentes direções. A está sempre se tomando mais ou menos que si mesmo aproximando-se ou distanciando-se de si mesmo.

Neste processo de criação e perda de identidade chega um ponto no qual A se toma outra coisa diferente da que começou. Se adicionamos ou subtraímos o suficiente de A, este perde qualidade específica e se converte em algo mais, em uma nova qualidade. Neste ponto crítico em que A perde sua identidade a lei da identidade, que até agora mantinha certa validade, se torna totalmente falsa.

O rio Hudson perde sua identidade e começa a fazer parte do Oceano Atlântico; o marco alemão já não é um marco, mas um pedaço de papel impresso; o coxim em vez de ser parte de uma máquina é um pedaço de metal sem valor. Em termos algébricos, A se torna não-A. Em linguagem dialética, as mudanças quantitativas destroem a qualidade velha e trazem uma nova. "Determinar o momento preciso o ponto crítico em que a quantidade se converte em qualidade é uma das tarefas mais importantes e difíceis em todas as esferas do conhecimento, incluída a sociologia". (Defesa do Marxismo).

Um dos problemas centrais da ciência lógica é o reconhecimento e a formulação desta lei. Devemos entender como e por que as mudanças quantitativas se tomam qualitativas em certo ponto e vice-versa.

Chegamos então a esta conclusão. Enquanto que a lei da identidade reflete corretamente certas partes da realidade, as distorce ou falha ao refletir outras. Mais ainda, os aspectos que distorce ou não pode expressar, são mais profundos e fundamentais que os que descreve fielmente. Entrelaçada com sua parte de realidade, esta generalização elementar da lógica contém uma proporção de ficção. Por isso este instrumento de verdade se converte em gerador de erros.

Terceira Palestra: **ALGO MAIS SOBRE AS LIMITAÇÕES DA LÓGICA FORMAL**

Nas duas primeiras palestras aprendemos quais são as leis básicas da lógica formal, como apareceram, que relações têm com a dialética e os limites de sua utilidade. Agora iremos fazer um repasse das limitações da lógica formal para limpar o terreno para a exposição da evolução e as leis principais da dialética nas próximas três palestras.

Podemos assinalar cinco erros básicos ou elementos fictícios inerentes às leis da lógica mal.

1. A lógica formal requer um universo estático

Em primeiro e principal lugar está o fato de que estas leis excluem de si mesmas o movimento, a mudança e portanto o fazem também com o resto da realidade. Não negam explicitamente a existência ou o significado racional do movimento, mas estão obrigadas a fazê-lo indiretamente pela necessária inerência de sua própria lógica interna.

Sim, como diz a lei da identidade, tudo é sempre igual a si mesmo, então, como diz a lei da contradição, nada pode ser diferente de si mesmo, nunca. Mas a desigualdade é uma manifestação de diferença e a diferença indica a presença e atuação de uma mudança. Onde toda diferença está logicamente excluída, não pode haver mudança ou movimento real e portanto nenhuma razão para que algo se transforme em outra coisa distinta do que era originalmente. O que é sempre idêntico, e nada mais, não pode sofrer alteração e deve, por definição, ser imutável.

Se a lógica formal quer permanecer fiel a si mesma, usando suas próprias leis, não pode admitir nunca a existência real ou a racionalidade do movimento. Não há lugar para a mudança no universo descrito ou pretendido pela lógica formal. Não há movimento interno ou mútuo, em ou entre, suas leis. Não existe impulso lógico para que essas leis se insiram no mundo que as rodeia. Não há relação dinâmica com esse mundo externo que tira as coisas de suas condições atuais e as leva a ser outras novas. O movimento não pode ser incluído nesse reino de formas rígidas onde tudo está congelado em seu lugar e ordenado em perfeitas fileiras, lado a lado, como um regimento prussiano.

Por que o formalismo dá as costas a um fato tão importante da realidade como é o movimento? Porque o movimento tem um caráter autocontraditório. Como faz notar Engels: "... mesmo uma simples mudança mecânica de lugar só pode ocorrer num corpo estando no mesmo momento num lugar e em outro, estando no mesmo lugar e ao mesmo tempo não estando". (Anti-Dühring). No movimento tudo leva continuamente à contradição de estar ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, que é superada ao passar desse lugar ao seguinte. Formas mais evoluídas de movimento, como o crescimento das plantas e árvores, a evolução das espécies, a evolução da sociedade na história e a evolução das idéias filosófica, trazem à lógica formal dificuldades ainda maiores. Estágios sucessivos no processo de desenvolvimento se negam entre si, com o resultado de que o processo total é uma serie de contradições. No crescimento de uma planta, por exemplo, o botão é negado pela flor e esta pelo fruto.

Sempre que se enfrentam com semelhante contradição os lógicos formais ficam desesperadamente frustrados. Que fazem? Quando as crianças se enfrentam com um fenômeno estranho ou que não entendem e não podem enfrentar fecham os olhos, cobrem o rosto com as mãos e esperam assim se livrar do fantasma. Os lógicos formais reagem - e ainda reagem - na presença da contradição, do mesmo modo infantil. Como não compreendem sua real natureza e não sabem o que fazer com essa coisa terrível que revolve as bases de seu mundo lógico, tratam de expulsá-la.

As forças subversivas ameaçam as autoridades reacionárias, estas tratam de suprimi-las, prendê-las ou exila-las de seu regime. Os formalistas tratam assim a contradição. Reinam como Sir Anthony Absolute a seu filho na comédia de Sheridan Os Rivais. Sir Anthony impôs as seguintes condições a seu filho, no caso de que este não estivesse de acordo "sem condições" com seus pontos de vista: "... não entre no mesmo hemisfério que eu! Não ouse respirar o mesmo ar nem usar a mesma luz que eu; consegue uma atmosfera e um sol para ti!"

A assim chamada lei da contradição na lógica formal não expressa, como pretende, a

verdadeira natureza da contradição. É como um decreto que emana da lógica e ordena que "consiga uma atmosfera e um sol para ela".

Esta lei diz que A nunca é não-A. Esta não é uma expressão real da contradição, se fosse diria: A é não-A, ou A é ele mesmo e outro. E o oposto da contradição, é identidade. A canção de Gilbert-Sullivan diz: "As coisas raramente são o que parecem, o leite desnatado se disfarça de creme". Neste caso, na assim chamada lei da contradição, a identidade se disfarça de diferença. Esta lei é uma impostora que pretende ser contradição, mas não é mais que identidade de forma negativa. A lógica formal em si mesma não tolera uma verdadeira contradição. A suprime, a anula, a proscreeve (ou assim supõe). Mas, decretando a exclusão da contradição de seu mundo de idéias, não consegue contudo erradicar a existência da contradição no mundo real. Em seu esforço por se livrar da contradição, os formalistas precipitam as contradições sobre a realidade objetiva. No mundo representado pela lógica formal tudo se mantém em oposição absoluta a qualquer outra coisa. A é A; B é B; C é C. Logicamente não têm nada em comum. A contradição reina!

A contradição, eliminada do sistema da lógica formal, adquire supremacia no mundo real. A contradição está morta, viva a contradição! Os formalistas eliminam a contradição de seu sistema só ao preço de lhe dar o cetro fora dele.

A verdadeira contradição deve incluir em si identidade e diferença. Isto o formalismo não pode fazer. Em todas as leis da lógica formal não há mais que identidade em formas diferentes, Não há uma única migalha de diferença nelas nem entre elas.

É por isso que as leis das categorias imóveis da lógica formal são incapazes de explicar a essência do movimento. O movimento é demasiado claro e explicitamente contraditório. Contém em si mesmo dois momentos, fases, elementos, ao mesmo tempo diametralmente opostos. Um objeto em movimento esta aqui e ali ao mesmo tempo. De outra forma estaria em repouso e em movimento. A não é simplesmente igual a A, mas também a não-A. O repouso é movimento detido; o repouso é uma interrupção continua do repouso.

A lógica formal não pode compreender ou analisar esta natureza realmente do movimento sem se violentar, sem deixar de lado suas próprias leis e transformar a si própria. Isto é equivalente a pretender que o formalismo seja ou se converta em dialética. Isto é exatamente o que ocorreu com a lógica no curso de sua evolução. Mas a lógica formal, em si e por si, não pode dar esse salto revolucionário para fora de si mesma. Todos os pensadores formais conseqüentes permanecem cravados às bases originais da onipotência e universalidade da identidade, e continuam negando - muito logicamente de acordo com sua lógica, mas muito illogicamente de acordo com a realidade - a existência real e objetiva da autodiferença ou contradição.

A categoria de identidade abstrata contida e repetida nas leis da lógica formal é a expressão conceitual direta e o equivalente lógico da imobilidade na existência objetiva. Por isso a lógica formal é essencialmente a lógica do inanimado, das relações rígidas, das coisas fixas, do repouso e repetição eternos "Enquanto considerarmos as coisas como estáticas e inanimadas, cada uma em si mesma, uma ao lado da outra, não encontraremos nenhuma contradição nelas. Encontraremos certas qualidades, que serão em parte comuns, em parte distintas, e ainda contraditórias entre si, mas nesse caso (isto é, no sistema de lógica formal) estarão atribuídas a objetos diferentes e portanto não implicarão contradição alguma" (Anti-Dühring).

Observemos o que ocorre no outro caso, quando as coisas começam a se mover, não só em relação ao mundo exterior, mas a si mesmas, internamente. Começam a perder sua identidade e tendem a se transformar em outra coisa. O rio Hudson sobe, desce e corre com o Oceano Atlântico; o marco alemão se converte em um pedaço de papel sem valor; mesmo os coxins perfeitamente fabricados se convertem eventualmente, com o uso, em pedaços de metal inútil. O máximo que estas coisas podem fazer é adiar a data de sua perda de identidade, mas não podem escapar. Estes resultados de movimentos externos e internos dos objetos reais são manifestadamente contraditórios, mas não por isso menos certos, ou seja, correspondentes com a realidade.

Nada é permanente. A realidade nunca descansa, sempre muda, sempre flui. Este inquestionável processo universal forma duas bases concretas da teoria que, segundo palavras de

Engels ensina que: "... a totalidade da natureza do menor elemento ao maior, dos grãos de areia ao Sol dos protozoários (organismos unicelulares) ao homem, transcorre sua existência entre um eterno chegar a ser e deixar de ser, em um movimento e mudança sem descanso " (Dialética da Natureza). Nenhuma generalização da ciência moderna esta mais firmemente baseada sobre fatos experimentalmente demonstrados que esta teoria da evolução universal, que foi a mais importante aquisição do pensamento humano no século XIX.

As leis da lógica formal que banem a contradição se encontram em franca contradição com esta teoria e realidade da evolução universal. A lei da identidade abstrata afirma que nada muda; a dialética assegura que tudo está mudando constantemente Qual dessas proposições opostas é falsa e qual é verdadeira? A qual aderimos e qual descartamos? Esta é a pergunta que os materialistas dialéticos fazem aos formalistas empedernidos. Esta é a pergunta que o mesmo pensamento científico formulou à lógica formal não somente no século passado, mas muito tempo antes. Esta é a pergunta que a lógica formal não se anima a ouvir nem considerar porque expõe o vazio de suas pretensões e marca o fim de seu remado de dois mil anos sobre o pensamento humano.

2. A lógica formal eleva barreiras intransponíveis entre as coisas

A lógica formal é falsa e defeituosa porque ergue barreiras intransponíveis entre uma coisa e outra, entre sucessivas fases do desenvolvimento de uma mesma coisa e na imagem objetiva da realidade em nossas mentes. A toda pergunta responde com um sim categórico ou um não incondicional. Entre a verdade e a mentira não há pontos intermediários, não há transições aos escalões que as conectem.

Hegel discorreu sobre esse ponto no prefácio de sua Fenomenologia do Espírito "Quanto mais a mente comum toma a oposição entre verdadeiro e falso como algo fixo, mais se acostuma a esperar acordo ou contradição com um sistema filosófico dado e só encontrar razão para um ou outro em toda explicação pertencente a esse sistema. Não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como a evolução progressiva da verdade; pelo contrário, só vê contradição na variedade. "O botão desaparece quando se abre a flor e poderíamos dizer que o primeiro é negado pela segunda; da mesma forma quando aparece o fruto, a flor pode ser considerada como uma forma falsa da existência da planta, porque o fruto cresce como verdade natural no lugar da flor. Estas etapas não estão simplesmente diferenciadas; se superam uma à outra como se fossem incompatíveis. Mas a atividade incessante inerente à sua natureza as faz ao mesmo tempo momentos de uma unidade orgânica, onde não só se contradizem entre si, mas que também cada uma é tão necessária como a outra; e esta necessidade igualitária de todos os momentos constitui por si a vida da totalidade. Mas a contradição do tipo dos sistemas filosóficos não pode só ser concebida desta forma; pelo contrário, a mente que percebe a contradição não pode só saber como descarrega-la ou livra-la de sua parcialidade e reconhecer no que parece conflitivo o inerentemente antagônico, a presença de momentos mutuamente necessários".

Se tomamos as leis da lógica formal ao pé da letra, temos que assumir que cada coisa ou estado de uma coisa é absolutamente independente de qualquer outra coisa ou estado. Pressupõe-se um mundo em que tudo existe em perfeita solidão, isolado dos demais.

A posição filosófica que formula esta lógica como conclusão é a filosofia do idealismo subjetivo, que surge ao assumir que nada existe realmente fora de si mesmo. Isto é conhecido como solipsismo, do latim *solus ipse* (eu só).

Não é necessário refletir muito para ver quão absurda e insustentável é esta postura. Independentemente de sua posição teórica, toda pessoa normal age na prática sobre a base de que nada existe por si mesmo. Mais ainda, se pensamos um pouco vemos que cada coisa, por mais solitária e independente que pareça, necessita realmente de todas as demais para existir e ser ela mesma. Se não pudéssemos relacionar uma coisa com outra e esta, por sua vez, com o resto da realidade, estaríamos num beco sem saída.

Cada coisa está sempre passando a ser e transformando-se em outra. Para ela isto

necessariamente tem que romper e enfrentar as barreiras que anteriormente a separavam dessa outra coisa. Até onde sabemos, não há separações intransponíveis e irremovíveis entre as coisas.

Lenin assinalou que "a proposta fundamental dos dialéticos marxistas é que todas as barreiras na natureza e na sociedade são convencionais e móveis, que não existe nenhum fenômeno que não possa, sob certas condições, ser transformado em seu oposto".

Considerando as etapas históricas, Trotski disse: "A consciência nasceu do inconsciente, a psicologia da fisiologia, o mundo orgânico do inorgânico, o sistema solar de uma nebulosa".(Em Defesa do Marxismo).

Estas rupturas de barreiras, esta passagem de uma coisa a outra, esta dependência mútua entre uma coisa e outra não ocorrem somente nas grandes etapas do desenvolvimento histórico; sucedem continuamente dentro e em torno de nós. Os pensamentos oscilam entre a consciência e a inconsciência. Quando atuamos de acordo com uma idéia, esta idéia perde seu caráter predominantemente mental e se converte em uma força materialmente ativa, tanto no mundo como em nós mesmos. Marx disse que os sistemas de idéias - como o socialismo - se convertem em poder material quando tomam posse das mentes das massas trabalhadoras e estas se lançam a transformar estas idéias em ação social.

Tudo tem suas linhas de demarcação definidas que as separam das outras coisas. De outra forma não haveria uma entidade distinta com uma identidade única. Devemos descobrir essas barreiras na prática e leva-las em conta ao pensar.

Mas essas barreiras não permanecem inalteradas sob qualquer condição nem são as mesmas todo tempo. Mudam de acordo com circunstâncias variadas. O caráter relativo, móvel e fluido das barreiras é ignorado e negado pelas leis da lógica formal. Essas leis asseguram que tudo tem limites definidos, mas não notam o fato mais importante de que esses limites têm também limitações.

3. A lógica formal exclui a diferença da identidade

Já vimos que a lógica formal traça a linha divisória mais marcante entre identidade e diferença. As coloca em absolutamente oposição, olhando-se cara a cara como estranhas. Mesmo quando se admite que existe relação de uma com outra, esta é puramente externa, acidental e não afeta sua indivisível existência interna.

Os formalistas consideram como uma contradição lógica, uma monstruosidade, dizer - o fazem os dialéticos - que a identidade é (ou se converte em) diferença e a diferença em identidade. Insistem, a identidade é identidade; a diferença é diferença; não podem ser o mesmo. Comparemos estas afirmações com os fatos experimentais, que são a prova da verdade para todas as leis e idéias. Na Dialética da Natureza Engels diz: "A planta, o animal, cada célula, são em cada momento de sua vida idênticas a si mesmas e estão ao mesmo tempo tomando-se distintas de si, por absorção e excreção de substâncias, pela respiração, pela formação de células novas e morte de outras, pelo processo de circulação, em suma, por uma soma de incessantes mudanças moleculares que constituem a vida e a soma de cujos resultados é evidente nas fases da vida - vida embrionária, juventude, maturidade sexual, processo de reprodução, velhice e morte. A isso se soma ainda a evolução das espécies Quanto mais avança a fisiologia mais importantes se tornam para ela essas mudanças incessantes, infinitesimais e, portanto, também o considerar a diferença dentro da identidade e a velha regra de identidade formal - de que um organismo deve ser tratado como algo simplesmente igual a si mesmo, algo constante - se toma obsoleta.

"Sem dúvida, este tipo de pensamento e suas categorias persistem mesmo na natureza inorgânica, a identidade assim formulada não existe na realidade. Todo corpo está exposto continuamente a influências mecânicas, físicas e químicas que estão sempre mudando-o e modificando sua identidade".

As barreiras insuperáveis erguidas pela lógica formal entre estas duas faixas interdependentes da realidade são destruídas continuamente no processo de evolução. O diferente se converte em idêntico. Nós estávamos todos em diferentes partes de Nova Iorque antes de nos

reunirmos aqui esta noite. O idêntico se torna diferente. Depois da palestra nos dispersaremos novamente até lugares diferentes. Esta transformação da identidade em diferença e da diferença em identidade tem lugar não só nas relações espaciais, mas em todas as relações. O botão se converte em flor, a flor em fruto, todas essas diferentes fases de crescimento pertencem à mesma planta.

Assim, apesar das leis da lógica formal, a identidade material real não exclui de si a diferença, mas a contém como parte essencial. Da mesma forma que a diferença real não exclui a identidade, mas a inclui como elemento essencial. Estas partes da realidade podem ser separadas ao se fazer distinções no pensamento. Mas isso não significa, como pretende a lógica formal, que possam ser separadas na realidade

4. O caráter absoluto das leis da lógica formal

O quarto defeito das leis da lógica formal é que se apresentam a si mesmas como absolutas últimas e incondicionais. Para elas a exceção não existe. Regem o mundo do pensamento de forma totalitária, exigem inquestionável obediência de todas as coisas, reclamam autoridade soberana para seu reinado. Sempre A é igual a A e pobres dos que desconheçam este dogma ou tratem de agir de outra maneira.

Desgraçadamente para os formalistas nada no universo corresponde a semelhantes pretensões. Todo objeto real se origina e se nos apresenta sob condições históricas e materiais específicas em indissolúvel conexão com outras coisas e sempre em proporções definidas e mensuráveis. A sociedade humana, por exemplo, apareceu em um ponto definido, concretamente determinado, do desenvolvimento do homem a partir dos animais superiores, é inseparável do resto da natureza orgânica e inorgânica, evoluiu gradualmente e está longe de seu total desenvolvimento, qualitativa e quantitativamente. Cada etapa da evolução social tem suas próprias leis originadas e correspondentes a suas características especiais.

As leis absolutas já não podem ter lugar no mundo físico. Em distintas fases do desenvolvimento das ciências físicas, os elementos químicos, as moléculas, os átomos, os elétrons, foram considerados por pensadores de mente metafísica como substâncias invariáveis. Este tipo de gente já não se adequa à realidade filosófica. Com o avanço posterior das ciências naturais cada um desses eternos absolutos foi derrubado. Ficou experimentalmente demonstrado que cada uma dessas partes constitutivas da matéria estava condicionada, limitada e relativizada. Demonstrou-se a falsidade de suas pretensões de ser absolutas, ilimitadas e invariáveis.

Em fins do século XIX, enquanto os cientistas matutavam com a imutabilidade de tal ou qual elemento, os cientistas sociais dos Estados Unidos seguiam insistindo que a democracia burguesa era a melhor forma de governo para a humanidade. Desde 1917 a experiência histórica tem sido testemunha da derrubada da democracia burguesa, atacada por lados diferentes pelo fascismo e pelos bolcheviques, demonstrando a limitação histórica, o caráter inadequado e condicional desta forma particular de governo capitalista.

Se tudo existe sob limitações históricas e materiais definidas, evolui, se diversifica, mudam e logo desaparecem, como pode ser aplicada uma lei absoluta no mesmo sentido, no mesmo grau, em todo tempo e sob qualquer condição? Isto é precisamente o que pretendem as leis da lógica formal e a exigência que fazem à realidade. E na sua busca de leis que sirvam em todo momento e sob todas as condições, os cientistas caem no beco sem saída da lógica formal.

Em última instância Deus é o único ser que pode afrontar completamente as normas da lógica formal. A Deus se supõe absoluto, ilimitado, perfeito, independente de tudo exceto de si mesmo. Mas Deus, também, tem uma leve imperfeição. Fora da imaginação das pessoas devotadamente religiosas, não existe.

5. A lógica formal presumivelmente pode explicar tudo, exceto a si mesma.

Finalmente, as leis da lógica formal, que se supõe que possam dar uma explicação racional para tudo, têm esse sério inconveniente. A lógica formal não pode explicar a si mesma. De acordo

com a concepção marxista tudo é resultado de fatos concretos, evolui através de distintas fases e finalmente morre.

Que ocorre com a lógica formal e suas leis? Onde, quando e por que se originaram? Como se desenvolveram? São eternas? Os lógicos formais dizem que por definição, ou afirmam diretamente que sua lógica não tem raízes terrenas, mas que é produto de uma revelação divina, que suas leis são leis independentes da razão, que sua lógica é o único sistema possível e que portanto é eterno.

Se lhes perguntamos com que direito elevam as leis da lógica acima da história e as eximem da regra universal de nada é invariável, somente podem contestar como os monarcas absolutos: "o fazemos por direito divino".

Fica claro agora a falsidade que envolve identificar a dialética com a religião como fazem os professores James Burnham e Sidney Hook. Na realidade é a lógica formal que lança mão da religião e do dogmatismo. As leis eternas da lógica se encontram na mesma posição que os eternos princípios morais, dos quais Trotski assinalou: "O céu se mantém como a única posição fortificada para as operações militares contra o materialismo dialético". (Sua moral e a nossa)

Na realidade a lógica formal apareceu na sociedade humana em uma etapa definida de sua evolução e em um ponto definido do domínio do homem sobre a natureza, evoluiu paralelamente ao crescimento da sociedade e suas forças produtivas e foi agora assimilada e suplantada pela evoluída lógica dialética. Isto situa a lógica a par de qualquer outra ciência, mas foi necessária revolução no pensamento humano para colocá-la em seu lugar.

Uma das principais vantagens do materialismo dialético sobre a lógica formal é o fato de que, diferente dela, a dialética pode não só explicar a existência da lógica formal, mas também dizer porque a supera. A dialética pode explicar a si mesma e aos demais. É por isso que é incomparavelmente mais lógica que o pensamento formal.

Observem como evoluiu nossa crítica à lógica formal. Partimos por afirmar a verdade das leis da lógica formal, logo assinalamos os limites dessa verdade e a tendência dessas leis de gerar erros se eram levadas além de certas barreiras; isto nos levou a negar a verdade incondicional do que havíamos afirmado anteriormente. Vimos então que as leis formais tinham dois aspectos, um verdadeiro e outro falso, que eram complexas e contraditórias, capazes de evolução e mudança em razão de tendências opostas que se movem constantemente nelas. Analisamos a seguir os dois pólos opostos de seu caráter contraditório, descobrimos suas inter-relações, e indicamos como e por que se transformaram uma em outra.

Este é justamente o método de pensamento dialético. Como resultado chegamos à fronteira da dialética por um caminho genuinamente dialético. Esse é também o caminho pelo qual a humanidade chegou a ela como sistema explícito de pensamento. Os homens descobriram limitações da lógica formal na prática e superaram essas limitações na teoria, criando uma forma superior de lógica. A dialética prova sua veracidade aplicando seu próprio método de pensamento para se explicar e às suas origens.

A dialética surgiu como resultado de uma revolução social que perturbou todos os aspectos da vida. Na política, os representantes das massas em ascenso, guiados incondicionalmente por uma compreensão dialética dos fatos, bateram às portas das monarquias absolutas e gritaram: os tempos mudaram, queremos igualdade. No espírito do formalismo, os defensores do absolutismo replicaram: Estão errados, são subversivos! As coisas não mudam ou não podem mudar tanto! O rei é sempre e em qualquer lugar o rei; A é igual a A: a soberania não pode ser igual ao povo que é não-A. Esse raciocínio formal não freou a marcha do progresso, o triunfo das revoluções populares democrático-burguesas, o destronamento e a destruição das monarquias. A dialética revolucionária e não a lógica formal prevaleceu na prática política.

Na esfera do conhecimento o formalismo foi levado à mesma crise revolucionária que o absolutismo em política. As novas forças do conhecimento surgidas do desenvolvimento das ciências naturais e sociais, entraram em colisão com as formas lógicas que haviam reinado durante dois mil anos, buscaram se expressar, reclamaram seus direitos. Como se realizou esta revolução na

lógica, e a que levou será o tema de nossa próxima palestra.

Quarta Palestra: A REVOLUÇÃO HEGELIANA NA LÓGICA

Nesta palestra vamos discutir as origens históricas, avanços e o significado de uma revolução. Esta revolução em particular não se deu no domínio da política ou da economia, mas no das idéias. O autor dessa revolução foi um professor alemão, Jorge Hegel, que viveu entre 1770 e 1831. Ele revolucionou a ciência do pensamento demonstrando as limitações das leis básicas da lógica formal e criando, com base em novos princípios, um sistema superior de lógica conhecido como dialética.

A revolução da lógica feita por Hegel é parte desse colossal movimento revolucionário que transtornou o mundo ocidental entre os séculos XVI e XIX e culminou com a substituição de todos os aspectos da vida social do feudalismo e de outras formas e forças pré-capitalistas pelo sistema burguês. Toda verdadeira revolução social é um processo que penetra total e profundamente na ordem social e reconstrói tudo, desde as bases materiais da produção à superestrutura cultural e suas manifestações filosóficas. Assim, os movimentos revolucionários democrático-burgueses originados pelo crescimento e expansão do capitalismo transformaram radicalmente não só os métodos de produção, as relações políticas e a moral, mas também as mentalidades da humanidade. As mudanças profundas nas condições de vida e de trabalho produzem mudanças não menos transcendentais nos hábitos de pensamento dos homens. Os avanços do pensamento na prática industrial e científica estabeleceram, por sua vez, a necessidade de uma forma mais evoluída de lógica e uma teoria do conhecimento superior para enfrentar a nova acumulação de material de conhecimento.

Hegel, ao lado de Kant e o resto da escola revolucionária alemã de filosofia, era totalmente consciente da necessidade premente de um método apropriado de pensamento e da incapacidade da antiga lógica para satisfazer as necessidades dos novos conhecimentos. No prefácio de sua Lógica escreveu: "A forma e conteúdo da lógica têm seguido sendo os mesmos que se herdou; uma grande tradição que ao cair se tornou ainda mais débil e tênue; não existem traços na lógica do novo espírito que surgiu no conhecimento e na vida. É em vão, na realidade, (e digamos de uma vez por todas), tentar reter as formas de uma etapa anterior de desenvolvimento quando a estrutura interna do espírito se transformou; estas formas primitivas são como pétalas murchas que são substituídas por novos brotos que geram as raízes". "O novo espírito" a que Hegel se refere é sua forma de denominar as conseqüências da revolução democrático-burguesa.

Hegel propôs formular uma lógica "adequada ao elevado desenvolvimento das ciências" e necessária "para assegurar o progresso científico". Este novo método de pensamento era a dialética. Como sistematizador do método dialético, Hegel deve ser considerado o fundador da lógica moderna, assim como Copérnico o pai da Astronomia, Harvey da Fisiologia e Dalton da Química. Na realidade, desde Hegel até agora, não se descobriu nenhuma nova lei dialética além das já formuladas por ele.

1. A natureza contraditória do pensamento de Hegel

Hegel disse uma vez: "A sentença que um grande homem deixa ao mundo é obriga-lo a explicá-lo". Isto é absolutamente certo, até mesmo a respeito de Hegel, que sempre representou um problema para os que o estudam. Como pode este pacífico professor, funcionário civil do governo prussiano, cujas opiniões políticas se tomavam cada vez mais conservadoras à medida que ficava velho e célebre, conceber uma revolução em sua mente e lhe dar a luz?

Uma contradição similar pode ser observada nas relações provocadas pelas idéias de Hegel. Durante sua vida e até uma década depois de sua morte foi, ao mesmo tempo, o mimado dos círculos ortodoxos e a inspiração intelectual dos mais radicais.

Em todo caso, qualquer que seja a atitude tomada acerca dele, se aceitem ou rechacem suas

idéias, use o que se use dele, não se pode permanecer indiferente a respeito, o que demonstra a força explosiva de sua concepção. As pessoas podem, e é o que fazem normalmente, permanecer indiferentes frente às idéias que não ameacem o status quo ou o corpo estabelecido de conhecimentos, mas reage imediatamente quando aparecem em cena as idéias genuinamente novas e influências vitais. Hoje ninguém pode permanecer indiferente ao marxismo, porque suas idéias demonstraram sua potência revolucionária. Nenhum psicólogo se atreve a ignorar as descobertas de Freud.

Os verdadeiros revolucionários, tanto no campo das idéias como no dos fatos, provocam tremendas controvérsias e sentimentos contraditórios. Poderia-se odiar a John Brown e enforca-lo, como o fizeram os reacionários em 1859, ou poder-se-ia honrá-lo como um mártir da causa da emancipação humana. Mas não se poderia ignorar a John Brown, seu espírito e seus atos. O mesmo ocorre com Lenin e Trotski em nossa geração, com Freud e Einstein hoje, com Darwin ontem e com Bruno e Galileu nos séculos XVI e XVII.

O pensamento de Hegel arrasou como um furacão os salões empolados da filosofia, transtornando-o todo e obrigando a todos a se apurarem com as poderosas idéias que ele havia desencadeado. O mundo do pensamento já não tem sido o mesmo desde que Hegel passou por ele. As controvérsias que se desencadearam ao seu redor não cessaram até o presente. Eis-nos aqui, defendendo Hegel de seus detratores cem anos depois de sua morte.

Os academicistas têm tratado de domesticar a Hegel, de castrar e mutilar seu pensamento, de transforma-lo num ícone inofensivo, como fazem com todos os revolucionários mortos, incluindo Marx. Mas não o conseguem. As idéias realmente revolucionárias de Hegel seguem rompendo as interpretações convencionais que se dão dela, da mesma forma que romperam com seu próprio sistema idealista.

As reações contra Hegel são tão extremas hoje como em sua época. Desperta uma furiosa, venenosa hostilidade por parte de todos os formalistas empedernidos, de todos os antidialéticos. James Bumham ao se afastar do marxismo, chamou a Hegel "o mortal aqui-embrulhão do pensamento humano do século". (Em Defesa do Marxismo). Max Eastman lhe concede o ambíguo cumprimento de ser "o mais engenhoso de todos os teólogos disfarçados". (O Marxismo é uma Ciência?).

Esta é a opinião predominante sobre Hegel nos círculos acadêmicos oficiais dos Estados Unidos. William James, o pai do pragmatismo, nunca cessou de atacar Hegel por seu absolutismo e seu "universo em bolco". John Dewey e Santayana reeditaram livros onde pretendiam responsabilizar Hegel pelo nazismo, tratando de identifica-lo como o mais reacionário. O vice-presidente Wallace declarou em 8 de março de 1942; "Hegel expôs extensa e profundamente a filosofia do Estado totalitário".

A atitude de Dewey é particularmente significativa, já que começou sua carreira filosófica como hegeliano com matizes esquerdistas, e é muito versado no pensamento de Hegel. Na atualidade se afastou completamente de Hegel. Este ex-discípulo de Hegel nem sequer menciona o seu antigo mestre ou suas idéias em sua obra. Lógica, publicada em 1938.

Enquanto Dewey preparava sua obra para a imprensa eu lhe pedi insistentemente que incluísse a lógica hegeliana em seu próprio tratado. Sua resposta foi clara: no campo da lógica Hegel não é hoje digno de se ter em conta, é "um cachorro morto". Nisso se converteu a principal escola de pensamento norte-americano.

Nós, marxistas, estimamos de forma diferente a Hegel e sua obra. O honramos como a um titã do pensamento, "um gênio" (Trotski) que fez uma contribuição imortal ao pensamento humano com seu método dialético. Hegel tem outros admiradores nos recantos acadêmicos. Mas os fossilizados filósofos profissionais honram Hegel por razões diametralmente opostas das dos marxistas. Os hegelianos acadêmicos se prendem aos aspectos conservadores de Hegel, a todo o morto: a seu sistema, ao seu idealismo à sua apologia da religião. A partir de sua morte houve uma divisão similar entre seus discípulos na Alemanha, entre velhos e jovens hegelianos, entre conservadores e radicais, entre devotos religiosos e críticos ateus.

Hegel seria, obviamente um fenômeno histórico terrivelmente complexo, se o julgamos pelas conseqüências objetivas de seu pensamento. Na realidade, o filósofo da contradição era ele mesmo um filósofo contraditório. Isso o converte num osso duro de roer. Seus inimigos dizem que é inútil tentar decifrar seu sistema de idéias; não se encontrará nele mais que um interior podre de religião e idéias metafísicas. Nós dizemos, pelo contrário, que há um rico tesouro de pensamento dentro da casca de idealismo.

Hegel, como todas as outras grandes figuras da época capitalista, apresenta ao mesmo tempo aspectos revolucionários e reacionários. Nesta palestra só consideraremos os primeiros. Newton era um beato e até supersticioso protestante, mas isso não o impediu de revolucionar a ciência física. Hobbes, o empedernido materialista, era sem dúvidas um partidário do absolutismo contra os cromweilianos. Faraday, o descobridor da indução das correntes elétricas, era membro da pequena seita dos sandenmanianos. Sir Oliver Lodge, o físico, acreditava na comunicação com os mortos.

Toda pessoa deve ser julgada em relação com as condições de sua época, e não de acordo com padrões absolutos atemporais. "A verdade é sempre concreta". Robespierre é o líder revolucionário mais importante da democracia plebéia mesmo quando tentou reviver o culto ao Ser Supremo quando dirigia o governo da Revolução Francesa. John Brown não pode ser expulso do palco dos revolucionários por haver sido um pequeno-burguês que cria em Deus e na propriedade privada. Não se pode aplicar o mesmo padrão a Toussaint L'Ouverture, o líder dos escravos rebeldes da ilha de Haiti em fins do século XIX, que a um moderno líder proletário revolucionário. Os dialéticos devem aprender a ver a cada pessoa ou coisa em seu correspondente lugar histórico, em suas concretas proporções, em suas necessárias contradições.

Bumham e seus colegas não podem compreender a natureza contraditória de Hegel e seu pensamento se não são capazes de ver o caráter contraditório da URSS. Assim como hoje a União Soviética só é as abominações do estalinismo, a obra de Hegel não é mais que metafísica antiquada. Bumham escreveu em Ciência e estilo: "Durante os 125 anos que transcorreram desde que Hegel escreveu, a ciência progrediu mais que durante toda a história precedente da humanidade. Durante o mesmo período, depois de 2300 anos de estabilidade, a lógica sofreu uma transformação revolucionária... na qual Hegel e suas idéias tiveram uma influência nula". (Em Defesa do Marxismo).

Isto é totalmente falso. Como em outras questões, Burnham inverte as relações reais e põe tudo de pernas para o ar. A lógica sofreu uma transformação revolucionária mas foram precisamente "Hegel e suas idéias" que iniciaram essa revolução. Tentemos aclarar esse enigma que tanto contraria a Burnham e a todos os formalistas quando encaram o pensamento de Hegel.

2. As origens históricas do pensamento de Hegel

Hegel sabia que havia revolucionado a filosofia, mas explicou as origens e essência dessa revolução unilateralmente e, portanto, incorretamente. Escreveu: "Toda revolução, em ciências não menos que na história, se origina só nisso, em que o espírito do homem, pelo entendimento e a compreensão de si mesmo, tenha alterado suas categorias afixando-se numa relação consigo mesmo mais autêntica, profunda e íntima". Confundido por sua concepção idealista, Hegel entendia a revolução que havia forjado como surgindo da mente dos homens através de uma mudança em suas categorias de pensamento. Era um fato que pertencia essencialmente ao mundo do "espírito" ou das idéias que envolviam transformações das relações conceituais. Não era um desenvolvimento necessário do contexto social em uma etapa específica de sua evolução, que surgia originalmente de mudanças nas relações materiais entre os homens.

Os materialistas dialéticos dão uma explicação inteiramente diferente da obra de Hegel. Se perguntássemos a Hegel por que e como surgiu esta mudança de idéias, ele contestaria que pelos fatores contraditórios internos de cada sistema de idéias, seu conteúdo e sua resolução. Para os materialistas isso não responde à pergunta. Explicar mudanças nas idéias pelas mudanças delas

mesmas é demasiado superficial e restrito.

As mudanças revolucionárias no mundo das idéias devem ser explicadas como resultado de mudanças anteriores no mundo material. Na realidade, esta revolução intelectual teve suas verdadeiras raízes e seu motor no movimento social revolucionário mais importante de sua época: o surgimento e a conquista do mundo pelo capitalismo. Notemos, sem dúvidas, que não derivamos o princípio dessa explicação mais que do próprio Hegel, que ensinou que nada pode ser explicado por si mesmo e através de si mesmo, como dizia a lógica formal baseando-se na lei da identidade, mas por outro e através de outro. Aqui usamos o método de Hegel contra sua própria conclusão e isto é o que o materialismo marxista fez em grande escala.

Nós entendemos a natureza peculiar do capitalismo através do sistema social do qual surgiu, o feudalismo, como também da formação social a que dá lugar, o socialismo. Ao tentar compreender algo devemos saber não só o que este algo é, mas também, o que não é, ou seja, como surgiu, de que é parte e em que se converterá.

Desde o século XVI até a aparição de Hegel as novas forças do capitalismo haviam questionado, enfrentado ou virtualmente derrotado todas as instituições e relações estáveis e antigamente honradas. Os fundamentos produtivos da velha ordem social (feudalismo, escravidão) haviam sido minados ou subvertidos pelo crescimento das relações capitalistas, a competição, a industrialização e o mercado mundial. As revoluções inglesa, francesa e americana haviam destruído as monarquias absolutas e em seu lugar criado novas formas de governo. A história do século XVIII esteve marcada por lutas entre os grandes impérios do mundo, por rebeliões coloniais (a Revolução Americana) e finalmente pelas grandes guerras civis e nacionais produzidas pela Revolução Francesa. Toda a sociedade civilizada era varrida por forças contraditórias e posta de pernas para o ar. Estes tremendos, catastróficos conflitos ficaram impressos nas mentes dos homens que já não podiam trabalhar, viver ou pensar do modo antigo. Viram-se arrancados de sua rotina e obrigados, pela força dos acontecimentos, a pensar ou atuar de um modo diferente: a favor ou contra a revolução.

As condições históricas demandavam urgente a criação de um novo método de pensamento. As audaciosas especulações de Hegel, seus saltos revolucionários que enlaçavam o velho mundo de pensamento com o novo, refletiam e expressavam os impulsos revolucionários que agitavam a sociedade européia. No curso de sua evolução, a ciência lógica se enfrentou com as mesmas categorias que as ciências sociais. As forças e técnicas produtivas do capitalismo superaram as formas feudais de produção. Teve lugar um prolongado conflito entre os representantes destas irreconciliáveis forças sociais. Os reacionários fizeram o possível para reencaixar as forças nascentes da produção capitalista na camisa de força do feudalismo. Os elementos burgueses revolucionários lutaram por libertá-las dessas amarras e criar relações de produção mais adequadas e livres.

Os filósofos enfrentaram um problema parecido no campo do pensamento. Manteriam enclausuradas dentro das leis da lógica elementar - independente de sua falsidade ou escolasticismo - às novas forças de produção intelectual surgidas ou que anteciparam a produção capitalista? Isto era o que recomendavam e praticavam os pensadores conservadores. A outra opção significava às novas forças intelectuais o fim de sua submissão à lógica formal e criar um novo sistema lógico em estreita conformidade com as necessidades do desenvolvimento do pensamento científico. E esta foi a escolha dos filósofos mais progressistas desde Bacon e Descartes, que brigaram por reformar a lógica de acordo com a reconstrução da sociedade e das outras ciências. Em vez de se preocupar por desenvolver seu conhecimento científico segundo a lógica formal, trataram de fazer sua lógica mais científica. Foi Hegel quem conseguiu consumir esta revolução na lógica.

3. Hegel e a Revolução Francesa

As forças revolucionárias da época se concentravam em torno da grande Revolução Francesa de 1789. A Revolução Francesa significou para os homens do século XVIII e XIX o que a Revolução Russa é para nós. Dividiu o mundo civilizado em dois grupos opostos: a favor ou contra

a Revolução. Germinaram idéias e tendências revolucionárias na política, na música, escultura, poesia ("Então era glorioso estar vivo, mas ser jovem era celestial", Wordsworth) e na filosofia.

A Revolução Francesa não era para Hegel um fato histórico remoto. Era seu contemporâneo; tinha 23 anos quando ela alcançou seu apogeu em 1793 e foi a força mais influente em sua vida e pensamento. Esteve imerso em suas vicissitudes, que o afetavam diretamente. Hegel deve ter terminado sua primeira grande obra, A Fenomenologia do Espírito, na mesma tarde da batalha de Jena, na que Napoleão venceu aos exércitos prussianos e desmembrou o reino. Os soldados franceses entraram na casa de Hegel e atearam fogo nela apenas depois que ele havia metido no bolso as últimas páginas da Fenomenologia e buscara refúgio na casa de um alto oficial da cidade. Apesar dessas dificuldades pessoais, Hegel sempre falou com entusiasmo da Revolução Francesa. Na Fenomenologia procura justificar, a sua maneira idealista, o terror revolucionário dos jacobinos que era condenado por todos os reacionários e contra-revolucionários dessa época com o mesmo espírito com que hoje se condena o terror bolchevique contra os inimigos da Revolução Russa. Isto requeria não só uma alta coragem intelectual e moral, mas também uma visão revolucionária.

Poucos dias depois de ser despejado de seu domicílio, Hegel escrevia em uma carta a um amigo: "Vi o Imperador (Napoleão), esse espírito universal, cavalgando através da cidade. É realmente uma rara emoção se ver frente a semelhante indivíduo, que aqui, deste lugar, enquanto anda a cavalo, está abrangendo todo o mundo e remodelando-o... Agora todos desejamos boa sorte ao exército francês, que não pode ser derrotado pela imensa diferença entre seus líderes e soldados e os de seus inimigos". (Caird: HegeÍ). O equivalente intelectual deste panegírico seria o entusiasmo de um intelectual - na Alemanha - saudando o avanço do exército soviético.

Em outra carta Hegel escreveu: "A Nação Francesa, com a ducha de sua Revolução, foi liberada de muitas instituições que o espírito do homem carregava sobre seus ombros como seus sapatos infantis e que logicamente pesavam sobre o corpo como ainda pesam sobre outros, como peso morto. Ainda mais, os indivíduos dessa nação, pelo impacto da Revolução, descartaram o temor à morte e a sua vida provinciana que, com a mudança de cenário, deixaram de ter significado em si. Isso é o que lhes dá a força avassaladora que mostram contra outras nações. Daí vem especialmente sua preponderância sobre o nebuloso e subdesenvolvido espírito dos alemães que, sem dúvida, se alguma vez se virem obrigados a deixar de lado sua inércia, despertarão à ação, e preservando em seu contato com o exterior a intensidade de sua vida interior, talvez sobrepujarão seus mestres". (Caird: HegeÍ).

As queixas sobre o "nebuloso e subdesenvolvido espírito dos alemães" referem-se à marcante diferença entre França e Alemanha. Na França a revolução democrático-burguesa foi levada a cabo enérgica e abertamente. Havia sido anunciada por uma agitada fermentação no mundo das idéias. Os escritores e ideólogos franceses progressistas travaram contínuas batalhas contra a Igreja, o Estado e reconhecidas autoridades científicas; sofreram perseguições, prisão, exílio e todas as penas previstas para as chamadas atividades "subversivas".

Devido ao atraso das condições sociais da Alemanha, o movimento revolucionário democrático-burguês e seus reflexos no campo das idéias, sofreu ali uma evolução muito diferente, com resultados distintos. Na primeira parte do século XIX, quando Hegel chegou à maturidade, a burguesia alemã se mostrou incapaz de produzir ou completar uma autêntica revolução na vida industrial ou política. Ao mesmo tempo as energias derivadas dessas esferas materiais da existência se canalizaram preferencialmente no campo da filosofia e ali encontraram rica e concentrada expressão.

Os ideólogos da burguesia alemã compensaram a inferioridade econômica, debilidade política e escassa liderança de sua classe com um extraordinário arrojo e uma aguda visão no âmbito do pensamento. Levaram adiante uma revolução no mundo das idéias, ali onde seus colegas mais práticos falharam por realizar sua revolução no âmbito da realidade prática. Marx caracterizou a filosofia de Kant, o fundador da escola da filosofia clássica alemã, como "a teoria alemã da

Revolução Francesa". Hegel desenvolveu ao seu mais alto grau essa "teoria alemã" em sua dialética.

4. Hegel e a revolução nas ciências

Novas e revolucionárias idéias científicas precederam, acompanharam e seguiram ao surgimento da economia capitalista e à fermentação política da revolução democrático-burguesa. As ciências exatas - matemática, mecânica, astronomia - começavam a avançar a largos passos e a assentar-se sobre novas bases.

Mais tarde, essas e outras ciências - a geologia, a paleontologia, química, geografia, biologia, botânica, fisiologia, anatomia - avançaram e foram revolucionadas uma a uma. Goethe, Treviranus e Lamarck introduziram o conceito de evolução na botânica e biologia.

As ciências sociais também reviveram e se transformaram. Criou-se a economia política. Surgiu a ciência política, juntamente com os partidos políticos. Os grandes problemas estabelecidos pela Revolução Francesa e Inglesa, deram um poderoso impulso à ciência histórica. Os homens refletiram sobre as forças motrizes da história e começaram a busca-la em todos os lados, excluindo a Divina Providência. Hegel, por exemplo, em sua Filosofia da História, procurou explicar a dinâmica da evolução histórica. Não conseguiu, mas seus magníficos erros foram a base da solução correta dada pelo método do materialismo histórico de Marx.

Os cientistas destes distintos campos procuraram conciliar os novos temas de conhecimento que haviam coletado ou as novas leis que haviam descoberto, com a herança das velhas categorias de pensamento. Revolucionaram suas práticas científicas muito antes de haver revolucionado completa e conscientemente seus hábitos e métodos de pensamento. A maioria tentou, por exemplo, conciliar suas descobertas com idéias religiosas estabelecidas com as quais eram obviamente incompatíveis ou, pelo menos, evitar um conflito direto com as autoridades eclesiásticas.

Mesmo depois que muitos haviam deixado de lado os sermões ou as normas religiosas, os cientistas continuaram considerando a natureza como fundamentalmente invariável; às leis que a haviam promulgado como eternas; ao movimento como algo puro e simplesmente mecânico. Faltou-lhes, em uma palavra, o conceito de evolução universal.

5. A relação da filosofia

"A primeira ruptura com essa visão petrificada da natureza não foi realizada por nenhum naturalista, mas por um filósofo", assinala Engels em Dialética da Natureza. "Em 1755 apareceu a História natural geral e teoria dos céus de Kant. A descoberta de Kant de que 'a terra e todo o sistema solar... chegaram a ser no curso do tempo'... continha o ponto de partida de todo o progresso posterior. Se a terra era algo que tinha chegado a ser, então, seu presente estado geológico, geográfico e climático, e igualmente suas plantas e animais, devem ser algo que chegou a ser; deve haver tido uma história, não só de coexistência no espaço, mas também de sucessão no tempo".

Esta idéia revolucionária de Kant, que seria desenvolvida de forma muito mais compreensível e profunda por Hegel, foi resultado de um prolongado processo de trabalho filosófico, que levou vários séculos. A revolução filosófica não surgiu de repente, mas se desenvolveu gradualmente. Do mesmo modo que os comerciantes, banqueiros e industriais burgueses e seus agentes, que atacaram e socavaram desde os alicerces e instituições do feudalismo com fatos econômicos, políticos e militares, os ideólogos da burguesia também fizeram o mesmo, assaltaram e minaram o feudalismo desde cima até o mais longínquo reino da teoria. Enfrentaram as idéias básicas do cristianismo primeiro, através da reforma protestante e depois com um espírito revolucionário ateu. Levaram a cabo uma empedernida batalha contra as idéias e método escolásticos, suporte ideológico do catolicismo e da ordem feudal. Recriaram o materialismo.

Os hegelianos e a seguir os marxistas não foram as primeiras nem as últimas escolas a notar a inadequação da lógica de Aristóteles petrificada pelos escolásticos ou em buscar uma lógica

melhor. Os pensadores burgueses haviam começado já no século XVI a se rebelar contra as restrições da lógica formal que se haviam tomado intoleráveis em suas versões escolarizadas e mortas. Bacon começou a luta na Inglaterra, Descartes na França. Desde esse momento até Hegel, um atrás do outro, os mais destacados filósofos europeus procuraram formular um método próprio para superar a lógica formal e se enfrentar com os problemas colocados pelo crescimento das outras ciências. O *Novum Organum* de Bacon, o *Discurso do Método* de Descartes, o método mecânico de Descartes, o método geométrico de Spinoza, o *Ensaio sobre o entendimento humano* de Locke, representam marcos nesse caminho. Locke, por exemplo, conclui assim seu ensaio: "A consideração, então das idéias e palavras como os grandes instrumentos do conhecimento, é parte importante de sua contemplação, o que daria uma visão total do conhecimento humano. E se fossem claramente pesados e devidamente considerados, talvez nos levariam a uma lógica e crítica diferente da que conhecemos".

A tentativa mais repetida e exitosa nesta linha foi feita pelos filósofos alemães clássicos começando por Kant, seguindo por Fichte e Scheiling e culminando por Hegel. O que seus precursores haviam buscado, Hegel encontrou; onde eles falharam, ele triunfou. Mas Hegel nunca teria conseguido desenvolver sua dialética sem os erros de seus predecessores. Seus erros forneceram as condições e foram elementos necessários a seu êxito. Através de Hegel e Marx seus erros se converteram em acertos.

Esta lição dialética da história da lógica deve ser lembrada pelos revolucionários. O êxito não é simplesmente êxito, nem o erro simplesmente erro, como pensam e dizem os formalistas. Todo êxito contém algum erro; e todo erro contém em si algum acerto e, sob certas condições, podem ser transformados um em outro. Um exemplo é a evolução e degeneração da Revolução Russa, e agora a perspectiva de sua recuperação.

O pensamento de Hegel e, especialmente, seu método dialético representaram a consumação da filosofia clássica alemã e da grande filosofia grega da antiguidade. Foram a conseqüência teórica do progresso filosófico da civilização ocidental de quatro séculos. Hegel explicitou que sua filosofia era a culminação dos dois séculos precedentes de pensamento filosófico e que as principais conquistas do pensamento, desde os gregos, haviam sido incorporadas à sua obra. Isto não era uma jactância, mas a pura verdade.

Ser o ápice de um gigantesco movimento revolucionário, o maior da história do socialismo, é o que dá significado histórico universal à obra de Hegel. Seu trabalho abrange e resume em forma teórica concisa os resultados de séculos de trabalho intelectual dos maiores pensadores. A filosofia de Hegel não só expressou os resultados destes grandes movimentos da sociedade e da ciência, mas ela mesma em muitos campos deu seu impulso a movimentos que ainda estão mudando no mundo. Sem ir mais longe, nosso próprio movimento marxista.

"Os trabalhadores alemães - disse Engels - são herdeiros da filosofia clássica alemã". Isso é válido para a totalidade da classe trabalhadora, no mundo inteiro. E por isso que honramos a Hegel. A melhor forma de honrar este grande pensador é estudar sua obra e entender suas idéias. É o que faremos com mais detalhes na próxima palestra.

Quinta Palestra: **O MÉTODO DIALÉTICO**

Na última palestra verificamos que o grande avanço do conhecimento em muitas frentes desde o século XVI gerou uma radical reconstrução da ciência lógica, da mesma forma que a forças em expansão da produção capitalista requisitaram uma transformação radical na ordem econômica e política. Em seu trabalho filosófico, Hegel consumou esta revolução na lógica com não menos audácia que os revolucionários plebeus, os jacobinos, empregaram para remodelar o Estado e a sociedade francesa. O método dialético de Hegel é uma conquista na história somente comparável à conquista de Aristóteles.

Nesta palestra nos propomos a discutir os conceitos principais do método dialético. Quando consideramos na primeira palestra as idéias fundamentais da lógica formal, principiamos por

apresentar suas três leis básicas, expressando-as como fórmulas e a seguir analisando seus aspectos aplicáveis e seus defeitos.

As idéias do método dialético trataremos de outra forma. Não começaremos propondo uma ou mais leis fundamentais da dialética em torno das quais gira todo o sistema lógico, como fizemos no caso da lógica formal. Não nos aproximaremos da dialética como a um sistema fechado. Pelo contrário, é um sistema aberto e portanto nossa aproximação é flexível, concreta mas informal.

1. Diferença na aproximação da realidade entre a lógica formal e a lógica dialética

É importante compreender os motivos dessa atitude porque surgem de uma profunda diferença de caráter entre o pensamento formal e o dialético.

As leis e idéias básicas da lógica formal são facilmente expressáveis em simples fórmulas e equações porque estas generalizações unilaterais expressam a natureza interna, a realidade, do pensamento formal. Como já explicamos, as leis básicas da lógica formal não contém mais que reformulações de um mesmo conceito fixo da identidade.

O nome de lógica formal está muito bem colocado. O formalismo é sua verdadeira razão de ser e o formalismo sempre tende a produzir fórmulas incondicionais e invariáveis do tipo das três leis da lógica formal, que crêem conter toda a realidade com que operam. O formalismo toma o específico e o eventual que se manifesta na natureza como final, eternamente fixo, invariável incondicional.

A dialética se baseia num ponto de vista completamente diferente e tem uma visão distinta da realidade e suas formas variantes. É a lógica do movimento, da evolução, da mudança. A realidade está demasiadamente cheia de contradições, demasiadamente fugidia, por demais mutável para amarrá-la numa fórmula ou conjunto de fórmulas. Cada fase particular da realidade constrói suas próprias leis, seu sistema de categorias peculiares, com as que compartilham de outras fases. Estas leis e categorias devem ser descobertas por uma investigação direta da totalidade concreta, não podem ser pensadas ou produzidas pela mente antes de ser analisada na realidade material. Além do mais, toda realidade está em contínua mudança, descobrindo novos aspectos de si mesma, que devem ser tomados em conta e que não podem ser enclausurados em velhas fórmulas porque não só são diferentes, mas em detalhes contraditórias com elas. O método dialético procura acomodar-se a estes aspectos fundamentais da realidade. Deve torná-los como pontos de partida e base de seus próprios procedimentos. Se a realidade está sempre mudando, concreta, cheia de novidades, fluente como um rio, movida ao influxo de forças opostas, então a dialética, que pretende ser um autêntico reflexo da realidade em termos lógicos, tem que adotar as mesmas características. O pensamento dialético deve ser concreto, variável, sempre arejado e fluido como um riacho, pronto para detectar e usar as contradições que se lhe apresentem.

Nós dialéticos reconhecemos que todas as fórmulas devem ser provisórias, limitadas, aproximadas, porque todas as formas de existências são transitórias e limitadas. Isso também deve ser aplicado à ciência da dialética e à formulação de suas leis e idéias. Uma vez que a dialética é manipulada com uma realidade sempre variante, complexa e contraditória, suas fórmulas têm limitações intrínsecas. Em suas interações com a realidade objetiva e em seu próprio processo de evolução relacionado com esta atividade, o pensamento dialético cria fórmulas, as mantém e logo as descarta em cada etapa de seu crescimento. A própria dialética cresce e muda, a princípio de forma contraditória, de acordo com as condições materiais e intelectuais específicas que governam sua evolução. Já passou por duas etapas cruciais de evolução, na versão idealista de Hegel e na forma materialista do marxismo.

O pensamento dialético, portanto, não pode ser englobado completamente por nenhum conjunto fixo de fórmulas, nem pode ser a dialética codificada de uma mesma forma e ao mesmo nível que a lógica formal. Exigir isto da dialética, procurar impor fórmulas perfeitas a seus processos, significa prender-se ao método do pensamento formal. É alheio à natureza essencial, ao espírito vivo da dialética como método de pensamento. "A teoria, amigos, é cinza, mas verde é a

árvore eterna da vida". (Goethe)

Mas isso não significa em absoluto que a dialética não esteja sujeita a leis ou que estas leis não possam ser formuladas em termos claros. Toda lógica deve ser capaz de determinações e expressões categóricas. Se não fosse assim estas palestras seriam uma empreitada insensata e a ciência lógica impossível. De outra forma, o pensamento lógico se dissolveria no ceticismo ou no misticismo, que é seu resultado. Tudo o que ocorre não é resultado de forças arbitrárias, mas de leis que operam definida e regularmente. Isto é válido para os processos mentais com os quais se maneja diretamente a lógica dialética. As leis dos processos mentais existem. Podem ser descobertas, conhecidas e usadas.

A dialética incorpora a seu próprio sistema e usa o aparato da lógica formal: definição estrita, classificação, coordenação de categorias, silogismos, juízos, etc. Mas faz dessas ferramentas do pensamento suas servas e não as elege como donas do pensamento. Estes elementos da lógica devem se adaptar ao processo da realidade e à realidade do pensamento. Não se lhes deve permitir ultrapassar os limites de sua utilidade nem forçar à realidade objetiva e ao pensamento a adaptar-se a seus mecanismos, como fazem e exigem os formalistas fanáticos.

Na indústria as ferramentas estão subordinadas e adaptadas às necessidades do processo de produção, e ao produto, não o inverso. Assim deve ser com as ferramentas do pensamento criadas pelas lógicas formal e dialética. Devem encontrar seu lugar no processo de produção intelectual e cooperar com outras operações e ferramentas para alcançar o resultado desejado: uma reprodução conceitual correta da realidade material.

Trotsky, referindo-se à teorização formal de um professor alemão, Stammier, autor de um tratado sobre A Economia e a Lei, que influenciou sobre certos intelectuais socialistas europeus, assim como as idéias do filósofo Morris Cohen levaram certos intelectuais norte-americanos, disse: "Foi simplesmente outra das inumeráveis tentativas de restringir a grande corrente da história natural e humana, da ameba ao homem presente e do futuro, aos elos fechados das categorias eternas, elos que não só não são reais, como são impressões sobre o cérebro de um pedante (Minha Vida).

É difícil mudar os hábitos que nos fazem acreditar os pedantes, especialmente quando impregnaram nossas mentes através de nossa formação por Universidades burguesas. Insistir que a dialética fornece uma expressão de suas leis e idéias eternamente boas para qualquer intenção e lugar é pedir-lhes o impossível. A dialética não pode preencher estes pré-requisitos. Toda tentativa de fazê-lo violaria sua natureza interna e a faria recair no formalismo.

As leis e idéias da dialética, por mais precisas e claramente delineadas que estejam, nunca podem ser mais que aproximadamente corretas. Não podem ser universais e eternas. É importante notar que esta exigência é requerida mais a fundo e insistentemente pelos pequeno-burgueses que chegaram ao movimento marxista ainda subordinados ao formalismo da vida e do pensamento acadêmico. Engels disse: "Um sistema do conhecimento da natureza e da história que seja universal e definitivo, para todos os momentos, está em contradição com as leis fundamentais do pensamento dialético que, longe de excluí-la, pelo contrário a inclui, a idéia de que o conhecimento sistemático do mundo externo pode realizar grandes avanços de geração em geração". (Anti-Düring)

Os críticos da dialética perguntam com desagrado o que os estudantes da dialética às vezes perguntam ansiosamente: "Onde há um tratado autorizado de dialética?" Quando nos referimos às obras dos marxistas mais destacados - Marx, Engels, Mehring, Plekanov, Lenin, Trotsky, etc viram-se horrorizados e dizem: "Estes livros não são como os textos a que estamos acostumados nas escolas e Universidades. As idéias não estão formatadas, nem numeradas, nem dissecadas. São polêmicos da primeira à última página, tratam de problemas concretos de um ou outro tipo não formulam suas leis ou conclusões, cada uma com sua faixa e título, como oficiais de um exército. Em um lugar põem uma idéia como primeira, em outro é ao contrário. Que pode pensar um cidadão decente de semelhante conduta?" É assim. O caráter desses escritos marxistas não é acidental. Podemos fazer todos os textos e tratados que nos peçam sobre a dialética e suas leis. O próprio Marx escreveu a Engels em 1885: "Se tivesse tempo de novo para semelhante trabalho gostaria muito de fazê-lo acessível para a inteligência humana comum, em duas ou três folhas de

papel, o que há de racional no método descoberto por Hegel, mas que ele mesmo envolveu no misticismo". (Marx-Engels Correspondência). Sem dúvida esse trabalho teria sido de grande utilidade para todos os estudantes de lógica. Mais tarde Engels o começou em suas obras Ludwing Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã e Anti-Düring.

Creio que uma apresentação tão sistemática como a que Marx teria escrito não satisfaria aos formalistas. Sua sede de fórmulas, de expressões absolutas e finais não pode ser satisfeita pela dialética. De acordo com a dialética a verdade sempre é concreta. É por isso, por exemplo, que a dialética se mostra melhor em conexão com a análise de questões concretas em campos de experiência específicos, e através destes. Por isso assume natural e inevitavelmente um caráter contraditório, polêmico. Não é acidental que a dialética tenha tido sua melhor expressão nos diálogos de Platão, polêmicos em sua forma e dialéticos em seu conteúdo. Aristóteles também polemiza continuamente com os pontos de vista de seus predecessores e contemporâneos.

Os pensamentos progressistas e revolucionários nas ciências têm espontaneamente um caráter mais ou menos polêmico. Assim é o Diálogo sobre os principais sistemas universais de Galileu onde contrapõe os esquemas astronômicos de Copérnico e Ptolomeu e pelo qual foi desterrado; o Progresso da Ciência de Bacon que inaugurou a nova era do pensamento moderno. "Todo esse volume é um grande argumento", dizia Darwin sobre ele no último capítulo da Origem das Espécies. Estas obras que sacudiram o mundo e estimularam o pensamento são polêmicas na sua forma e dialéticas em seu conteúdo porque devem destruir o velho para dar lugar a novas idéias que abrem caminho na consciência social.

Em seu famoso discurso Que é uma Constituição, reeditado em janeiro de 1942 na Fourth International, Lasalle explica como a constituição escrita de um Estado é a expressão jurídica da constituição material da estrutura social específica, e como muda segundo as alternativas das relações de forças entre as classes. As definições formais das constituições não podem explicar sua origem, evolução e desaparecimento. Por isso devemos ir às reais relações e luta de classes da sociedade que necessariamente estabelecem as formas constitucionais, as criam, as alteram e as destroem.

Não é muito difícil redigir uma constituição. Foi feita em poucos dias. Os dirigentes bolcheviques, Lenin em particular, escreveram uma constituição para a República Soviética em 1917 quase que de passo e de acordo com as necessidades da luta revolucionária nessa etapa particular. Os bolcheviques não eram formais. Eles compreendiam o papel subordinado dos documentos formais e o lugar predominante que deve ocupar, nas questões constitucionais ou não, a luta viva e as reais relações das forças envolvidas.

O mesmo aconteceria com uma "constituição" escrita de lógica dialética. Refletiria o estado da dialética em um dado momento e desde um ponto de vista específico e limitado. Este tipo de codificação é importante, necessário e útil. Mas não pode substituir a atenção cuidadosa e direta que se deve prestar às realidades materiais e forças em conflito sobre as quais se baseia a dialética e que determinam suas características e também as mudanças sobre estas.

Temos que entender a relação entre a matéria e as formas que adota. Estas são sempre interdependentes e surgem uma da outra. Mas, para os materialistas dialéticos, o decisivo é o movimento da matéria, agora expressado cientificamente como a relação massa-energia e não as formas transitórias ou particulares que adota esse movimento material em um dado momento de uma formação específica. O materialismo dialético repudia as questões formais.

Ao discutir este e outros temas relacionados com o camarada Vincent Dunne, ele ilustrou de como esta exigência de uma formulação acabada da dialética lhe lembra aos militantes dos movimentos de massa que pedem instruções rígidas sobre como negociar um acordo, levar a cabo uma greve, organizar uma equipe, etc. Estes manuais e orientações são uma boa ajuda, como sabem todos os que recebem um documento de direção partidária. Mas têm limitações próprias e definidas. Não podem substituir uma apreciação concreta da situação baseada sobre uma análise de todas as complexas circunstâncias, incluída a relação de forças e sentido de sua evolução. Para a solução de cada problema específico é necessário algo mais. Qual é esse ingrediente essencial?

O camarada Cannon o expressou em detalhes da seguinte forma: "Não há substituto para a inteligência". A forma mais alta da inteligência é a guiada pelo método do materialismo dialético. Como se pode adquirir esta inteligência marxista? Através da experiência no movimento de massas, pelo estudo, pelo pensamento crítico, pela participação na vida e nas lutas da classe operária de forma que os movimentos, modalidades e mentalidade das massas se tomem familiares e conhecidos. É este movimento social que deu vida ao materialismo dialético e ele que continua inspirando e promovendo sua evolução ao compromete-lo com a realidade concreta.

Durante a luta com os opositores pequeno-burgueses, estes exigiram respostas imediatas e globais para todo tipo de perguntas abstratas. Que fazer e dizer se ocorrer tal ou qual coisa? Trotski lhes contestou: "Como respostas a perguntas 'concretas', os opositores querem receitas de bolo para a época das guerras imperialistas. Não tenho intenção de escrever este livro de receitas. Mas uma vez estabelecida nossa aproximação escrupulosa às questões fundamentais, sempre poderemos chegar a uma solução concreta de qualquer problema concreto, por mais complicado que seja". (Em Defesa do Marxismo)

Ninguém pode proporcionar um "livro de receitas" sobre dialética, mas as idéias fundamentais podem ser colocadas de forma que o método possa ser entendido e usado para a solução de problemas concretos. Engels escreveu uma vez: "Desde o momento que aceitamos a teoria da evolução todos os nossos conceitos sobre a vida orgânica correspondem só aproximadamente à realidade. De outra forma não haveria mudança; o dia em que no mundo orgânico os conceitos e a realidade coincidam completamente termina a evolução. O conceito peixe inclui uma vida aquática que respira por brânquias: Como se pode passar de peixe a anfíbio sem romper com este conceito? Já foi rompido. Agora já conhecemos toda uma série de peixes que transformaram suas bexigas natatórias em pulmões e podem respirar ar. Como se pode passar de réptil ovíparo a mamífero que é vivíparo sem por um ou ambos os conceitos em conflito com a realidade? Na realidade nos monotrematas temos toda uma subclasse de mamíferos ovíparos - em 1843 eu vi os ovos do ornitorrinco em Manchester e com arrogante estreiteza mental desviei de semelhante estupidez - como se um mamífero pudesse por ovos! E agora foi provado. Não tenham então os mesmos conceitos que me levaram a ter que pedir perdão ao ornitorrinco". (Marx-Engels, Correspondência)

Para as leis da dialética vale o dito pela lei do valor em economia política (e para todas as demais leis). São reais somente como aproximações, tendências, médias. Não coincidem nem podem fazê-lo, imediata, direta e completamente com a realidade. Se não fosse assim não seriam reflexos conceituais da realidade, mas a própria realidade objetiva. O pensamento e a existência, mesmo sendo interdependentes, não são idênticos.

2. As leis da realidade e sua necessidade

Com a lógica formal iniciamos esclarecendo o que é. Com a dialética, pelo contrário começamos por explicar o que não é. Agora propomos discutir o que a dialética é, em que consiste seu conteúdo positivo.

Hegel extraiu de sua filosofia e sua lógica a premissa "tudo o que é real é racional". Ainda que esta proposição raramente se explicita em termos conscientes, guia toda a nossa prática e nossa teoria. Nos conduzimos na vida diária e em nosso trabalho baseando-nos no fato de que existem objetos materiais com relações estáveis ao nosso redor, ocorrem fenômenos regulares na natureza, as coisas mudam de acordo com leis definidas e essas coisas e suas conexões, estes acontecimentos e essas leis que se repetem, podem ser conhecidos e explicados corretamente ou, como dizem os acadêmicos, racionalmente.

A mesma regra de racionalidade do real prevalece no campo da teoria. Mais ainda, a teoria seria impossível sem esta regra. Toda investigação científica se realiza sobre a base de que as coisas estão conectadas uma com as outras, de modos definidos, que suas mudanças mostram uma certa uniformidade, uma certa regularidade e portanto é possível formular leis sobre elas. Houve

pensadores céticos e religiosos que negaram a racionalidade do mundo real. Este é o postulado essencial do existencialismo. Mas mesmo aqueles filósofos que afirmaram que a realidade era irracional e portanto não cognoscível pela mente humana, chegaram a esta conclusão por métodos racionais. Seu método racional desmentiu sua conclusão irracional e se manteve em franca contradição com ela.

A ciência lógica deve tomar como ponto de partida a unidade dos processos subjetivos do pensamento com os processos do mundo externo.

A natureza não pode ser irracional, nem a razão contrária à natureza. Tudo o que existe deve ter uma razão necessária e suficiente de existência e esta razão pode ser descoberta e comunicada aos demais. Este conceito foi formulado em 1646 por Leibnitz, o grande lógico, matemático e filósofo alemão, como "o princípio da razão suficiente" pelo qual, diz. "sabemos que nenhum fato pode ser considerado real, nenhuma proposição verdadeira, sem uma razão suficiente pela qual é como é e não de outra forma".

As bases materiais desta lei residem na autêntica interdependência de todas as coisas e em suas interações recíprocas. Os aspectos do mundo real localizam a determinação conceitual e a expressão lógica em categorias como causa e efeito, determinismo e liberdade, etc. Se tudo o que existe tem uma razão necessária e suficiente para sua existência, isto significa que tinha que chegar a ser. Foi levado à existência e se abriu caminho para ela por necessidade natural. Teve que lutar contra todo tipo de forças opostas para se fazer chegar ao mundo. A realidade é provada em virtude de sua necessidade. Realidade, racionalidade e necessidade estão intimamente associados em todo momento.

Consideremos o movimento socialista à luz destas idéias. Até Marx, o socialismo era uma utopia, um antigo sonho da humanidade, que não podia adquirir realidade pela falta de condições materiais. O socialismo não era real nem necessário para a humanidade nessa etapa de sua evolução e portanto era irracional, uma alucinação, uma antecipação da realidade.

Com o desenvolvimento do capitalismo, o socialismo se converte pela primeira vez numa perspectiva real. Marx e Engels o demonstraram com seu socialismo científico. Descobriram teoricamente a realidade, a racionalidade e necessidade do socialismo e da luta proletária por sua realização. Mas esta era uma antecipação teórica da realidade, não uma perspectiva prática imediata. O socialismo era, fundamentalmente, um programa e uma meta comparado com a realidade social do capitalismo.

Mas, com o crescimento do movimento de massas proletário e com a expansão das idéias socialistas, o socialismo começou a adquirir então mais e mais realidade, mais e mais necessidade, mais e mais racionalidade. Por que? Porque, como estabeleceram Marx e Engels, as idéias se convertem em forças quando as massas as aceitam. O primeiro grande salto da idealização à realidade teve lugar na Revolução Bolchevique de 1917 que fez o socialismo muito mais real que o capitalismo em um sexto da superfície terrestre.

Assim, a realidade do socialismo foi adquirindo mais e mais existência material. Isto é o que prova sua racionalidade, ou seja, sua correspondência com as reais e urgentes necessidades da humanidade, e especialmente de seu setor mais progressivo, a classe operária. O socialismo demonstrou ser o resultado racional dos esforços humanos por melhorar suas condições. Toma-se autêntico porque é racional, ou seja, porque está em harmonia com as tendências do progresso social. É racional porque se toma real, ou seja, uma força ativa na vida e nas lutas da humanidade. Sua racionalidade e sua realidade reagem entre si e se reforçam.

Ao mesmo tempo, do mesmo modo que prova sua racionalidade e sua realidade, o socialismo prova também sua necessidade. Se não fosse necessário e se não se dessem as condições para sua produção e reprodução sobre uma extensa base, não se converteria em realidade, não perduraria nem floresceria.

Uma situação similar prevalece a respeito da origem e evolução das espécies através da luta pela existência no mundo orgânico. As espécies persistem porque estão adaptadas às condições de seu meio. As espécies mudam, porque ocorrem mudanças nelas mesmas que levam à seleção

natural de indivíduos melhor dotados para as mudanças do meio e eventualmente à criação de novas espécies. Existe uma relação real, racional e necessária entre as espécies de plantas ou animais e seu meio, ainda que seja que as espécies apareçam, persistam, mudem ou desapareçam.

Se tudo o que existe na realidade é necessariamente racional, isso quer dizer que cada objeto do mundo real tem razão suficiente para sua existência e deve ter uma explicação racional. Muitos se equivocaram por ignorar a existência ou por negar o significado racional de alguma parte da realidade. Os gregos declararam que números como a raiz quadrada de dois eram "irracionais" e portanto não eram números nem se devia prestar a atenção a eles. Atualmente o estudo e desenvolvimento destes números "irracionais" deram lugar a um frutífero ramo da matemática. Os filósofos gregos depreciavam por princípio o valor da prática como elemento do conhecimento. Nós, pelo contrário, consideramos a prática como base do verdadeiro conhecimento.

Até Freud, os psicólogos consideravam os sonhos, os atos falhos, os erros verbais, como fenômenos mentais triviais e sem significado. Freud demonstrou como estes revelavam as operações da mente inconsciente.

Da mesma forma que nas refinarias de petróleo recupera-se por destilação e craqueamento subprodutos mais valiosos que o petróleo original, também das páginas da história têm sido recuperados inestimáveis tesouros através de processos de pensamento e de trabalho mais profundos. Por exemplo, a concepção materialista da história se baseou, como notou Engels sobre "o simples fato, antes escondido sob excrescências ideológicas, de que os seres humanos devem primeiro comer, beber, cobrir-se e vestir-se antes de poder voltar sua atenção à política, à ciência, às artes e à religião"

Os fatos mais terríveis de nossa época, as crises econômicas, as guerras imperialistas e civis, o fascismo, são irracionais, incríveis e não necessárias para as mentalidades mercenárias dos democratas pequeno-burgueses. Sem dúvida, não só são reais mas necessárias, e portanto têm uma explicação racional. São os processos mais importantes e decisivos da vida contemporânea. Expressam a natureza interna e os movimentos compulsivos da agonia do capitalismo. São manifestações racionais de um sistema altamente irracional de relações sociais.

Mais ainda, o que parece racional e necessário aos membros de uma classe (para os operários melhores salários, frente aos impostos excessivos e a alta do custo de vida) parece irracional e não necessário para a classe antagônica (os patrões cujos lucros são reduzidos). O que é racional a partir de um ponto de vista social parece o cúmulo do absurdo do outro. Esta aparente irracionalidade encontra sua explicação real e racional nos interesses contraditórios das duas classes comprometidas na luta pela distribuição da renda nacional.

Para os liberais pequeno-burgueses também nosso movimento é irreal, demasiado insignificante para ser levado a sério ou para que governos poderosos nos persigam. Nos "defendem" nesse sentido. Mas somos significativos para Stalin, Hitler, Roosevelt por nossa realidade, pelo poder social e político latente em nossas idéias. Assim, a perseguição aparentemente irracional aos trotskistas pode ser explicada racionalmente. E nos tornaremos mais significativos à medida que os impulsos revolucionários dos operários e dos povos coloniais obtenham uma expressão mais poderosa.

Por que surgiu nosso Partido e Movimento Internacional? O que levou a indivíduos tão diferentes, de países diferentes, a estreitar laços políticos e a se unir disciplinadamente? Nascemos e continuamos crescendo porque nossa existência é uma necessidade racional sob as presentes condições sociais. O movimento trotskista não é um acidente, não é uma força trivial. Nosso movimento foi criado pela necessidade de uma direção revolucionária para a classe operária. Nossa realidade política e nossa racionalidade são consequência dessa necessidade.

Também é por isso que levamos nosso método e nossas idéias tão a sério. Os princípios e tradições segundo o qual selecionamos nossos quadros não são secundários, mas vitais para nossa existência. E por isso que tomamos o conjunto de nossas idéias tão seriamente, porque para nós são literalmente assunto de vida ou morte política. Estamos envolvidos com uma batalha de vida ou morte contra adversários poderosos e dissimulados, para protegê-las, preservá-las e disseminá-las.

Somos o mais racional dos movimentos políticos porque somos, no sentido histórico, o mais real e mais necessário. Temos que ser racionais para chegar a ser reais. Por isso podemos por tanta vida em nossa lógica e tanta lógica em nossa vida. Para nós ambas são inseparáveis.

Há aqueles que vêm a mim e dizem: "Você faz a lógica tão viva". Isto não é mérito pessoal meu. Nossa lógica, o materialismo dialético, é em si a lógica da vida. Está transbordante de movimento, de vitalidade, de força. A lógica dos professores burgueses e pequeno-burgueses é mortal ao ser estudada e ensinada porque é a lógica de um universo estático, de coisas mortas. Sua lógica tem cada vez menos conexão com a realidade atual da vida social e científica. Pertence ao passado morto, não ao presente vivo nem ao futuro criativo. Uma lógica formalizada chegou a ser tão inútil, tão estéril que seus professores fizeram de uma virtude sua debilidade e dizem, como Burnham, que a lógica tem pouca ou nenhuma utilidade prática ou aplicação no mundo real. Esta é a confissão de sua bancarrota teórica.

De forma que a realidade, a racionalidade e a necessidade fogem das mãos.

Esta proposição parece justificar tudo o que existe, seja bom, mau ou diferente. Em um sentido isso é o que faz. Porque tudo o que existe tem necessidade de justificação teórica, porque o mero fato de sua existência lhe dá direito de reclamar racionalidade, realidade e necessidade.

Os conservadores e reacionários que se apoiam em Hegel, vêm só este aspecto de suas doutrinas; sua justificação do que existe. Este é o aspecto conservador do pensamento de Hegel e também, se quiserem, do método dialético em geral. Constitui um elemento indispensável da dialética, inclusive da materialista, porque as coisas existem e se mantêm por um certo tempo. Além do mais, tudo aquilo que alguma vez existiu se conserva até certo ponto e também é destruído por aquele que surge dele e lhe sucede. O passado serve como matéria-prima para que novas gerações trabalhem sobre ele na preparação do futuro.

Mas esta não é a verdade última de nosso conhecimento da realidade. Só é o começo da sabedoria. Em que consiste o outro aspecto e sua dialética será tema de nossa próxima palestra.

Sexta Palestra: **O MÉTODO DIALÉTICO (b)**

Na última palestra consideramos o significado de duas proposições de Hegel; a verdade é concreta e tudo o que é real é racional. Verificamos que tudo chega a existir e permanece não por acidente, mas como resultado de determinadas condições e causas necessárias. Existe uma trama de leis através dos processos da realidade que se descobre na existência e persistência de seus produtos. Existe uma razão no mundo real - portanto o mundo real é refletido e transladado racionalmente à nossa mente.

Nesta discussão queremos examinar o que aparentemente é a outra face dessa proposição, mas que, como veremos, é um aspecto inseparável da realidade. Giremos nossa afirmação anterior sobre seu eixo e vejamos seu aspecto negativo.

Já havíamos visto quanta verdade há na proposição de que o real é racional. Afirmamos que tudo aparece e perdura de uma forma regulada e necessária. Mas esta não é a verdade total e última sobre as coisas. É uma verdade unilateral, relativa e transitória. A autêntica verdade sobre as coisas é que estas não só existem e persistem, mas que evoluem e desaparecem. Esta desapareção ou eventual morte das coisas, é expressada na terminologia lógica pelo termo "negação". A verdade total sobre as coisas só pode ser expressa se tivermos em conta este aspecto oposto e negativo. Em outras palavras, a menos que incluamos a negação de nossa afirmação prévia, tenderemos a uma investigação superficial e abstrata da realidade.

Todas as coisas são limitadas e variantes. Não só abrem caminho e são impulsionadas à existência e se mantêm ali. Também evoluem, se desintegram, são separadas da existência e eventualmente desaparecem. Em termos lógicos diríamos que não só se afirmam mas que também se negam e são negadas por outras. Ao chegar à existência dizem: "Sim, aqui estou!" à realidade e ao pensamento que procura compreendê-las. Ao evoluir e eventualmente deixar de existir dizem, pelo contrário: "Não, já não estou mais; não posso continuar sendo real". Se tudo o que chega a

existir deve deixar de fazê-lo, como nos demonstra constantemente a realidade, então toda afirmação deve inexoravelmente expressar sua negação no pensamento lógico. Este movimento das coisas e do pensamento se chama movimento dialético.

"Todas as coisas... encontram seu fim; e ao dizer isto temos uma percepção de que a dialética é o poder universal e irresistível perante o qual nada pode ser mantido, por mais seguro e estável que pareça a si mesmo", escreve Hegel, (Enciclopédia das Ciências Filosóficas).

Há uma fábula nas Mil e uma Noites sobre um monarca oriental que, bem jovem, perguntou a seus sábios pela soma e conteúdo de todo o saber, pela verdade que pudesse ser aplicada a todos e em todos os tempos e sob todas as condições, uma verdade que fosse tão absolutamente soberana como ele pensava que era. Finalmente, em seu leito de morte seus sábios lhe deram a seguinte resposta: "Oh, poderoso rei, esta verdade será aplicada sempre a todas as coisas. E isto também desaparecerá!" Se a justiça houvesse prevalecido, o rei deveria ter outorgado uma boa recompensa a seus sábios porque lhe haviam revelado o segredo da dialética. Este é o poder, a onipotência do lado negativo da existência que sempre está surgindo do afirmativo, aniquilando-o e transcendendo-o.

Esta "poderosa inquietude", como a chamou Leibnitz, esta força aceleradora e ação destrutiva da vida - a negativa - está presente em tudo: no movimento das coisas, no crescimento dos seres vivos, na transformação das substâncias, na evolução da sociedade e na mente humana que reflete todos estes processos objetivos.

Desta essência dialética da realidade, Hegel tirou a conclusão que é parte indispensável de seu famoso aforismo "tudo o que é racional é real". Mas, para Hegel nem tudo o que é real deve, sem exceção, ou qualificação, existir. "A existência é em parte mera aparência e só em parte realidade" (Introdução à Enciclopédia das Ciências Filosóficas). A existência divide a si mesma, elementar e necessariamente, (e ao investiga-la encontra-se-lhe assim dividida) em aspectos opostos de aparência e essência. Este desdobramento em aparência e essência não é mais misterioso que a diferenciação entre o interior e o exterior de um objeto.

O que distingue a essência ou realidade essencial da mera aparência? Uma coisa é autenticamente real se é necessária, se sua aparência corresponde totalmente a sua essência e somente enquanto prove ser necessária. Hegel, ao ser o idealista mais conseqüente, buscou a origem desta necessidade no movimento da mente universal, na Idéia Absoluta. Os materialistas, pelo contrário, reviram as raízes da necessidade no mundo objetivo, nas condições materiais e na forças conflitantes que criam, sustentam e destroem todas as coisas. Mas desde um ponto de vista puramente lógico, ambas as escolas filosóficas estão de acordo em conectar realidade com necessidade.

Alguma coisa adquire realidade porque as condições necessárias para sua produção estão presentes e operando objetivamente. Torna-se mais ou menos real de acordo com as mudanças na circunstâncias externas e internas de sua evolução. Permanece verdadeiramente real somente sempre e quando seja necessária, sob as condições dadas. Logo, quando as condições mudam perde sua necessidade e sua realidade e se dissolve em mera aparência.

Exemplifiquemos este processo, esta contradição entre essência e aparência, que resulta das diferentes formas adotadas pela matéria como resultado de sua mobilidade. Na produção da planta, semente, broto, flor e fruto são fases ou formas igualmente necessárias de sua existência. Tomadas em separado, são fases igualmente reais, igualmente necessárias e racionais da evolução da planta.

Sem dúvida, cada uma a sua vez é suplantada pela outra e se torna não necessária e na real. Cada forma de manifestação da planta aparece como uma realidade, para se converter a seguir em uma irrealidade ou uma aparência. Este movimento, triplo no caso, de irrealidade a realidade e logo a irrealidade novamente, constitui a essência, o movimento intrínseco contido em toda aparência. A aparência não pode ser compreendida se não se compreende este processo. É isso o que determina quando uma aparência, na natureza, na sociedade ou na mente, é racional ou não-racional.

Engels escreveu: "A República Romana foi real, mas também o foi o Império Romano que a substituiu. Em 1789 a monarquia francesa havia se tornado tão irreal, ou seja, estava tão sem necessidade. tão não-racional, que teve que ser destruída pela Grande Revolução (francesa), da qual

Hegel sempre falou com o máximo entusiasmo. Neste caso a monarquia era o irreal e a revolução o real. Assim no curso da evolução, tudo o que previamente era real se torna irreal, perde sua necessidade, seu direito à existência, sua racionalidade. E em substituição da realidade moribunda aparece uma nova realidade vital. Praticamente se a velha tem inteligência suficiente para morrer sem luta; pela força se aquela resiste a essa necessidade. Assim a proposição hegeliana se transforma em sua oposta, através da mesma dialética hegeliana tudo o que é real na esfera da história humana se torna irracional com o decorrer do tempo e está portanto destinado a ser irracional, está previamente tingido de irracionalidade e tudo o que é racional na mente dos homens está destinado a tornar-se real, por mais que contradiga a aparente realidade das condições existentes. De acordo com as regras do método hegeliano de pensamento, a proposição da racionalidade de tudo o que é real se resolve na outra proposição: "Tudo o que existe deve perecer". (Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã.

O capitalismo foi em seu momento um sistema social real e necessário. Chegou a existir em função das condições sociais existentes e do crescimento das forças produtivas do homem. Apareceu e continuou a estender-se pelo mundo em sua marcha triunfal derrubando, subordinando ou suplantando as relações sociais anteriores. Provou assim sua necessidade, sua inevitabilidade na prática histórica, estabelecendo sua realidade e racionalidade e exercendo seu poder na sociedade.

Existe uma parte de verdade na afirmação que tanto horroriza aos filisteus "o poder faz o direito". Mas os filisteus, na sua carência de dialética, não entendem que a proposição contrária é igualmente válida: "O direito faz o poder". Hoje em dia o capitalismo acabou com sua corda e está mais que pronto para a sepultura. Este antiquado sistema de produção é não-necessário, irreal, irracional no século XX; era o contrário quando surgiu no século XV e através dos séculos XVIII e XIX. Tem que ser abolido ou negado se a humanidade vai viver e progredir. Será negado em todo o mundo por toda uma força social dentro do mesmo capitalismo que é muito mais real e poderosa, muito mais necessária e racional que o imperialismo capitalista: o proletariado socialista e seus aliados, os povos coloniais oprimidos.

A classe trabalhadora tem, de sua parte, a razão histórica, e, portanto ao direito histórico. Isto provará ser mais efetivo que todo poder que possui agora a reação capitalista e o que possa haver acumulado no passado. Que esta razão e este direito podem tornar-se suficientemente poderosos para derrubar o capitalismo já foi demonstrado na prática pela Revolução de Outubro de 1917. Esta negação do poder capitalista foi a afirmação mais contundente possível do direito social e político dos operários de reger e reconstruir a ordem social.

Vemos assim que a negação não é algo estéril ou autodestrutivo. Também é seu oposto, a mais positiva e poderosa das afirmações. Do mesmo modo que a afirmação se transforma, necessariamente, em negação e por sua vez a negação mostra seu lado positivo, como a negação da negação, ou seja, uma afirmação inteiramente nova que, por sua vez, contem o germe de sua própria negação. Esta é a dialética da evolução, a necessária transformação de um processo em outro.

Na etapa de formação do movimento trotskista era necessário e correto que tentássemos permanecer ligados à decadente Terceira Internacional, reformar seu curso retrógrado e ganhar as massas de trabalhadores revolucionários de suas sessões para o programa bolchevique de Lenin. Quando ocorreu a rendição ao hitlerismo na Alemanha em 1933, sem que isso provocasse sérias repercussões em suas fileiras, se tomou evidente que o processo de decadência havia alcançado seu ápice. As mudanças quantitativas haviam levado a uma nova qualidade. A Terceira Internacional não tinha cura, estava morta. Havia se tornado, como a Segunda Internacional, num "cadáver malcheiroso". Stalin a enterrou em 1943.

Nossa política original em relação ao Comintern se tornou, portanto não-necessária, incorreta, inútil e não-realista. A nova etapa de desenvolvimento demandava uma nova política e um novo curso ajustado às novas condições. Os trotskistas tiveram que romper os laços que os uniam à estalinizada Terceira Internacional e começar a construir uma internacional nova e completamente independente, a Quarta. A tentativa de reforma da Terceira Internacional foi substituída pela de criar uma organização internacional genuinamente revolucionária da classe

operária.

Alguns viram - e ainda vêem – uma indissolúvel contradição nesta seqüência de fatos. Como pode ser possível a reforma do Comintem em um momento e logo favorecer sua destruição? Eram formalistas até o pedantismo e nada dialéticos em seu pensamento e atividade política. Não entenderiam que é necessário e racional mudar a política e a estratégia de acordo com as mudanças da realidade objetiva. Não compreendem que políticas diferentes e ainda contraditórias podem servir aos mesmos fins estratégicos.

Em termos lógicos não compreendem como o que é diferente em aparência pode permanecer idêntico em essência ou, mais globalmente, que o que pode parecer diferente é, às vezes, idêntico. Eles arrazoam de acordo com a lei da identidade da lógica formal: o que é idêntico deve sempre permanecer igual, tanto em aparência como em essência, sem importar as circunstâncias. Mas a dialética ensina que o que é idêntico não só pode, mas que deve mudar.

O mesmo problema surgiu em cada nova etapa do desenvolvimento de nosso movimento. Cada mudança em nossa tática política, necessária pelas variantes condições do movimento, provocou uma luta entre formalistas e dialéticos. Na unidade que se fez em 1934 com o American Workers Party, os sectários seguidores de Oehler que se opunham à fusão e pretendiam estipular condições e travas formais aos centristas de Muste que haveriam significado impedir a frutífera unificação de dois grupos políticos diferentes. Romperam por sua incapacidade de reconhecer seu formalismo com a necessidade de construir um partido revolucionário em nosso país.

Os formalistas se opuseram a entrar no Partido Socialista em 1935 porque queriam manter a forma de organização partidária, sem dar importância às importantes necessidades políticas do processo de construção do partido proletário. Pensavam que nosso Partido tinha alcançado uma estrutura organizacional acabada, quando recém se encontrava no começo de sua estruturação. O afastamento do Partido Socialista, por sua vez, encontrou oposição por parte de outros formalistas, que haviam começado a se acomodar, mesmo quando as necessidades políticas determinavam que a luta contra o centrismo devia ser levada até o fim. Pode ser importante ressaltar que alguns dos mesmos indivíduos que se opuseram à nossa entrada no Partido Socialista, foram os mais frouxos a abandoná-lo (Martin Abern). Quanto maior é a mudança, mais se mantém o formalismo fiel a si mesmo e por isto não coincide com a realidade.

Todas estas diferentes ações, que pareciam tão contraditórias e, portanto incompreensíveis para os formalistas e sectários, foram etapas igualmente necessárias e racionais com o processo dialético de reunir nossas forças. As fórmulas táticas, como todas as fórmulas, devem se adaptar ao curso mutável dos acontecimentos reais.

Poderíamos citar muitas outras instâncias destes giros dialéticos na história de nosso Partido: o passo ao Programa de Transição, nossa mudança de atitude frente a formação de um Partido Trabalhista, etc. Tudo isso confirma, à sua maneira, a verdade dialética de que toda evolução real ocorre de forma contraditória, pelo conflito entre forças opostas que rodeiam e formam parte de todo o existente. Nada é inalterável nem está terminado. Tudo termina no curso da evolução. A necessidade se converte em ausência de necessidade ou em contingência ou em mudança; a realidade se transforma em irrealidade ou aparência, a racionalidade se converte em irracionalidade, a verdade de ontem se toma hoje uma meia verdade amanhã um erro para logo ser absoluta falsidade.

Hegel generalizou este aspecto da realidade em sua lei lógica de que tudo, necessária, natural e razoavelmente, se converte em seu oposto no curso de sua existência. De acordo com as leis da lógica formal isso é impossível, ilógico e absurdo porque é autocontraditório. Em lógica formal a contradição e especialmente a autocontradição são impossíveis na realidade, assim como ilegítimas no pensamento.

Ao introduzir a dialética, Hegel inverteu e subverteu totalmente esta lei básica da lógica formal e revolucionou a ciência lógica. Em vez de eliminar a contradição a converteu em chave de seu conceito da realidade e de seu sistema lógico. Toda a estrutura lógica de Hegel é originada da proposição de identidade, unidade e interpenetração dos opostos. Uma coisa não só é ela mesma,

mas ao mesmo tempo outra. A não é simplesmente igual a A, também é, mais profundamente, igual a não A.

Assim como afirmamos que o grande achado de Aristóteles foi haver analisado a profunda descoberta de seus predecessores gregos de que A é igual a A e haver feito desta lei de identidade a base de uma exposição sistemática da ciência lógica, foi um fato que fez época a sistematização feita por Hegel da descoberta de que A é igual não só a A, mas também a não-A. Hegel fez desta lei de identidade, unidade e interpenetração de dois opostos a base de seu sistema dialético de lógica.

Esta lei de unidade dos opostos que tanto horroriza e aniquila aos adeptos da lógica formal, pode ser facilmente entendida não só quando se aplica a processos reais de evolução e inter-relação de fatos, mas também quando enfrenta à lei formal de identidade. É logicamente certo que A é igual a A, que João é João e que dois e dois são quatro. Mas é muito mais profundamente certo que A é também não-A. Que João não é simplesmente João: é um homem. Esta proposição correta não é uma afirmação de identidade abstrata, mas uma identificação de opostos. A categoria lógica, ou classe material humanidade com a qual identificamos João, é muito mais e diferente de João, o indivíduo. A humanidade é ao mesmo tempo idêntica a João e diferente dele.

A lógica formal não encontra mais utilidade à oposição (nem falemos da contradição) de que os indígenas americanos faziam ao petróleo ou os totalitários fazem à democracia Ou a ignoram ou a jogam no lixo. Hegel recuperou esta pedra preciosa, lapidou e poliu suas facetas e assim fez, uma valiosa contribuição a lógica. Demonstrou que a contradição e a oposição, em lugar de ser insignificantes ou desprezíveis, são os fatores mais importantes na natureza, na sociedade e no pensamento. Somente compreendendo-as totalmente poderemos compreender a força motriz da realidade, da vida. Por esta razão Hegel fez dela o fundamento de sua lógica.

"Em vez, de nos basearmos na máxima do terceiro excluído (que e a máxima da compreensão abstrata) deveríamos dizer melhor: Tudo é seu oposto. Nem no céu nem na terra, nem no mundo nem na natureza, existe um 'Isto-ou-aquilo' como sustenta o pensamento do senso comum. Tudo o que é, é concreto, com diferença e oposição em seu seio. A finalidade das coisas reside na necessidade de correspondência entre seu ser imediato e o que são virtualmente" (Enciclopédia).

Consideremos, por exemplo, as duas proposições que temos vindo analisando. A segunda: "Tudo que é racional é real", afirma o oposto da primeira e, na realidade a contradiz: "Tudo o que é real é racional". Hegel não se molestou com esta contradição. Pelo contrário, como dialético, utilizou esta contradição como guia para chegar à essência da realidade. Ele entendeu que se tratava de uma verdadeira contradição e a aceitou e trabalhou com ela, porque tanto a oposição como a contraposição são genuinamente reais e racionais. Esta contradição em particular expressa a natureza inerente das coisas e surge do caráter contraditório da própria realidade.

Os lógicos formais decretam sua lei de identidade da mesma forma que os monarcas absolutos ditam as leis a seus súditos. Esta é a lei: não ousem violá-la. Da mesma forma que surgem rebelando-se os súditos contra as políticas absolutistas, também as forças da realidade seguem contrariando e violando as leis da lógica formal. Os processos da natureza estão permanentemente contradizendo-se em sua evolução. O broto nega a semente, a flor nega o broto, o fruto nega a flor. O mesmo é válido para a sociedade. O capitalismo nega ao feudalismo, o socialismo ao capitalismo. "Acima de todas as coisas, a contradição é a que move o mundo; é ridículo dizer que a contradição é impensável. O correto nesta proposição é que a contradição não é o fim da questão, mas invalida, a si própria" (Enciclopédia).

A flor que nega o broto é por sua vez, negada pelo fruto. O capitalismo que substitui o feudalismo é por sua vez substituído pelo socialismo. Este processo é conhecido, na lógica, como a lei da negação da negação.

Neste movimento dialético, nesta passagem dentro e fora da oposição reside o segredo do movimento de todo o real. Portanto, ali está também a principal fonte do método dialético de lógica, que é uma translação conceitual correta dos processos de evolução da realidade. A dialética é a lógica da matéria em movimento e portanto a lógica das contradições, porque a evolução é intrinsecamente autocontraditória. Tudo gera em si mesmo essa força que leva a sua negação, sua

transformação em outra e mais elevada forma de existência.

"Onde quer que exista movimento, onde quer que haja vida, onde quer que algo se leve a cabo no mundo real, atua a dialética. É também a alma de todo o conhecimento científico. Para a visão popular das coisas, a negativa de sujeitar-se a alguma forma abstrata do conhecimento é considerada só justiça. Como diz, o provérbio, viva e deixa viver. Cada um deve ter sua vez, admitimos um, mas admitimos também o outro".

"Mas, se analisamos mais de perto encontramos que as limitações do finito (assim como as do infinito - George Novack) não vêm somente de fora; que (em cada caso e a sua maneira) sua própria natureza é a causa de sua liquidação e que por seus próprios meios se transforma em seu oposto. Dizemos, por exemplo, que o homem é mortal e que parece que pensávamos que a origem de sua morte se deve a circunstâncias externas somente, de forma que, se este modo de ver as coisas fosse correto, o homem teria duas propriedades especiais, vitalidade e mortalidade. Mas a visão correta do assunto é que a vida, como vida, envolve (a partir de um princípio) o germe da morte e que o finito, em luta consigo mesmo, causa sua própria dissolução" (Enciclopédia). Locke, entre outros, expôs a mesma idéia ao afirmar que tudo que existe está em processo de "perpétuo perecer". Esta atividade dialética é universal. Não há possibilidade de escapar a seu irremissível e incessante abraço. "A dialética dá forma a uma lei que é sentida em todos os graus da consciência e na experiência geral. Tudo que nos rodeia pode ser visto como uma instância da dialética. Estamos prevenidos de que todo o finito, em vez de ser inflexível e final, é variável e transitório, e isto é exatamente o que queremos dizer com a dialética do finito, pela qual o finito, ao ser implicitamente outro, se vê obrigado a abandonar seu próprio ser imediato ou natural, e a converter-se em seu oposto" (Enciclopédia).

O civil é o oposto ao soldado. Contudo, a convocação militar ensina a muitos civis que sua condição de civil não é "inflexível e final, mas variável e transitória" e que está obrigado a abandonar seu próprio ser imediato e convencional para se converter, subitamente, em seu oposto. Pode ignorar que este é um lugar comum da transformação dialética, ainda que conheça o caráter imperialista que contém por si a guerra, mas a ignorância do indivíduo não altera o caráter dialético do processo.

Esta dialética é o aspecto revolucionário da doutrina de Hegel. "Mas precisamente ali jaz o verdadeiro significado e o caráter revolucionário da filosofia hegeliana... em que destronava para sempre o caráter definitivo de todos os resultados do pensamento e da ação do homem. Em Hegel, a verdade procurada pela filosofia não era uma coleção de teses dogmáticas fixas que, uma vez encontradas, basta memoriza-las; agora, a verdade residia no próprio processo do conhecimento, na larga trajetória histórica da ciência que, desde as etapas inferiores, se remonta a fases cada vez mais altas de conhecimento mas sem chegar jamais, pela descoberta de uma chamada verdade absoluta, a um ponto em que já não possa seguir avançando, em que só lhe reste cruzar os braços e sentar a apreciar a verdade absoluta conquistada".

"E o que é bom no reino do conhecimento filosófico é também para qualquer outro tipo de conhecimento e também para assuntos práticos. Da mesma forma que o conhecimento é incapaz de alcançar uma culminação perfeita em uma condição perfeita, ideal da humanidade, assim também a história é incapaz de fazê-lo; uma sociedade perfeita, um estado perfeito são coisas que só podem existir na imaginação. Pelo contrário, as sucessivas situações históricas são só etapas transitórias do curso inacabável da evolução da sociedade humana, do mais baixo ao mais alto.

"Cada etapa é necessária e portanto justificada para o momento e as condições a que deve sua origem. Mas, nas novas e superiores condições que gradualmente gera em sua própria origem, perde sua validade e justificação. Deve dar lugar a uma forma superior que também por sua vez decai e morre. Assim como a burguesia com a indústria em grande escala, a competição e o mercado mundial, dissolve na prática todas as instituições estáveis, amplamente honradas, também esta visão dialética do mundo dissolve todas as concepções de verdade absoluta e final e de um estado absoluto e final correspondente a esta. Para ela nada é final, absoluto, sagrado. Revela o caráter transitório de tudo em tudo; nada pode perdurar depois dela, exceto o ininterrupto processo

de aparição e desaparecimento, da inesgotável influência desde o inferior ao superior”.

"E a visão dialética do mundo em si não é mais que o mero reflexo deste processo na mente humana pensante. Também tem, é claro, seu lado conservador; reconhece que determinados estágios do conhecimento e da sociedade estão justificados para seu momento e circunstâncias, mas só dentro de certos limites. O conservadorismo deste modo de ver as coisas é relativo, seu caráter revolucionário é absoluto, o único absoluto que admite" (Engels – Ludwing Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã).

Sétima Palestra: A REVOLUÇÃO MARXISTA NA LÓGICA

Na introdução de sua Lógica, Hegel escreveu: "Não podia imaginar, e é claro, que o método que segui neste sistema de lógica - ou que este sistema segue por si - fosse suscetível de ser melhorado ou de muita elaboração em detalhes, mas, ao mesmo tempo, sei que é o único método verdadeiro".

Hegel não podia, naturalmente, antecipar-se à grande transformação que ia sofrer o seu método dialético em mãos de seus sucessores socialistas, Marx e Engels. Estes pensadores revolucionários não se limitaram em "melhorar" ou "elaborar detalhes" à dialética de Hegel, assim como tão pouco introduziram só reformas às teorias da economia burguesa clássica, ou ao sistema político democrático-burguês. No curso de seu trabalho crítico Marx e Engels superaram à dialética idealista e a revolucionaram, criando um novo instrumento lógico: o materialismo dialético. Assim como Aristóteles sintetizou as maiores conquistas do pensamento grego e Hegel a dos filósofos alemães, também assim encontramos a síntese mais alta de ambas as escolas filosóficas na obra de Marx e Engels.

Hegel revolucionou a velha lógica formal e a reconstruiu sobre novas bases teóricas. Marx e Engels levaram esta revolução na ciência lógica a um nível ainda mais elevado, ao separar o conteúdo racional do pensamento de Hegel de sua couraça idealista irracional e assentar a dialética sobre sólidas bases materialistas. Eles fizeram materialista a dialética e dialético o materialismo. Esta dupla transformação marcou época na história do pensamento.

Marx e Engels se ocuparam da dialética hegeliana assim como de seus predecessores socialistas. Assim como deixaram de lado os falsos aspectos idealistas e utópicos da crítica social de Saint-Simon, Owen e Fourier e incorporaram suas doutrinas e enfoques socialistas a uma elaboração materialista consistente, separaram a dialética de Hegel de sua couraça místico-idealista, assimilando seu conteúdo válido e suas idéias vitais a sua nova concepção do mundo.

Deste modo, a moderna dialética seguiu por ela mesma uma evolução dialética. Da forma unilateral, distorcida, que assumiu primeiramente na filosofia de Hegel, a dialética se viu transformada em seu oposto no sistema materialista do marxismo. O idealismo hegeliano e o materialismo marxista são dois pólos da lógica dialética moderna. A primeira é sua expressão falsa e fetichista; a segunda é a autenticamente revolucionária.

Da mesma forma que a Rússia experimentou um duplo processo revolucionário em 1917, passando por uma revolução democrático-burguesa e outra proletária, também a ciência lógica, na primeira metade do século XIX, sofreu uma dupla revolução ao surgir nas mentes criadoras dos grandes filósofos burgueses alemães e logo passando pela crítica dos fundadores do socialismo científico. De certa forma, este é um dos mais chamativos exemplos de desenvolvimento combinado da história do pensamento humano.

1. Como Marx e Engels partiram do hegelianismo

Marx e Engels disseram que sua doutrina é produto de uma reconstrução crítica da filosofia clássica alemã, do socialismo francês e da economia política inglesa. "Sem a grande filosofia alemã, particularmente a de Hegel" escreveu Engels "o socialismo científico alemão (o único socialismo científico esclarecido) não haveria chegado a existir nunca". Esta é uma das razões pelas quais

temos em grande estima esta filosofia e estamos obrigados a estudá-la e respeitá-la.

Marx e Engels tiveram dois predecessores imediatos importantes na filosofia, um foi Hegel, o maior representante da escola idealista na Alemanha, o outro Feuerbach, o cabeça da tendência materialista. Estes dois pensadores forneceram a Marx e Engels os ingredientes essenciais para a construção de seu próprio enfoque. Eles adotaram uma atitude crítica frente às idéias que receberam de seus mestres. Não só retiveram certos elementos de seu pensamento, também transformaram outros, ao mesmo tempo em que rejeitaram idéias de ambos. Marx e Engels, como muitos brilhantes jovens universitários da Alemanha de sua época, começaram suas carreiras intelectuais como discípulos de Hegel. O pensamento de Hegel, como já notamos, sofria uma aguda contradição: sua dialética essencialmente revolucionária estava amalgamada com um idealismo reacionário que distorcia seu verdadeiro caráter e do qual clamava por se ver livre.

A escola hegeliana, que depois da morte de Hegel dominava o pensamento alemão avançado de já um século, se dividiu em duas tendências opostas, produtos de dois aspectos antagônicos do pensamento de Hegel e correspondente a eles. Os chamados Velhos Hegelianos aderiram imediatamente aos aspectos mais reacionários de seu sistema, extraindo as conclusões mais conservadoras. Os Jovens Hegelianos de esquerda, por outro lado, enfatizaram e desenvolveram as implicações mais radicais das idéias de Hegel, na linha de seu método dialético. Isto os levou, primeiro, sob o empuxo crescente do movimento revolucionário democrático-burguês, à crítica da religião, a seguir da sociedade e do estado e finalmente às idéias anarquistas, socialistas e comunistas.

Marx e Engels, que se encontravam na extrema esquerda dos Jovens Hegelianos e nunca se identificaram totalmente com os chamados Hegelianos de Esquerda, entraram rapidamente em colisão com as idéias e conclusões errôneas de seus principais líderes (Bauer, Hess, Stirner, etc.) e criaram um enfoque próprio. Os passos para sua emancipação do hegelianismo e outras formas de idealismo por um lado e do materialismo unilateral por outro, estão claramente delineados em seus escritos da década de 1840. Escreveram uma notável série de trabalhos críticos, entre eles *A Sagrada Família* e *A Ideologia Alemã*; nos quais polemizavam com seus predecessores e rivais filosóficos. Nesses escritos estão traçadas, com clareza e precisão não usuais, as sucessivas etapas da evolução da lógica marxista. Este registro é muito mais claro e mais concreto que a gênese de qualquer outra escola de pensamento. Assim como o socialismo está se fazendo de forma muito mais consciente que qualquer dos sistemas sociais anteriores, sua teoria foi criada muito mais conscientemente que a filosofia anterior.

2. A lista de Feuerbach.

A crítica materialista de Feuerbach a Hegel tornou possível e acelerou o progresso filosófico de Marx e Engels em sua evolução do idealismo hegeliano ao materialismo dialético. Feuerbach foi o agente catalisador que iniciou e logo acelerou a criação do materialismo dialético a partir do contato de Marx e Engels com o hegelianismo.

De Hegel, Marx e Engels derivaram seu método lógico. De Feuerbach receberam uma crítica materialista de Hegel e uma reafirmação da posição fundamental do materialismo que havia caído em grande desprestígio na Alemanha e no resto da Europa. Hegel levou as especulações idealistas da escola alemã, começando por Kant e seguindo por Fichte e Schelling, a sua máxima expressão. Seus epígonos ortodoxos as precipitaram no absurdo e esterilidade.

Feuerbach expôs a realidade e os erros dos excessos especulativos de Hegel desde o ponto de vista materialista. Substituiu as especulações fetichistas dos hegelianos pela verdade limpa e clara do materialismo. Graças a Feuerbach, cujos escritos despertaram seu entusiasmo, Marx e Engels puderam liberar suas mentes do idealismo de que estava super-saturado Hegel.

Mas Marx e Engels não puderam ficar com o enfoque de Feuerbach mais do que ficaram com o de Hegel. Seu pensamento, disseram, teve sérios erros. Não era dialético e nem completamente materialista. Feuerbach refutou erroneamente a lógica dialética de Hegel,

juntamente com suas aberrações idealistas. Assim como os grandes idealistas em sua ansiedade por fazer justiça aos processos e produtos do pensamento suprimiram a verdade do materialismo, também este pensador materialista depreciou os avanços dos grandes idealistas na ciência lógica.

Os antidialéticos contemporâneos repetem o erro de Feuerbach sobre Hegel, mas com muito menos desculpas e com um resultado muito menos progressivo. Sua refutação ou indiferença à dialética os retroage a idéias e métodos pré-hegelianos obsoletos; em troca Feuerbach abriu a porta ao marxismo.

Em segundo lugar, Feuerbach era materialista em seu enfoque geral mas não na aplicação específica do materialismo a história e à sociedade. Neste campo não havia depurado seu pensamento de todos os vestígios de idealismo. "Até onde Feuerbach é materialista, não se ocupa da história e quando considera a história não é materialista" ressaltaram Marx e Engels em sua Ideologia Alemã. Ele cria, por exemplo, que o amor era o elemento básico e a força motriz da sociedade humana.

Marx e Engels descobriram essas diferenças no materialismo de Feuerbach e as superaram. Eles se tomaram materialistas dialéticos do modo mais profundo e consciente, precisamente porque retiveram e aplicaram o método dialético que Feuerbach deixara de lado. Porque a dialética é a lógica e da revolução, ou seja, dos processos moleculares lentos e graduais que em um certo momento produzem um salto a uma nova qualidade molar. O materialismo de Feuerbach estava mais relacionado com o materialismo mecânico e metafísico dos materialistas ingleses do século XVII e franceses do XVIII que com o materialismo dialético.

3. Os efeitos do pensamento de Hegel

O próprio Hegel não tirou, e nem poderia, todas as conclusões necessárias de seu método revolucionário de pensamento. Sérias limitações em sua compreensão e na aplicação da lógica dialética que ele havia sistematizado, restringiram sua obra e lhe impediram desenvolver totalmente seu rico conteúdo. Hegel preparou o terreno e plantou a semente da renovação da lógica colheu a primeira safra: a primeira, e até agora a única, exposição sistemática das leis da dialética Marx e Engels continuaram o cultivo e colheram a segunda e mais rica produção: a estrutura do materialismo dialético.

Hegel errou, em primeiro lugar, ao construir um sistema filosófico completo e fechado, no qual o fluxo total da realidade estava enclausurado de uma vez por todas, e do qual não podia sair. Esta tentativa vã de construir um sistema totalmente definitivo, herdado dos metafísicos do passado, contradizia a concepção chave da dialética de Hegel de que tudo é limitado, perecível está destinado a converter-se em seu oposto. O pensamento de Hegel estava afetado por essa oposição inerente e incurável entre sua pretensão de ser um sistema de verdade absoluto e si método dialético, que assegurava que todas as verdades são relativas. Assim foi, disse Engels, que "o aspecto revolucionário ficou oculto pela exuberância do conservador" (Ludwig Feuerbach e fim...).

Além do mais, o sistema de Hegel era idealista. Tendia a distorcer o caráter essencialmente revolucionário da dialética contida nele. Ele cria que as idéias constituíam a essência da realidade e que era a evolução das idéias o que arrastava ao resto da realidade. Reduzia todos os processos da realidade ao processo único da Idéia Absoluta. O processo histórico da evolução, na natureza, na sociedade e na mente, eram no fundo um reflexo e uma réplica da evolução das idéias do homem. "O espírito... é a causa do mundo" diz Hegel na introdução de sua Enciclopédia.

A realidade externa não era mais que uma cópia imperfeita das manifestações do pensamento em sua progressão até a perfeição da Idéia Absoluta, que é o pseudônimo de Hegel para Deus. Sua idéia era a história da realização desta Idéia Absoluta. Como disse Trotsky; "Hegel operava com sombras ideológicas como última realidade. Marx demonstrou que o movimento dessas sombras ideológicas refletia, simplesmente, o movimento dos corpos materiais" (Em Defesa do Marxismo).

Na versão idealista de Hegel do processo histórico não havia, em última análise, nenhuma

evolução genuína do velho ao novo, mas um movimento circular da idéia abstrata original pré-existente, passando pela natureza e pela sociedade, a sua culminação na Idéia Absoluta concreta". Devido ao atraso do conhecimento científico em sua época, a própria natureza não experimentava, aos olhos de Hegel, nenhuma evolução histórica fundamental, mas que se mantinha mais ou menos igual. A evolução da sociedade, também, se deteve para Hegel em sua forma capitalista. Tinha um horizonte exclusivamente burguês. Em política, por sua vez, não podia visualizar um estado mais perfeito que a monarquia constitucional (seu modelo era o primeiro capitalismo: Inglaterra). Finalmente, sustentava que o pensamento humano havia alcançado o ápice de sua evolução em seu próprio sistema do Idealismo Absoluto.

Mas todos esse erros do pensamento de Hegel, que o levaram a conclusões incorretas conservadoras em muitas questões práticas e teóricas, não reduzem o valor de suas descobertas lógicas ou a riqueza contida em seus escritos. Assim como as sombras refletem a figura e os movimentos dos corpos reais, também a filosofia idealista absoluta de Hegel reflete o múltiplo conteúdo concreto da história e a evolução do pensamento científico.

4. A crítica marxista do hegelianismo

Marx e Engels nunca deixaram de admitir o significado histórico e os perduráveis acertos dos grandes titãs da filosofia e sua dívida com Hegel e Feuerbach que foram seus mestres. O sistema hegeliano, escreveu Engels, cobre "um domínio incomparavelmente maior que qualquer sistema anterior" e origina "uma riqueza de pensamento que se mantém até hoje... E como ele (Hegel) era não só um gênio criativo, mas também um homem de erudição enciclopédica, desempenhou um papel importantíssimo em todas as esferas" (Ludwig Feuerbach e o fim...).

Reconheceram que a ruptura de Feuerbach com o idealismo de Hegel e seu retomo ao materialismo foi a influência intelectual decisiva em sua libertação do feitiço da filosofia idealista. Mas nem Feuerbach nem nenhum outro de seus contemporâneos haviam feito uma crítica conscienciosa das idéias de Hegel. Feuerbach simplesmente deixou de lado o enfoque idealista de Hegel a favor do materialismo, sem reconhecer a decisiva importância do método dialético. O progresso da filosofia requeria, sem dúvida, uma crítica não só materialista, mas também dialética e um desenvolvimento da filosofia hegeliana. Esta crítica genuinamente dialética e materialista do hegelianismo foi realizada somente por Marx e Engels em seus trabalhos filosóficos.

Tal como Feuerbach, Marx e Engels repudiaram totalmente o idealismo de Hegel. Opuseram um materialismo intransigente ao idealismo igualmente inflexível de Hegel, "isto quer dizer que estava resolvido a compreender o mundo real, natureza e história, como se apresenta a quem quer que se lhe aproxime livre de imagens idealistas preconcebidas. Estava decidido a sacrificar toda fantasia idealista que pudesse não se encontrar em harmonia com os fatos concebidos, não em uma conexão fantástica, mas em sua própria. O materialismo não significa mais que isto. Mas aqui o enfoque materialista do mundo estava sendo levado realmente a sério pela primeira vez e levado adiante conseqüentemente, pelo menos em seus aspectos básicos, em todos os domínios concernentes do conhecimento" (Ludwig Feuerbach e o fim...).

Isto também significava que a dialética que, de acordo com Hegel, era essencialmente "o autodesenvolvimento" do conceito, tinha que se desligar de sua falsa forma idealista e se situar sobre bases materialistas concretas. Hegel havia invertido as relações reais nas idéias e nas coisas. Ele sustentava que as coisas reais eram somente realizações imperfeitas da Idéia Absoluta e suas manifestações. Marx e Engels assinalaram que o verdadeiro estado de coisas era exatamente o oposto. "Nós também compreendemos de forma materialista os conceitos em nossa mente, como imagens de coisas reais, em vez de considerar as coisas reais como imagens desta ou aquela etapa da Idéia Absoluta" (Ludwig Feuerbach e o fim...).

Graças a esta inversão materialista, a própria dialética se tomou em seu oposto. "Assim a dialética se reduziu à ciência das leis gerais do movimento no mundo externo e no pensamento humano: dois grupos de leis que são idênticos em substância, mas que diferem em sua expressão até

onde a mente humana pode aplica-las conscientemente, enquanto que na natureza, e também até agora na maior parte da história humana, estas leis se afirmam a si mesmas inconscientemente em forma de necessidade externa em meio a uma série inacabável de aparentes acidentes. Portanto, a dialética do próprio conceito se converte meramente em reflexo consciente do movimento dialético do mundo real e a dialética de Hegel se vê posta de cabeça para cima, ou pelo menos de pé, em vez do contrário, como se encontrava antes" (Ludwig Feuerbach e o fim...).

Podemos ver, por estes fatos e citações, quão falsas e estúpidas são as acusações feitas por Eastman, Hook, Edmund Wilson e outros, de que Marx e Engels foram imitadores encobertos do idealismo de Hegel. Na realidade, Marx e Engels foram infinitamente mais rigorosos, bem informados e conseqüentes adversários do idealismo hegeliano que estes opositores do socialismo científico e seu método. E eles eram materialistas muito mais intransigentes que se teriam rido do "senso comum" de Eastman e da política moralista de Wilson, como de coisas próprias para um jardim de infância e não para conversa adulta. Lendo os trabalhos filosóficos dos jovens Marx e Engels, quando estavam dedicados à tarefa de elaborar seu enfoque do mundo, em conjunto com as maduras observações de seus anos posteriores, pode-se encontrar uma crítica do idealismo e uma exposição do materialismo que nunca foram superadas.

Mas Marx e Engels selecionaram e preservaram o que era valioso da obra de seus predecessores. Ao contrário dos pedantes que não vêem mais que inutilidades sem sentido em Hegel, viram que seu pensamento continha sementes capazes de um desenvolvimento posterior que, entrelaçada com as inevitáveis superstições, prejuízos e erros, existia um elemento válido, perdurável, revolucionário, digno de ser preservado e capaz de posterior evolução. Era sua dialética. Apesar da fundamental oposição entre o idealismo de Hegel e o materialismo do marxismo, estas duas escolas de pensamento têm um elemento de extrema importância em comum: seu método lógico. O método dialético e suas leis foram os principais aspectos do pensamento de Hegel que Marx reteve e desenvolveu. Este vínculo lógico os une apesar de outras e decisivas diferenças.

Esta afinidade e este antagonismo com a obra de Hegel, foi esclarecido da forma mais definitiva pelo próprio Marx no prefácio da segunda edição de O Capital: "Meu próprio método dialético é não só fundamentalmente diferente do hegeliano, mas é diretamente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento (que ele transforma realmente em um objeto independente, dando-lhe o nome de "idéia") é o criador do que é real; e para ele o real é somente a manifestação exterior da idéia. No meu enfoque, pelo contrário, o ideal não é mais que o material quando foi trasladado e transposto à mente humana..."

"Ainda que nas mãos de Hegel a dialética tenha se convertido em uma mistificação, isto não toma óbvio o fato de que ele foi o primeiro a expor as formas gerais de seu movimento de um modo amplo e totalmente consciente. Nos escritos de Hegel, a dialética está com a cabeça parada. Deve se dar à volta novamente para descobrir o miolo racional escondido em sua couraça mística".

Note-se que Marx e Engels afirmam sem ambigüidades que a dialética surge dos processos naturais e se aplica a eles. "Marx e eu - diz Engels - fomos os únicos a resgatar conscientemente a dialética da filosofia alemã e aplicá-la à concepção materialista da natureza e da história". Aqueles revisionistas que clamam que a dialética não se aplica à natureza mas somente à sociedade ou à mente, contradizem as manifestações diretas de Marx e Engels. São ignorantes ou impostores premeditados.

Faz falta a dialética para compreender a evolução histórica do materialismo dialético. O hegelianismo e o marxismo têm certos aspectos comuns, mas estes são menos decisivos que sua oposição fundamental. O governo soviético sob Stalin tinha muitas características em comum com o totalitarismo fascista. Isto levou a muitos, que pensaram superficialmente, a identificá-los. Mas são basicamente diferentes e antagônicos, como o demonstrou na realidade a guerra nazi-soviética. Da mesma forma, revisionistas pequeno-burgueses tentam identificar estalinismo com bolchevismo porque o primeiro está conectado historicamente com o segundo e tem certas semelhanças superficiais com seu oposto revolucionário.

Esses críticos que identificam marxismo com hegelianismo não só adoecem de falta de

dialética; também violam as leis da lógica formal. Duas coisas que têm algumas características em comum, não são necessariamente o mesmo, mesmo para o raciocínio da lógica formal. O fato de que o ganso seja um animal não toma gansos a todos os animais. O fato de que o marxismo derive historicamente de Hegel e de que marxismo e hegelianismo usem, ambos, métodos dialéticos, não prova que sejam essencialmente o mesmo. É precisamente através deste tipo de falso raciocínio que Eastman e Wilson tentam classificar ao marxismo como um ramo do hegelianismo e do idealismo. A astronomia surgiu da astrologia e a química da alquimia. Devem, portanto, essas ciências serem consideradas idênticas a suas predecessoras pré-científicas?

O materialismo dialético de Marx se despreendeu do hegelianismo, da mesma forma que surgira a astronomia da astrologia e a química da alquimia, não como sua cópia, mas como seu oposto, como sua negação revolucionária. Sob um ponto de vista - o da evolução da lógica pura - constituem uma unidade. Mas são uma unidade de opostos. No curso de sua evolução histórica, a lógica moderna assumiu duas formas diferentes e contraditórias: primeiro a dialética idealista de Hegel e depois a dialética materialista do marxismo.

Confrontados com as duas filosofias opostas de Hegel e Feuerbach, Marx e Engels expuseram os defeitos de cada uma, explicando ao mesmo tempo sua necessidade histórica. Logo partiram para combinar as idéias válidas de ambos os pensadores em um novo sistema de pensamento. A rejeição das limitações e erros de ambos, seus mestres idealistas e seus precursores materialistas, foram seguidas por uma fusão de suas concepções opostas em uma unidade sob bases superiores. Esta é a real derivação dialética do próprio materialismo.

Para atingir sua unificação do método dialético com o enfoque materialista, Marx e Engels tiveram que reunir esses dois movimentos que existiram até então em absoluto antagonismo. Por um lado tinham que liberar a dialética do idealismo que a havia feito nascer e com a qual havia ficado identificada. Por outro, tinham que dissolver as conexões entre o materialismo e as formas mecanicistas e metafísicas às quais havia estado ligado até o momento.

A dialética idealista delineava mais corretamente as formas dos processos de pensamento. O materialismo insistia corretamente na primazia do conteúdo material da realidade objetiva. O materialismo dialético combinou as verdades essenciais desses dois ramos do pensamento em um novo e mais elevado sistema filosófico.

Assim, Marx e Engels criaram seu método filosófico ao transformar radicalmente os pensamentos de Hegel e Feuerbach. O hegelianismo, essa negação suprema do materialismo, encontrou sua própria negação no materialismo dialético. O frio materialismo de Feuerbach, que se opunha totalmente ao idealismo alemão, também encontrou sua negação no materialismo dialético. Este movimento de duas tendências opostas até sua dissolução e a seguir sua fusão em uma nova síntese genuinamente dialética. Desta forma, a evolução do materialismo dialético dá provas da veracidade de suas próprias idéias.

Temos ouvido algumas vezes esta pergunta: É a dialética a forma mais elevada de pensamento? Assumirá a lógica novas formas no futuro? O materialismo dialético é a forma atual mais elevada de pensamento científico conhecida ou acessível a nós. Nossa tarefa atual é desenvolver este sistema de pensamento, disseminar suas idéias: em outras palavras, socializar a dialética que Engels definira como "nossa melhor ferramenta de trabalho e nossa arma mais penetrante".

Isto não significa que a ciência do processo do pensamento ou o processo do pensamento em si, tenham alcançado seu limite máximo. Pelo contrário, ainda não começamos realmente a pensar. Avanços sociais posteriores produzirão, inevitavelmente, tremendos avanços no pensamento e prática humanos e no conhecimento do pensamento humano.

Antes de Marx e Engels a lógica, a ciência do processo de pensamento, tinha um papel subordinado no processo histórico. Como ensinam estes socialistas científicos, o pensamento e a autoconsciência do pensamento não determinaram a evolução da sociedade, pois o fez o jogo cego das forças naturais e sociais. Mas agora a humanidade começou a entender o curso lógico dos processos naturais e a guiá-los e usá-los. Com o movimento socialista, temos começado a entender

também a lógica dos próprios processos de pensamento histórico. Com o crescimento do socialismo a lógica se converterá, e deve fazê-lo, em uma potência cada vez maior na direção do curso da evolução social. Se as forças naturais e sociais são colocadas cada vez mais sob a linha de ação humana organizada e planejada, o pensamento e a ciência do pensamento expandirão, indubitavelmente, seu conteúdo, produzirão novas formas, exibirão novas propriedades e novos poderes. A lógica dialética é o instrumento indispensável para o avanço do progresso do pensamento científico a seu nível seguinte. A dialética materialista abre perspectivas sem limites ao futuro do pensamento humano.

Oitava Palestra: AS CATEGORIAS DA LÓGICA DIALÉTICA

Trotsky escreveu: "Hegel, em sua Lógica, estabeleceu uma série de leis: mudança de quantidade em qualidade, evolução através das contradições, conflito de conteúdo e forma, interrupção da continuidade (descontinuidade), mudança de possibilidade a inevitabilidade, etc., que são tão importantes para o pensamento teórico como é o simples silogismo para as tarefas mais elementares" (Em Defesa do Marxismo).

Cada uma destas leis lógicas está conectada organicamente com as outras. Não, como acreditava Hegel, porque cada uma seja uma especificação da Idéia Absoluta - por exemplo, um produto do pensamento, que ele identificava com o ser último das coisas - mas porque cada uma corresponde a uma fase ou um aspecto particular da realidade material do universo. É, portanto, possível aproximar-se dessas leis como a um todo, considerando qualquer delas, assim como descobrir muito sobre as condições gerais da Terra estudando uma área em particular.

Nesta palestra nos propomos a nos aproximarmos às leis da dialética através da consideração das relações entre essência e aparência. Todos nós usamos constantemente, de forma consciente ou não, estas categorias do pensamento como "quantidade e qualidade", "forma e conteúdo" e pares similares de idéias. São instrumentos indispensáveis do conhecimento e da ação. É por isso que é tão importante conceber corretamente estas categorias lógicas.

Começemos por examinar a categoria "essência". Os pensadores formais e metafísicos sustentam que a essência de uma coisa se distingue de sua aparência pelo fato de que a natureza interna de um objeto é totalmente diferente e absolutamente oposta a sua aparência externa. A essência de uma coisa, clamam, deve ser algo absoluto, fixo e final, enquanto que suas diversas aparências são relativas, flutuantes, fundamentalmente incompletas, mutáveis. Separam a essência da aparência com uma barreira infranqueável, uma insuperável oposição. O que é essencial não é aparente; o que é aparente não é essencial. Essa é a linha de seu raciocínio.

Existe uma corrente contemporânea de filosofia, da qual é um bom representante George Santayana, que por magia transforma toda aparência em uma essência desse tipo.

Eles descrevem as essências como "objetos eternos" que existem em um reino sobrenatural próprio, fora e oposto ao mundo ordinário da atividade humana. Essas essências têm os atributos dos espíritos. "A essência não tem gênese" escreve Santayana em Ceticismo e Fé Animal. "As essências são absolutamente imutáveis em sua natureza". Não têm em si evolução histórica real e portanto não podem surgir, modificar-se ou morrer. São só nossas vãs tentativas de obter uma compreensão intuitiva desses "objetos eternos" o que produz a aparência ilusória de mudança nas essências.

Esta parte da teoria do conhecimento de Santayana (toda sua posição é sumamente eclética) é na realidade uma reedição do platonismo. Seu propósito implícito é salvar, por meio da metafísica, todo o possível dos ensinamentos do idealismo, do avanço da ciência moderna e do materialismo.

Mesmo que Santayana não faça nenhuma contribuição original ao pensamento filosófico seu enfoque nessa matéria tem o mérito de explicitar, sobre a essência, o que pensadores menos conseqüentes deixam pouco claro. Mais ainda, a concepção errônea de Santayana sobre a essência é compartilhada não só por filósofos idealistas, mas também por muita gente que precisa dos

conhecimentos filosóficos e de treinamento dialético.

Este problema da essência confunde especialmente a aqueles cujas mentes se tomaram sofisticadas ou adulteradas pelo contato com a filosofia tal como se ensina nos colégios. Eles também pensam na essência de uma coisa como algo absolutamente permanente, fixo e acabado radicalmente diferente de suas aparências. Precisamente esta é uma das razões pelas quais escolhemos estas duas categorias para analisar, os problemas que se apresentam têm sido e seguem sendo de máxima importância filosófica.

Na realidade, a essência de uma coisa não aparece, não pode aparecer de súbito e permanecer ali imutável, como Minerva, que surgiu do cérebro de Júpiter totalmente armada e, partir dali foi uma deusa. Semelhante noção é mitológica, ainda que a exponha em brilhantes termos filosóficos. A essência de uma coisa evolui e se realiza ao largo do processo de evolução do objeto material em si. É um aspecto integral e inseparável do objeto que compartilha todas as vicissitudes de sua história.

Portanto, a essência em geral, e cada essência em particular tem, como tudo no mundo, um caráter material e histórico. Aparece sob condições específicas, evolui em e através de várias formas e eventualmente desaparece, ao desaparecer o próprio objeto.

Mais ainda, seu curso de evolução tem um caráter dialético ou contraditório. A essência de uma coisa nunca aparece por si mesma e independentemente. Sempre se manifesta com e por meio de seu oposto. Este oposto é o que designamos com o termo lógico de aparência. É através de uma, série de aparências relativamente acidentais que a essência manifesta seu conteúdo interno e adquire cada vez mais realidade e até que se exhibe tão completa e perfeitamente como lhe é possível sob as condições materiais dadas.

A essência de uma coisa é o necessário para sua aparência, a totalidade de qualidades sem as quais não poderia existir.

No princípio da evolução de uma coisa sua essência pode estar quase que totalmente submersa nessa aparência particular e a análise superficial tenderá a identificá-las como um todo indivisível. Nas ciências naturais, a eletricidade foi identificada com a propriedade do magnetismo em conexão com a qual foi detectada e estudada pela primeira vez. Na evolução política da classe operária a liderança do movimento internacional socialista foi identificado com a Primeira Segunda e Terceira Internacionais.

Mas em seu desenvolvimento posterior, o objeto descarta sua forma original e assume aparências novas, diferentes e ainda contraditórias. Daí a necessidade de distinguir entre essência, e aparência, entre o fundo relativamente permanente e a superfície variante das coisas, se converte em um problema teórico e prático. Aqui reside também a origem do erro dos metafísicos. Eles vêm a necessidade de distinguir entre essência e aparência e de separá-las. Mas são cegos frente a igualmente urgente necessidade de ver sua unidade, suas interconexões e sua conversão - sob certas condições - de uma em outra.

Hegel expressou isto em uma formulação inesquecível: "Na essência tudo é relativo". Enquanto que em aparência, abstraído-a da essência, tudo é imediato ou absoluto.

Tomemos, por exemplo, o ser humano. O ser humano apareceu primeiramente, não em sua essência totalmente desenvolvida, mas como um animal dificilmente distinguível de seu antecessor imediato, um macaco antropóide. No curso posterior da evolução biológica e social, o mono antropóide se converteu em um homem. Desde então, a espécie humana descartou cada vez mais suas características de macaco adquirindo suas próprias e distintas. Somos em muitos aspectos, diferentes do homem das cavernas de Neanderthal.

Onde se pode encontrar, então, a essência da humanidade? Está presente e operando em diferentes graus em todas as etapas passadas da evolução humana, do mesmo modo que na forma que predominou. E ainda assim está nos princípios de sua realização. Concretamente, estamos somente no começo desse processo. Na sociedade de classes, manifestamos só um fragmento pequeno e restrito da essência do homem. Esta só poderá se realizar sob condições mais favoráveis da futura sociedade comunista Possivelmente também a humanidade, como forma superior

predominante sobre a terra, evoluirá até algo mais elevado.

A essência e a aparência se identificam tanto quanto se opõe em cada etapa da evolução de um dado movimento material. Mas suas relações respectivas podem se reverter no curso da evolução. Na fase inicial de uma coisa, a aparência tende a subordinar a essência. Ao longo do caminho ambas divergem até chegar à oposição, e logo, no cúmulo da evolução do objeto, sua natureza essencial se destaca claramente de suas várias aparências. Essência e aparência convergem no cume, como faziam no começo. Mas na etapa posterior, a essência domina a aparência.

O marxismo, por exemplo, se realizava relativamente em cada uma das três primeiras internacionais, em graus ascendentes de perfeição. Está se realizando mais totalmente através da Quarta Internacional, criada em uma etapa superior da luta da classe trabalhadora, e baseada nos acertos perduráveis e na apreciação crítica de suas predecessoras. Será a Quarta Internacional a forma final e essencial do Partido Internacional Socialista? Faremos o possível para que assim seja. Mas a encarnação consumada de uma essência, não é de nenhuma forma o fim da questão. Concretamente, não é mais que a metade do processo. Pois nem bem a essência de uma coisa se manifesta totalmente e coincide em tudo quanto possível com sua aparência, a própria coisa, tendo realizado suas possibilidades, desenvolvido seu conteúdo ao máximo, começa a se substituir e converter-se em outra. Em outras palavras, o essencial toma um caminho descendente, para transformar-se novamente no menos essencial e, eventualmente, no não essencial. Esta é a dialética de toda essência.

Tomemos o exemplo concreto da evolução do dinheiro, algo tão essencial, como bem sabemos, para as operações do sistema capitalista. Sob o capitalismo o dinheiro não é um acidente, mas uma necessidade. Todos os dias nos recordam que sem ele não podemos viver.

Houve uma época que o dinheiro não existia. Nas sociedades primitivas, onde toda a produção era destinada ao uso comum, nenhum produto entrava na comunidade através da troca, o dinheiro não era necessário e desconhecido. Apareceu somente com o intercâmbio regular de um sem número de mercadorias e o desenvolvimento das relações comerciais, ante a necessidade de ter um equivalente geral por meio do qual todas as outras mercadorias pudessem expressar seu valor de troca.

O dinheiro se originou não em uma forma apropriada a sua essência, mas de uma forma desfigurada, imposta pelas condições de sua origem. O dinheiro fez sua aparição como uma mercadoria entre outras, como uma mercadoria monetária, da mesma forma que o homem surgiu como homem-macaco. Essa mercadoria que foi separada e diferenciada para servir como meio de circulação e medida de valor para as outras, assumiu muitos aspectos concretos diferentes na evolução histórica das sociedades de produção e troca de mercadorias, das quais o capitalismo é a expressão suprema. O gado, o ferro, os escravos, as peles, o trigo, o arroz e muitas outras coisas atuaram como mercadoria monetária.

A mercadoria passou por três estágios para atingir a essência de dinheiro e para fazer coincidir melhor sua forma com seu conteúdo. Enquanto as relações comerciais eram restritas e o mercado pequeno, todo tipo de mercadoria podia cumprir o rol de equivalente geral.

O salto qualitativo de mercadoria à autêntica forma monetária de valor, ocorreu quando os metais preciosos tomaram a função de moeda. As mercadorias monetárias, como o gado, mantinham seus usos naturais ao mesmo tempo em que serviam como equivalentes gerais; suas funções no processo de circulação eram subsidiárias de sua outra utilidade.

O gado, que era padrão de valor, podia ser cortado, ter sua carne comida e sua pele utilizada com distintos propósitos.

Os metais preciosos tiveram um nível diferente. Uma vez estampados como moedas por alguma autoridade pública, seu único uso consistia em servir como equivalente geral do conjunto das mercadorias. Neste ponto o equivalente geral se converteu em equivalente universal e se afirmou a essência do dinheiro em forma de moedas e lingotes.

A evolução não terminou aqui. Ultimamente o ouro se converteu na personificação suprema do equivalente universal.

Qual destas diversas aparências do dinheiro é real e totalmente o dinheiro em si? Em termos lógicos: onde se encontra, entre todas estas manifestações da relação monetária, a essência do dinheiro? A primeira resposta é que em certa medida e sob certas circunstâncias, todas essas aparências têm sido e podem ser dinheiro. Provaram na prática - suprema prova da verdade - que podem cumprir as funções básicas de mercadoria monetária. Cada uma dessas encarnações históricas do dinheiro contém, até certo ponto, sua essência qualitativa. O dinheiro em geral é relativo a cada uma de suas várias manifestações concretas. Gado, peles, metais preciosos e outros devem ter parte na essência do dinheiro; se não fosse assim não haveriam aparecido e funcionado como meio de circulação. Haveriam sido simplesmente os objetos materiais ou o tipo particular de mercadorias que foram. Não haveriam servido como dinheiro sem ser realmente em essência o tipo de relação econômica que é o dinheiro.

Mas este não é só um aspecto do assunto. É óbvio que, se cada uma dessas formas do dinheiro continha parte da essência dessa relação econômica, nenhuma continha a essência total do dinheiro. Cada uma, tomada em si, personificava somente uma porção da essência do dinheiro, assim como um acionista tem só uma dada proporção das ações da empresa. Cada mercadoria monetária é essencialmente, por necessidade, nada mais que uma representação episódica, superficial e relativa das relações monetárias e funções surgidas através da forma monetária.

Por outro lado, como cada uma a sua maneira e de acordo com sua capacidade incorporada e levando algo da essência do dinheiro, devemos reconhecer que todos os elementos que constituíram esta série de formas monetárias têm contribuído para a realização, clarificação e aperfeiçoamento da forma monetária essencial. Constituem formas transitórias nas quais a essência do dinheiro faz sua aparição, os acidentes que vão cobrir sua necessidade.

Vemos assim que a essência, em vez de ser algo fixo e simples em sua natureza, se compõe de vários graus que constituem uma hierarquia da essência. Podemos avançar, e as coisas em sua evolução o fazem, do menos essencial ao mais essencial. Em outros termos, a qualidade de uma dada essência pode tomar-se quantitativamente maior ou menor. Pode crescer em extensão e em conteúdo, pode, passo a passo, se determinar ou definir em diferentes graus ou formas de seu ser.

A essência de uma coisa se manifesta sempre indissolúvelmente ligada a seu oposto, que é uma ou outra de suas aparências. Em geral, quanto mais essência, menos aparência. Estas duas determinações da realidade e do pensamento aparecem juntas, mas em relação inversa.

O dinheiro sob a forma de gado, por exemplo, apenas começou a se diferenciar do conjunto das outras mercadorias, e a se lhes opor; é pouco mais que uma mercadoria apenas diferenciada das outras. A essência do dinheiro faz só uma débil aparição nesta forma embrionária em sociedades não civilizadas. Logo quando o dinheiro assume a forma de moedas e se incorpora nos metais preciosos, sua essência começa a predominar sobre sua aparência e o equivalente geral se converte em universal.

Quão clara e totalmente pode se manifestar e distinguir a essência da aparência? A pureza e perfeição da realização de uma dada essência dependem das circunstâncias materiais que determinam a evolução do objeto em questão. No caso do dinheiro, sua essência conseguiu se mostrar com grande clareza e definição, devido à evolução das sociedades produtoras de mercadorias ao capitalismo.

Como resultado da evolução da produção de mercadorias e do comércio, um tipo particular de dinheiro demonstrou ser a corporização mais essencial ou necessária do dinheiro: o ouro. Esta é uma das descobertas mais importantes de Marx, ainda que alguns o depreciem por ser "hegeliano". Na prática o ouro estabeleceu sua superioridade sobre todas as formas anteriores do dinheiro como resultado da mais severa competição em centenas de séculos de comércio e indústria.

Ninguém, nenhum poder político, escolheu arbitrariamente ao ouro como o mais adequado para corporizar e exercer a função de dinheiro. Esta situação foi determinada fundamentalmente por uma extensa série de processos e causas econômicas, cujo resultado teve que ser ratificado nos códigos legais da autoridade política, e todo mundo teve de reconhecer nas relações econômicas diárias. O ouro derrotou a todas as moedas rivais porque provou ser a forma física mais poderosa,

mais real, mais essencial de relação monetária.

O exemplo do ouro demonstra que, por seu caráter absoluto, a essência permanece relativa para as formas de dinheiro menos essenciais ou não essenciais. O ouro, a forma do dinheiro mais essencial, surgiu historicamente das formas menos essenciais, e mantém hoje relações definíveis com elas, assim como com todo o mundo das mercadorias. A prata, por exemplo, é trocada por quantias específicas de ouro.

O que é ou parece essencial em uma etapa da evolução de uma relação - e cada coisa é um relação ou constelação de relações - se toma menos essencial ou não essencial em outra. No começo da evolução econômica parecia que a prata seria a mercadoria monetária por excelência, com ouro em segundo lugar. A prata valia mais, então, que o ouro. Mas mudanças posteriores nas condições tecnológicas e econômicas inverteram completamente esta relação. Durante o século XIX se provou que o ouro era superior à prata. A prata passou a ser um representante subordinado e passageiro da relação monetária e caiu por terra com seus obsoletos predecessores.

Hoje o ouro é o monarca absoluto, não só acerca das formas monetárias, mas sobretudo o mundo das mercadorias sob o capitalismo. Toda outra mercadoria é inferior ao ouro e deve se subordinada a ele. O ouro é o valor encarnado. Manterá esta alta e poderosa posição durante a época histórica de transição do capitalismo ao socialismo. "Na economia de transição, como sob o capitalismo, a única moeda autêntica se baseia no ouro", escreveu Trotski em *A Revolução Traída*.

Mas esta posição de poder econômico absoluto ocupada pela forma monetária, que engloba organizações sociais tão diferentes, é, igualmente, relativa e limitada. Na sociedade socialista, o dinheiro começará a perder seu poder mágico e tenderá a desaparecer. "O golpe de morte ao fetichismo do dinheiro, ocorrerá somente na etapa em que o rápido crescimento da riqueza social nos tenha feito esquecer a nós, os bípedes, nossa miserável atitude frente a todo minuto de excesso de trabalho e nosso temor humilhante sobre o tamanho de nossa ração. Tendo perdido sua capacidade de brindar felicidade ou de derrubar aos homens no povo, o dinheiro se converterá em um mero recibo contábil para a conveniência dos estatísticos e para propósitos de planificação. Em um futuro mais distante provavelmente não sejam necessários estes recibos. Mas podemos deixar este assunto inteiramente à posteridade, que será mais inteligente que nós", observou Trotski.

Então, como predisse Sir Thomas More e esperava Lenin, os homens usarão o ouro, identificado com a felicidade e miséria no passado, como adorno de artefatos sanitários.

Os metais preciosos, o ouro por excelência, foram escolhidos especialmente por suas propriedades físicas para monopolizar o rol do dinheiro. Eram maleáveis, dúcteis, homogêneos, duráveis, transportáveis e facilmente reconhecíveis. Mais além, por sua relativa raridade representavam uma grande quantia de valor de troca em um pequeno volume. Incorporavam grande quantidade de trabalho em forma muito condensada.

Muitas pessoas crêm erroneamente que estas propriedades físicas particulares, por si mesmas, faziam destes metais objetos preciosos com poderes milagrosos. Esta é a aparência, não a realidade, do assunto. O dinheiro é uma forma altamente evoluída do valor, que existe somente em sociedades produtoras de mercadorias. Portanto, em última análise, o dinheiro é uma coisa que representa relações econômicas específicas entre os homens. Estas relações constituem a essência do dinheiro. E quando uma economia de abundância e igualdade transforme fundamentalmente as relações entre o homem, a necessidade do dinheiro desaparecerá enquanto que as propriedades físicas do ouro e da prata perdurarão.

A essência é algo abstrato ou concreto? O exemplo do dinheiro demonstra que ambas as coisas. O dinheiro sempre se mostra sob alguma forma específica. Mas nenhuma dessas manifestações concretas do dinheiro contém sua essência total. A existência do dinheiro está, portanto, presente e ausente em qualquer de suas formas particulares.

Sem a evolução das várias formas concretas do dinheiro, haveria sido impossível a realização na economia social, da essência do dinheiro em sua forma mais pura de ouro. Tão pouco haveria sido possível para os economistas obter através de suas investigações científicas uma compreensão correta da natureza do dinheiro.

Vemos assim, que a essência de uma coisa é uma abstração de suas diversas formas concretas, expressada conceitualmente em uma generalização tomada de suas instâncias particulares. O abstrato e o concreto, o geral e o particular, a essência e a aparência, estão essencialmente inter-relacionadas e são categorias interconvertíveis. Nunca se encontra a uma sem a outra. "Em essência" - como diz Hegel - "todas as coisas são relativas".

Estes opostos estão sendo continuamente transformados um em outro. Esta moeda, por exemplo, parece muito concreta e o é desde o ponto de vista de sua composição material. Mas desde o ponto de vista econômico não é tão imediatamente concreta assim como existe agora, é só parcial e potencialmente dinheiro. É dinheiro em abstrato. Pode ser usado sob circunstâncias normais, como meio de circulação. Esta moeda se converte real e verdadeiramente em dinheiro e se realiza como tal, quando se compra com ela alguma mercadoria. Nesta transição perde seu caráter abstrato, ideal e se converte em dinheiro concreto. Quando chega às mãos do comerciante assume novamente seu caráter mais abstrato.

Esta transmutação dos aspectos predominantes prossegue perpetuamente no processo da circulação de mercadorias. O mesmo ocorre com todas as demais categorias em todos os outros domínios da existência.

Examinemos as relações entre as categorias de quantidade e qualidade através deste exemplo. Seu ponto de partida não foi o dinheiro (esse era seu destino) mas outra coisa, seu oposto, a mercadoria. A "base" do dinheiro, como a chama Hegel, é seu próprio oposto, a mercadoria. Sem mercadorias, ou seja, produtos elaborados que são intercambiados, o dinheiro não pode começar a ser o mesmo, não pode realizar sua essência peculiar.

Como se transforma uma mercadoria em dinheiro, no oposto à forma mercadoria? Uma miríade de atos de intercâmbio de mercadorias deve ter lugar antes que se crie a necessidade de uma mercadoria em particular como meio de circulação. Esta necessidade se satisfaz escolhendo uma mercadoria que sirva para este fim. Habitualmente esta é, como assinala Marx, a mercadoria mais importante, o gado, os cereais ou as peles.

O pré-requisito para a aparição quantitativa do dinheiro como uma nova propriedade econômica é um desenvolvimento quantitativo específico do intercâmbio. A nova qualidade de dinheiro aparece como o resultado necessário da acumulação quantitativa de atos de intercâmbio. A produção dessa nova qualidade econômica se produz de uma forma revolucionária e tem resultados revolucionários. Separa cada vez mais o mundo das mercadorias em dois pólos opostos: mercadorias particulares por um lado e mercadoria monetária - que é seu equivalente universal - pelo outro. O resultado final desta separação se vê na crise do capitalismo, onde as mercadorias não podem ser trocadas por dinheiro em escala mundial.

Este salto de quantidade a qualidade não é fictício mas uma autêntica expressão lógica do que ocorre nos processos reais. O germen da relação monetária está latente na existência de mercadorias. Quando os homens começaram a dizer no mercado "isto vale tanto" e a trocar os produtos de seu trabalho em termos equivalentes, estavam dadas as condições prévias para a produção do dinheiro. Esta possibilidade se transformou em necessidade com a crescente quantidade dessas transações. A necessidade social de uma medida de valor independente, de um padrão de preços e de uma medida de valorização fez aparecer o dinheiro.

Dada uma suficiente quantidade de mercadorias diferentes e de atos de troca, se faz necessário encontrar uma mercadoria entre elas que possa servir como dinheiro. Quando os homens disseram "isto vale tanto" descobriram que tinham que ter algo que servisse para poder dizer "todas as coisas valem tanto". Esta mercadoria se converteu na mercadoria monetária. Quando o papel moeda nacional começou a se desvalorizar durante a Segunda Guerra Mundial, os cigarros assumiram temporariamente a função de dinheiro.

O processo dialético de evolução não termina com a transformação de quantidade em qualidade. Esta é só uma de suas manifestações lógicas. O processo continua na direção oposta e converte a nova qualidade em uma nova quantidade. Uma vez que a qualidade dinheiro faz sua aparição na sociedade, tende a estender-se indefinidamente, a penetrar em todas as partes e a

transformar todas as demais relações econômicas. Esta quantificação da qualidade dinheiro alcança seu ponto mais alto sob o capitalismo, onde todos os produtos elaborados e a própria força de trabalho se tomam necessariamente intercambiáveis por dinheiro.

Esta quantificação, por sua vez, leva à produção de uma nova qualidade econômica. O dinheiro se transforma em capital, que é uma forma superior de dinheiro. Esta nova qualidade também cresce e assume diversas formas: usurário, comercial, manufatureiro, industrial e financeiro.

Com a revolução socialista esta forma monetária de capital se debilitará, como também muitas outras formas e funções do dinheiro, com o curso do tempo. Como disse Trotski, com o estabelecimento das relações socialistas, o dinheiro se transformará em meros recibos contábeis.

Vemos então que existe um processo incessante de transformação de quantidade em qualidade, de possibilidade em inevitabilidade e de inevitabilidade em possibilidade. O dinheiro, que é inevitável sob nosso sistema econômico, era impossível sob o coletivismo tribal primitivo que precedeu a produção de mercadorias, não será já necessário sob o comunismo do futuro.

Esta evolução é extremamente contraditória. O dinheiro surge das mercadorias e segue sendo uma mercadoria, assim como o homem surge das espécies animais e segue sendo animal. Mas é algo mais que uma mercadoria e outra coisa, assim como o homem é mais e distinto que os demais mamíferos.

Sob o capitalismo, o dinheiro desenvolve suas contradições até tal ponto que enquanto por um lado é o único meio de unificar e realizar o valor das mercadorias, está sem dúvidas em oposição absoluta ao mundo destas. Sem o dinheiro nenhuma mercadoria pode se realizar como tal; inversamente, sem mercadorias, o dinheiro não pode se realizar como dinheiro.

Esta contradição tão notória se manifesta nas crises capitalistas quando o dinheiro, que se originou e funciona com o único fim de circulação, se converte na principal e insuperável barreira desta. Esta é uma das contradições inerentes ao capitalismo e que provocará sua queda.

A evolução do dinheiro desde suas origens até sua futura morte, exemplifica a natureza dialética da aparência e da essência, da quantidade à qualidade, da possibilidade à inevitabilidade, do conteúdo à forma, do relativo ao absoluto, do acidental ao necessário, do abstrato ao concreto. Essas categorias correlativas constituem o conteúdo da lógica dialética. São ferramentas conceituais indispensáveis para analisar as características contraditórias da realidade e sua evolução

Este enfoque dialético e materialista da aparência e da realidade, choca com as concepções de outras escolas filosóficas, como os agnósticos e os empíricos. A teoria agnóstica do conhecimento, como estabeleceu Kant, faz uma separação absoluta entre aparência subjetiva e substância interna, coisas "para nós" e coisas "em si". Afirma que os homens podem experimentar somente os fenômenos e não podem penetrar à essência das coisas. Portanto, a realidade é incognoscível através dos sentidos e da razão e deve ser intuída pela fé. O empirismo tende a subordinar as relações essenciais ao sensorial ou às aparências subjetivas das coisas e a tomar, equivocadamente, seus aspectos superficiais e manifestações imediatas por seu conteúdo fundamental. Ambas as teorias do conhecimento erram ao separar o fenômeno da essência e ao não considerar, ou negar, sua necessária interconexão como pólos opostos de um todo modificado.

A divergência e coincidência da aparência e da realidade são especialmente importantes para compreender como progride o conhecimento da experiência diária à compreensão científica. As coisas, tal como são, se nos manifestam primeiramente com características contraditórias e equívocas e que são por sua vez importantes e secundárias. Seu aspecto imediato pode estar em conflito com seu ser real. Ao mesmo tempo, este fenômeno nos proporciona pistas que podem mostrar o ilusório da manifestação exterior e abrir o caminho a uma compreensão de seu conteúdo básico, já que a essência se apresenta sob diversas aparências e através delas.

Uma instância familiar desta divergência entre aparência e realidade é a relação da Terra com o sistema solar. O Sol parece girar em torno da Terra, enquanto que sabemos que a Terra, como os demais planetas, está em órbita em torno do Sol. A descoberta de Copérnico da rotação da Terra sobre seu eixo e de sua órbita ao redor de um sol fixo inaugurou a época moderna da

astronomia. Ao mesmo tempo se faz compreensível porque os outros corpos celestes parecem se mover em torno de um observador situado sobre a Terra. Na descrição científica do sistema solar, o movimento aparente e o real estão interconectados e são explicáveis.

Resolver os conflitos entre as formas externas e a realidade interna das coisas, demonstrando sua unidade dialética é um dos principais fins da ciência. O conhecimento avança ao colocar em prova sob todos os ângulos possíveis às aparências, se aprofundando cada vez mais na realidade.

Nona Palestra: **DA IGNORÂNCIA DO CAPITALISMO AO ESCLARECIMENTO SOCIALISTA**

Os elementos da lógica dialética podem ser aprendidos por qualquer um que se proponha a estudá-los. A aquisição de qualquer ciência requer o investimento de um considerável trabalho e energia mental. O caminho do conhecimento não pode ser trilhado sem esforço. Os capitalistas adquirem benefícios sem trabalho pessoal. Mas é necessário dizer aos trabalhadores que ganham a vida e se esforçam por compreender o funcionamento de uma nova e complexa máquina que também devem fazer esforço para aprender algo novo, ou para atingir a compreensão de um novo instrumento de pensamento.

Como o pensamento trabalha com fatos obscuros e processos complexos, estudados pelos cientistas naturais e sociais, existem campos onde a lógica requer um conhecimento e um treinamento especial. Mas todos pensamos em problemas próximos e familiares. Portanto, se tomamos a dialética como uma ciência do pensamento, como uma lógica, veremos que também trabalha com os sucessos mais comuns.

Na verdade, a lógica dialética se aproxima a estes sucessos de uma forma algo não usual. Nos propomos a demonstrar como a dialética surge da vida diária e das lutas dos trabalhadores; como reflete as obras de seus pensamentos nos diferentes aspectos e nas fases sucessivas de sua experiência de classe e, finalmente, como todo trabalhador pensante pode verificar a origem destas idéias lógicas e as operações das leis da dialética ao observar sua própria evolução intelectual e política, desde uma "máquina de trabalhar" ou mesmo desde um "segregacionista" a um trabalhador com consciência revolucionária.

Para se converter em marxista, todo operário deve revolucionar sua mentalidade política; mas esta mudança não pode, nem deve, ter lugar repentinamente. Aparece como a culminação de um processo prolongado e desenvolvido que inclui múltiplas experiências na luta de classes e a passagem através de vários estágios de compreensão política. O operário começa, em geral, com uma completa ignorância da verdadeira natureza da sociedade capitalista e de sua posição e perspectivas com ela. Tem que estender e aprofundar gradualmente seu conhecimento do sistema capitalista até compreender claramente as origens de suas operações e a necessidade da luta proletária contra ele.

Nos propomos a analisar este processo de evolução política, esta passagem de falta de consciência de classe, à compreensão científica do capitalismo e a uma atividade revolucionária frente a ele, para descobrir sua lógica, ou seja, suas características essencialmente dialéticas.

Como ilustração, descrevamos a trajetória de um operário, que chamamos João. João entra numa fábrica de carros em Detroit aos dezoito anos, com as idéias comuns da classe média norte-americana, implantada em sua mente por sua família, escola ou igreja e cuidadosamente cultivadas pela imprensa, rádio, televisão, púlpito, cinema, etc. A principal delas é o axioma de que existe, e deve existir, uma perfeita harmonia entre ele e seu empregador, entre a classe capitalista e a classe operária. Se ele trabalha muito e honestamente, lhe dizem, poderá ser algum dia um milionário como Ford ou Chrysler ou pelo menos um chefe de produção bem pago como Knudsen.

João, como assalariado, e a empresa que compra sua força de trabalho, estão ligados pelo laço social da exploração. Sem dúvida, esta relação econômica e todas as outras relações de classes que nelas se baseiam lhe parecem naturais, inevitáveis, inclusive benéficas. O operário que aceita tão inquestionável e sinceramente este enfoque burguês da sociedade e se conduz de acordo com

ele, não tem nem sombra de consciência de classe, é objetivamente por sua situação econômica, um proletário. Mas subjetivamente está completamente dominado pelas idéias capitalistas. Não é mais que matéria prima para a exploração capitalista.

João ainda não se deu conta da contradição que existe entre sua posição de classe como operário e sua submissão às idéias capitalistas. Esta contradição surge da oposição de seus interesses como assalariado e os de seu empregador como capitalista. Enquanto se sinta satisfeito com as coisas como estão, não suspeitará quão profundo e irreconciliável é o antagonismo que provocam suas contraditórias relações de classe. Esta realidade implícita pode ser descoberta, explicitada, somente como resultado da relação entre capitalista e assalariado. Estas contradições objetivas permanecem ocultas para João. O que em realidade está dividido e se opõe lhe parece unido e idêntico; o que está em constante movimento, mudança e conflito, lhe parece fixo, harmonioso e inalterável; a aparência de sua relação, na etapa mais primitiva de sua evolução, lhe parece corresponder a sua real substância.

Daqui sairá um revolucionário. Para usar os termos de Hegel, nesta etapa de ser não desenvolvido o operário existe em si mas ainda não para si. Não tem uma existência independente pois vive e trabalha para outro, seu explorador. Ignora totalmente as verdadeiras condições de sua existência, é vítima das ilusões e mentiras propagadas pelos capitalistas e seus agentes. A consequência prática dessa falta de consciência de classe é a submissão absoluta ao patrão. O operário é um escravo assalariado puro e simples, a mercê do monarca capitalista. Este era o estado e a mentalidade de muitos trabalhadores antes da vitória do C.I.O. (Congress of International Organizations). Ao não conhecer nada melhor, o operário se submete ao empregador na fábrica e às influências capitalistas em todas as partes. Vota nos candidatos e partidos capitalistas nas eleições e pensa e atua automaticamente de acordo com as linhas de conduta capitalistas.

Mas esta condição primitiva de "harmonia" de classes não pode sustentar-se indefinidamente. Os antagonismos sócio-econômicos implícitos são mais fortes que a boa vontade dos indivíduos, de qualquer lado da linha que realmente separa o operário de seu patrão. Sua unidade original, baseada na aparente identidade de interesses, cedo ou tarde deve se interromper pelo curso normal da produção capitalista. Isto ocorre quando João e seu patrão se chocam em um assunto importante que envolva os interesses materiais de ambas as partes: uma tentativa de redução material por parte da patronal, resistência por parte de João e seus companheiros de aceita-la, etc. Na controvérsia gerada, o empregador antes benevolente, diretamente ou através de seus subordinados, se mostra hostil, brutal, egoísta, negando-se às justas reclamações dos operários.

Este atrito gera não só indignação em João, mas certo esclarecimento em sua mente sobre o verdadeiro estado de coisas. O impacto do conflito acaba com sua cegueira e lhe faz se dar conta, pela primeira vez, de que existe uma oposição de interesses que leva a um conflito entre ele e seu empregador. Descobre por si mesmo parte da contradição que existe em suas mútuas relações. Ele se dá conta de que seu empregador não era um amigo como ele pensava mas algo muito diferente: um inimigo.

O próprio João, então, começa a se converter em uma pessoa diferente. Está pronto para dar o primeiro passo até a consciência de classe. Sua ignorância começa a se converter em conhecimento. Como homem pensante generaliza a partir de sua experiência. Isto só pode ser feito de um modo lógico. A linha de sua lógica segue os fatos de sua luta pela vida e está determinada por eles. Forma-se um juízo sobre a base do que lhe aconteceu. Sua conclusão é: este patrão é um explorador opressivo para mim e meus companheiros.

Em lógica, este tipo de conclusão se chama juízo singular. Um juízo singular é o que aplica a uma só coisa. E a forma mais simples de juízo. Uma só coisa é identificada com um grupo geral, uma propriedade geral adscrita a algo. Neste caso, o empregador é identificado com a classe dos exploradores. Fazemos juízos similares quando notamos que "este pasto é verde" ou "o Partido Democrata é um partido capitalista".

O juízo singular que fez João é só um juízo isolado. Sem dúvidas, serve para iniciar processo de diferenciação consciente entre ele e seu patrão e para lhe dar um impulso a sua

autodeterminação como operário. Este juízo prove a João e seus companheiros a base teórica para a ação prática. Serve como guia lógico para sua ação de classe unificada. A negação de sua relação originária de submissão ao patrão se transforma rapidamente em uma política positiva para a ação de classe independente contra ele.

Os trabalhadores da empresa sentem imediatamente a necessidade de uma organização própria para proteger e promover seus interesses comuns. Solicitam um estatuto da C.I.O. e apresentam ao patrão com reivindicações de maiores salários e melhores condições de trabalho. Seus pedidos são negados, seus representantes sindicais são rechaçados, os companheiros mais ativos despedidos. A ruptura se acentua. O juízo se vê confirmado e tende a se converter em convicção. João, escolhido delegado de sua seção, assiste a uma reunião de delegados de todas as fábricas organizadas de Detroit, para avaliar uma greve. Ali descobre que os operários de toda indústria têm as mesmas queixas que ele.

Neste ponto João pode tirar uma nova conclusão: "todas as patronais das empresas automotrizes exploram a seus operários". Esta é uma extensão, um desenvolvimento, de seu juízo prévio que surge da extensão, desenvolvimento e confirmação de suas experiências na luta de classes e sua compreensão delas. Em lógica este juízo é chamado de especial ou particular. o juízo particular é o que se aplica a um grupo de coisas ou indivíduos que possuem as mesmas características. Este grupo pode englobar poucos, muitos ou todos de um dado grupo.

Mas um juízo particular não se aplica necessariamente a todos os membros de uma dada classe. Pode ser um aspecto accidental, passageiro e não permanente, essencial. Alguns podem tê-lo e outros não, ou podem tê-lo todos em algum momento por razões específicas e logo se desligar dele. Neste caso, a exploração pode não ser essencial e definitiva, não ser uma característica imprescindível e universal da classe capitalista. Sob outras circunstâncias e em outro momento, pensa João, quando as coisas se ponham melhor para os capitalistas, pode ser que atuem de uma forma diferente com seus empregados.

A forma superior ao juízo especial ou particular é o juízo geral, que se aplica a todos os membros de uma dada classe. João poderá atingir este nível de compreensão da natureza da classe capitalista quando seu sindicato vota uma greve. Durante a greve vê a todos os magnatas dos automóveis e seus servidores se alinharem contra os operários, combinarem-se para quebrar a greve e tratar de força-los a voltar ao trabalho com suas reivindicações não atendidas.

Desses fatos João deduz que os patrões das fábricas de automóveis, como classe, estão aliados contra os operários. Faz o juízo geral: todos os patrões da indústria automotora são exploradores. Mas este juízo, ainda que incondicional e universal em sua forma, segue sendo restrito em seu conteúdo. Repousa sobre bases demasiado estreitas e empíricas. Não conhece ainda razões forçosas e incontrovertíveis pela que todos os patrões, não só os de sua indústria, devam ser exploradores. Nem sabe tão pouco, por outro lado, porque atuam às vezes de outra forma. Para este tipo de juízo categórico e necessário precisa de uma visão mais extensa e profunda das relações sociais. Isto só pode ser atingido com um nível mais amplo de experiências e um corpo de generalizações mais penetrante e total, subsidiado pela experiência.

Os sindicatos são as escolas elementares das massas trabalhadoras. Lá os operários como João aprendem as primeiras lições sobre a natureza do capitalismo, começam a clarear sua consciência de classe e dão os primeiros passos até a organização de classe. É onde ele e seus companheiros pela primeira vez sentem sua oposição aos capitalistas e atuam de acordo com ela. Mas ainda não se dão conta de que uma oposição polar que surge de uma irreconciliável contradição entre seus interesses de classe. Os diversos compromissos e acordos dos sindicatos com os empregadores servem para ocultar a profundidade e extensão desta contradição, para suavizar sua agudeza e severidade e para evitar seu desenvolvimento total.

Todas as contradições demoram em se afirmar e revelar totalmente. Devem passar por vários níveis antes de descobrir o conteúdo total de suas determinações e de que se alcance o ponto de ruptura entre suas tendências em conflito. Os juízos singulares e particulares surgem de fases iniciais, ou gerais, de sua maneira, revelam e refletem os níveis intermediários e transicionais

seguintes do processo de desenvolvimento e intensificação da unidade dos opostos que constitui o estado contraditório inicial. Mas nenhum destes é um juízo totalmente maduro, que descobre o caráter essencial e necessário do fenômeno em questão. São verdades parciais, baseadas em evidências parciais. Ainda não são o todo da verdade fundamental. A verdade total, a realidade interna máxima de um fenômeno, não pode ser compreendida até que suas contradições essenciais tenham sido completamente expostas, englobadas em sua totalidade e desenvolvidas até seu ponto de ruptura.

Para os sindicalistas os operários com mentalidade sindical o conflito de classe parece estar concentrado ou localizado na área econômica, confinado a uma só indústria ou um só país ou a um momento particular. Opõe-se aos patrões na indústria, mas não ainda na vida política ou cultural. A compreensão operária de luta de classes, está limitada aos momentos ou lugares em que aparece pela primeira vez e com mais força imprimindo sua realidade na mente dos trabalhadores. É natural. Em todas as ciências se sabe que as manifestações não são necessárias, ou nem se quer usualmente, as verdadeiras causas. O operário deverá seguir estas manifestações episódicas da luta de classes até suas raízes e descobrir os níveis intermediários entre as diversas conseqüências e suas causas básicas para se converter em um revolucionário socialista consciente.

Neste nível de sua consciência de classe o operário ainda crê, erroneamente, que ainda que seus interesses sejam opostos e mesmo irreconciliáveis no plano elementar econômico, podem reconciliados em algum nível superior da sociedade, nos âmbitos religioso, político ou fraternal. Vê as necessidades de suas organizações econômicas de classe, mas não a de um partido independente dos operários. Esta é a mentalidade da grande parte dos operários nos Estados Unidos. Sabem e sentem que devem ter seus sindicatos. Sem dúvida crêem, illogicamente, que não precisam de um partido operário militante. Depositam sua fé política não em seus próprios representantes eleitos mas em pequenos e grandes políticos capitalistas.

Os operários, nesta etapa de sua marcha até a consciência de classe revolucionária procuram se salvar da opressão do capitalismo primeiro por meios econômicos. A forma mais persistente e poderosa desta fase, nos Estados Unidos, foi a política do sindicalismo puro da escola de Gompers na A.F.L. (American Federations of Labor). O anarcossindicalismo, da qual a I.W.W. foi o ramo local, foi essencialmente uma expressão mais radical da mesma posição que teve sua expressão local nos I.W.W., foi... mais apolítica.

Estes dois movimentos aparentemente irreconciliáveis foram fundamentalmente os pólos opostos da mesma tendência geral apolítica, própria dessa fase particular da evolução da mentalidade da massa dos operários norte-americanos.

Então, ainda que os trabalhadores se comprometam na luta organizada no campo econômico não conseguem generalizar esta luta de classes estendendo-a a outras esferas da vida social. Mas a indústria não opera no vazio. Esta os encadeia tanto ao resto da vida nacional como às condições internacionais. Os sindicatos descobrem que seus avanços na linha puramente econômica tomam cada vez mais restritos ao se enfrentarem com as condições políticas, culturais e mundiais que circunscrevem suas atividades e avanços econômicos. O sindicalismo puro é demasiado estreito em suas bases e enfoque para fazer frente, na teoria ou na prática, a estas limitações que o envolvem e que, no fundo, determinam a extensão e direção de seu desenvolvimento.

Isto se torna mais evidente em tempos de crise econômica e política, como a crise mundial de 1929-1933 que colocou clara a bancarrota política da tradicional A.F.L. e levou ao surgimento de um novo sindicalismo. E ainda mais notório em tempos de guerra, quando todas as atividades sindicais estão dominadas por agências governamentais e pelas condições internacionais. É igualmente evidente na incapacidade do sindicalismo para repelir, por si só, a ameaça do fascismo e outros tipos menos virulentos de reação capitalista.

Para preservar e acrescentar o que conseguiram no campo econômico, os operários devem deixar de lado o sindicalismo puro e simples (que na realidade nunca foi puro nem simples!) chegar a um nível mais elevado de compreensão de classe, ação de classe e organização de classe. Sob o econômico se encontra o político, sob o político a teoria de classe e a cultura de classe. Estes são

dois escalões aos quais as condições objetivas vão levando às massas operárias.

Ao estabelecer uma separação de seus patrões, ao formar os sindicatos, ao participar em greves os operários modificam consideravelmente a si mesmos e a seu ponto de vista. Mas ainda não se politizaram, e muito menos revolucionaram, como tão pouco a suas idéias. Nesta conjuntura de seu desenvolvimento existe uma contradição implícita e um conflito contínuo em cada operário e nas filas da classe trabalhadora entre a mentalidade sindicalista e as condições objetivas de sua luta. Isto se manifesta no movimento sindical como um conflito contínuo entre os setores mais retrógrados e os mais avançados. Os burocratas se apoiam nos primeiros, enquanto que os revolucionários buscam sustentação e procuram limpar o caminho para os segundos.

Toda contradição representa uma oportunidade, não menos que um obstáculo, se a maneja e compreende adequadamente. A contradição objetiva mais evidente entre a organização dos operários para uma ação independente no campo industrial e sua subordinação política aos partidos e política capitalistas suprem a força motriz para a nova etapa de seu desenvolvimento. Como se produzirá esta grande contradição? Esta é a questão teórica, colocada pela prática, que hoje enfrenta a massa dos operários norte-americanos.

Graças a uma série de experiências práticas, João e seus companheiros se convenceram de que seus problemas não podem ser resolvidos pela ação e organização econômica somente. Procuram complementar isso com uma ação política. De acordo com seu enfoque original e primitivo se voltam primeiro, em busca de ajuda, aos, partidos capitalistas. Aproximam-se dos Republicanos, que os traem como em 1929-1932. Tiram como conclusão; Este partido não é bom. E em base a este juízo particular, a maioria dos trabalhadores se volta ao Partido Democrata.

Ainda têm que generalizar sua desilusão, com uma oposição à política e aos partidos capitalistas. Chegar à conclusão de que ambos os partidos capitalistas e todos os patrões são ruins para nós requer mais experiência e experiências muito mais profundas.

A primeira expressão desta nova atitude toma a forma negativa de desilusão teórica e passividade política. Desesperançados, os operários pensam: "toda política é ruim, todos os políticos são traidores; ao diabo com a política".

Mas esta atitude negativa acerca da política leva em si um germe positivo. Uma ruptura com os partidos capitalistas é o requisito prévio para um tipo diferente de partido e política. É um índice negativo do fato positivo de que os operários estão começando a se dar conta de que precisam e querem seu próprio partido de classe. Estão começando a se aproximar da declaração de independência política.

Nesta etapa, os operários mais militantes retornam à ação no campo político mas a partir de um nível mais elevado de consciência de classe. Exigem, criam, estabelecem seus próprios partidos operários, como o fizeram na Inglaterra e Europa. Assim, como antes ao organizar seus sindicatos, romperam sua dependência econômica dos capitalistas, agora se emancipam da associação política, ao criar seu partido operário de massas.

Esta é a etapa que está se aproximando aos operários norte-americanos. Mas a evolução, a elevação de sua consciência de classe, não termina neste ponto. Pelo contrário, a formação de seu próprio partido classista acelera a expansão de sua consciência de classe e radicaliza sua ação de classe. O desenvolvimento dialético que leva aos trabalhadores das organizações políticas capitalistas a seu oposto, às organizações políticas operárias, se reafirma na etapa seguinte, não no plano organizativo mas no mais alto de uma política e uma perspectiva de classe.

Na fase inicial de uma política operária independente os partidos operários de massa têm autonomia organizativa mas seguem uma política de colaboração de classes, como o American Labour Party em Nova Iorque. Isto é inevitável sob as condições de desenvolvimento dadas. Descobrimos aqui que a política operária tem uma forma independente, mas não uma independência essencial, porque se identificam com os partidos capitalistas ou se acoplam a eles, como o A. L. P., que era o carro chefe de Roosevelt.

Na nova etapa da luta deve se produzir uma ruptura nesta questão, ainda que não seja decisiva e irreconciliável. É a etapa da política e dos políticos centristas que oscilam entre o

caminho reformista e o revolucionário.

Na etapa final da luta ocorre uma ruptura completa com a política e os partidos capitalistas. As massas trabalhadoras já fizeram o juízo: "toda luta de classes é uma luta política". A partir daí fazem um juízo posterior "nossa luta política deve ser revolucionária, dirigida à conquista do poder pelos trabalhadores". Neste ponto os trabalhadores, individual ou coletivamente, revolucionaram suas mentalidades. Estão prontos para se unir à vanguarda revolucionária socialista.

Sua evolução é claro, não termina aqui. Os operários com consciência de classe intervêm ativamente na luta de classes em escala nacional e mundial, procurando elevar o movimento revolucionário internacional a níveis cada vez mais altos.

O desenvolvimento real de cada operário individual desde a obscuridade capitalista ao esclarecimento socialista, ou a evolução política das massas trabalhadoras não ocorre, é claro, estrita conformidade com este esquema lógico abstrato. A realidade objetiva está cheia de inumeráveis combinações, zig-zags e contradições. Cada caso tem suas peculiaridades, já que o caminho do desenvolvimento está determinado pelas condições materiais e não pelos padrões lógicos.

Mas cada instância individual, por mais peculiar que pareça, representa somente uma combinação diferente e mais complexa dessas leis básicas e dessas distintas etapas do desenvolvimento dialético.

Um horário nos permite seguir a rota, a chegada e a partida dos trens mesmo quando alguns chegam tarde, outros antes do previsto e alguns outros jamais cheguem ao destino. Desta maneira esta linha abstrata nos permite seguir o curso geral do desenvolvimento. Em alguns casos deverão ser feitos alguns ajustes para se acomodar a circunstâncias específicas.

Tomemos nota dos aspectos importantes deste processo desde o ponto de vista lógico:

1. O processo se desenvolveu através de contradições, em conjunto e em cada fase. Todo o processo foi uma passagem contraditória da completa identidade de interesses à oposição absoluta e da ignorância ao conhecimento científico. A mentalidade dos operários foi transformada em seu oposto, através da descoberta objetiva e o correspondente reconhecimento intelectual existência de interesses de classe opostos e irreconciliáveis.

2. As várias formas de juízos refletiam sucessivas etapas na compreensão dos fatos reais, formulados em categorias lógicas e representavam uma ampliação e aprofundamento das reais relações sociais, juntamente com seu conhecimento. Eram de natureza tanto objetiva como subjetiva.

3. Esta forma de juízos, que refletiam as sucessivas etapas do desenvolvimento mental e social, surgiam uma da outra de um modo lógico de acordo com a extensão e profundidade da experiência envolvida. De um caso isolado a um grupo de casos: logo a toda a classe, de toda a classe, aprofundando até a compreensão das bases sociais e dos interesses materiais dessa classe. Este foi o processo tomado no plano do desenvolvimento social.

Este processo social objetivo tem suas expressões lógicas no singular, no particular e no universal e finalmente o juízo culminante da lei necessária e universal. As fases sucessivas do desenvolvimento social da classe e sua conscientização têm seus correspondentes reflexos no processo de pensamento lógico. Estes dois processos estão essencialmente encadeados um ao outro.

4. Estes juízos suprem a base para a atividade prática: "A teoria é o guia da ação". Não pode haver prática revolucionária sem teoria revolucionária.

5. A dialética é o tipo superior de conhecimento científico dos processos reais. No aspecto prático é a consumação e condensação da rica e madura experiência do movimento da classe trabalhadora, que engloba todas as formas e fases das lutas concretas. No aspecto teórico, é o produto mais elevado do trabalho intelectual e da investigação. Este conhecimento é a recompensa à luta e ao trabalho.

O processo da evolução mental e social que descrevemos aqui em um caso individual ocorre da mesma forma em toda a classe operária, especialmente em seus setores mais avançados. Através de suas lutas, as massas operárias se tomam progressivamente conscientes, ao passar por crescentes

níveis de compreensão, de suas verdadeiras relações com os exploradores capitalistas. Em qualquer momento deste processo, diferentes partes da mesma classe se encontram em diferentes níveis de conscientização. Enquanto os mais retrógrados podem permanecer fixos na etapa de colaboração, por estímulo da necessidade a vanguarda pode haver avançado, alcançado e mesmo ultrapassado, o ponto do conflito revolucionário tão inevitável. Por exemplo, em 1922, os operários russos em comparação com os norte-americanos; o povo cubano comparado ao norte-americano em 1962.

Quando um número suficiente de operários emerge do primitivo estado de sobrevivência absoluta e começa a se diferenciar na teoria e na prática e a se opor aos capitalistas, começa a ocorrer uma mudança na consciência social e política dessa classe. Mas para a classe como um todo ainda não se produziu um salto qualitativo em sua mentalidade política. Existe progresso até esse ponto, mas a mudança ainda não é suficientemente profunda para produzir uma transformação revolucionária em seu oposto.

Esta mudança revolucionária na consciência de classe tem lugar somente quando o setor dominante dos trabalhadores, ajudado e encabeçado pelo S.W.P. (seção oficial da IV Internacional) se convence da absoluta incompatibilidade de seus interesses vitais com o regime capitalista e passam a atuar sobre essa convicção teórica. A um certo nível de desenvolvimento da luta de classes e da educação classista dos operários, atinge-se inevitavelmente este ponto crítico. Então tem lugar uma mudança qualitativa na consciência de classe dos trabalhadores, um salto revolucionário. De uma mentalidade mais ou menos capitalista, passam a ser revolucionários nos pensamentos e nos atos. Assim é a lei necessária da luta de classes, que se manifesta inexoravelmente nesta agonia do capitalismo.

Em uma etapa específica do curso deste processo tem lugar uma inversão dialética. O que havia sido um efeito da luta de classes, a crescente conscientização da vanguarda opera expressada no crescimento; do partido revolucionário e de sua influência, se converte a seu turno a causa da aceleração e maturação da luta. A lógica objetiva dos fatos se explicita e se realiza através da compreensão consciente e da intervenção política dos operários com mentalidade socialista. Sua percepção subjetiva da lógica dos fatos, produzida por suas experiências na luta classes e por sua educação marxista, se convertem em um escalão indispensável das causas que levam a revolução socialista.

A luta de classes entre capital e trabalho se dá então conjuntamente com a compreensão de seu significado por parte dos operários, através de fatos sucessivos. Partindo dos países mais avançados, se estende a todo o mundo. Começando em uma simples fábrica ou indústria, abrange toda a vida econômica da nação. Iniciando-se no nível mais baixo de teoria e organização, avança através de sucessivas etapas, desvios e voltas, explosões e retrocessos, primeiro de forma episódica, passando por generalizações limitadas e a seguir a uma generalização total, até que alcança o ápice nessa revolução. Então o processo continua se desenvolvendo dialeticamente, mas sobre bases sociais e materiais superiores.

Isso é o que se quer dizer com "a lógica da história". Este é um esboço da dialética da luta de classes em nossa época, que se desloca de uma etapa à seguinte até que provoca a derrocada revolucionária do velho mundo e a criação de um novo sistema social. A dialética materialista que estudamos deriva sua importância do papel essencial que exerce neste processo histórico mundial. A abolição do capitalismo através do triunfo do socialismo será a reivindicação final da verdade, o poder e a glória do materialismo dialético, a lógica marxista. A tarefa dos socialistas revolucionários é leva-la a cabo.